

VIFÓRUM permanente de MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os
museus e coleções universitárias?

panoramas históricos,
provocações reflexivas,
perspectivas empíricas e
proposições metodológicas
para o século XXI

caderno de
resumos

Rio de Janeiro
28.08 a 01.09
2023



Realização



Organização



Apoio



centro de ciências matemáticas e da natureza



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Caderno de Resumos - 7ª Fórum Permanente de Museus Universitários

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932, Benfica, Fortaleza - Ceará
CEP. 60020-181
Site: www.editora.ufc.br - E-mail: editora@ufc.br

Normalização Bibliográfica: Gislene Soares Guerra - CRB 3/1846

Projeto Gráfico e Capa: Rodrigo Luiz dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F745 Fórum permanente de Museus Universitários (7. : 2023 : Rio de Janeiro, RJ).
30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias? [recurso eletrônico] : panoramas históricos, provocações reflexivas, perspectivas empíricas e proposições metodológicas para o século XXI : VII Fórum permanente de Museus Universitários, 28 de agosto a 01 de setembro de 2023 : cadernos de resumos / comissão organizadora : Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro... [et al.]. – Fortaleza: Mauc Edições, 2025.
4. 8 Mb ; PDF.
Vários Autores
ISBN 978-65-85071-10-9

1. Museus. 2. Museologia. I. Castro, Aline Rocha de Souza Ferreira de (org.). II. Título. III. VII FPMU.

CDD: 069

Elaborada por: Gislene Soares Guerra - CRB 3/1846

VIFÓRUM permanente de MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os
museus e coleções universitárias?

O 7º Fórum Permanente de Museus Universitários foi um espaço de encontro, diálogo e construção coletiva sobre os sentidos e os desafios que atravessam os museus e coleções universitárias nos dias de hoje. Com o tema “30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias?”, o evento propôs uma reflexão sobre o papel desses espaços em um mundo em constante transformação.

Trinta anos se passaram desde o primeiro fórum, em 1992, e muita coisa mudou: novas demandas sociais, tecnológicas e culturais desafiam as universidades e, conseqüentemente, os seus museus. Hoje, esses espaços precisam repensar suas práticas e formas de relacionamento com a sociedade, indo além do público acadêmico e buscando maior abertura e escuta ativa com os diferentes coletivos e comunidades.

Durante o Fórum, foram realizadas conferências, apresentações de trabalhos, mesas de debate, reuniões temáticas e visitas técnicas. A programação foi pensada para acolher diferentes vozes e experiências, promovendo a troca de saberes e a construção de propostas para o futuro.

Esta publicação reúne parte dessas reflexões e contribuições, oferecendo uma visão abrangente sobre o que foi debatido no evento. Mais do que um registro, este material pretende inspirar novas práticas e fortalecer os museus e coleções universitárias como espaços vivos, plurais e relevantes para a sociedade contemporânea.



Comissão Organizadora	p. 3
Pareceristas	p. 4
Apresentação	p. 5
Sessão I - Panoramas Históricos	p. 6
Sessão II - Provocações Reflexivas	p. 19
Sessão III - Perspectivas Empíricas	p. 37
Sessão IV - Proposições Metodológicas	p. 76
Programa das Apresentações	p. 101

Comissão Organizadora

Coordenação Geral

Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro

Museu da Geodiversidade

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) /
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

Andrea Costa

Museu Nacional

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/
Escola de Museologia
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

Organização Local

Andrea Costa

Museu Nacional

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/
Escola de Museologia
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro

Museu da Geodiversidade

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) /
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

Damiane Daniel Silva de Oliveira dos Santos

Ministério da Educação - Secretaria de Educação Superior -
Diretoria de Desenvolvimento da Rede de Instituições
Federais de Educação Superior

Coordenação Científica

Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro

Museu da Geodiversidade

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) /
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
(UNIRIO)

Gerson Rodrigues de Albuquerque

Universidade Federal do Acre
(UFAC)

Paola Haber Maués

Coleção Amazoniana de Arte
Universidade Federal do Pará
(ICA/UFPA)

Secretaria

Aline Miranda

Museu Nacional

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Graciele Karine Siqueira

Museu de Arte

Universidade Federal do Ceará
(Mauc/UFC)

Finanças

Tamara Fernanda Carneiro Evangelista

Museóloga

Universidade Federal do Paraná
(UFPR)

Comunicação

Vanessa Spinosa

Museu do Seridó

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(UFRN)

Rodrigo Luiz dos Santos

Museu Universitário da Pontifícia Universidade
Católica de Campinas
(PUC Campinas)

Revisão Textual

Leonora Vale de Albuquerque

Universidade Federal do Ceará
(UFC)

Acessibilidade

Damiane Daniel Silva de Oliveira dos Santos

Ministério da Educação - Secretaria de Educação Superior -
Diretoria de Desenvolvimento da Rede de Instituições
Federais de Educação Superior

Carlizeth Campos

Universidade Federal do Ceará
(UFC)

Felipe Miguel

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Nathally de Almeida Rosário

Museu da Geodiversidade (MGeo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Pareceristas

Andrea Fernandes Costa
Bruno Melo de Araújo
Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos
Diogo Jorge Melo
Emanuela Ribeiro
Felipe de Oliveira Miguel
Fernanda Magalhães Pinto
Francisco Bento da Silva
Gabriela de Carvalho Freire
Guilhermina Terra
Isabela Ribeiro de Arruda
Jacqueline Sousa
Jéssica Tarine
Kamylla Passos
Karla Cristina Damasceno de Oliveira
Lívia Mascarenhas
Luciana Ferreira da Costa
Ludmila Ribeiro de Carvalho
Maria Josiane Vieira
Moysés Marcionilo Siqueira
Paulo Victor Catharino Gitsin
Silvilene de Barros Ribeiro Morais
Vinicius Monção

Apresentação

O VII Fórum Permanente de Museus Universitários (VII FPMU) ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 28 de agosto a 01 de setembro de 2023, e teve como tema: “30 anos depois... para que(m) ainda serve(m) os museus e coleções universitárias? Panoramas históricos, provocações reflexivas, perspectivas empíricas e proposições metodológicas para o século XXI”.

Esta edição contou com 241 (duzentas e quarenta e uma) pessoas inscritas, incluindo a comissão organizadora, palestrantes, alunos monitores e intérpretes de Libras. Foram submetidos 88 (oitenta e oito) resumos simples que apresentaram, discutiram e aprofundaram diversos temas relacionados aos museus universitários, distribuídos pelos 4 eixos temáticos propostos. Desses, 77 (setenta e sete) foram apresentados em formato oral durante o evento.

Os trabalhos completos em formato de artigo puderam ser submetidos para duas revistas: **Muiraquitã - Revista de Letras e Humanidades** do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre – (UFAC) - volume 12, número 2; e a **Arteriais**, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA), volume 10, número 18.

Os resumos dos trabalhos apresentados estão reunidos a seguir, de acordo com cada eixo temático. Boa leitura!



Sessão I

Panoramas Históricos

Eixo temático: Panoramas Históricos

No início da década de 1990, precisamente no ano de 1992, inúmeros movimentos e encontros despontavam internacional e nacionalmente, inclusive no âmbito museal. No Brasil, tendo como grande evento e marco a Eco 1992, também acontecia um evento de proporções menores, mas de igual relevância para os museus: o I Encontro Nacional de Museus Universitários (atual Fórum Permanente de Museus Universitários).

Naquele contexto, foram tratados 03 eixos temáticos: o Museu e a sua relação com a Universidade; Museus e Cidadania; e a Pesquisa em Museus¹. Aqui, propomos o exercício de revisitar tanto os acontecimentos ocorridos a partir deste marco temporal, como também esses eixos temáticos, agora sob a égide das necessidades e questões colocadas pelo século XXI:

1) Museu e a sua relação com a Universidade - como pensar as coleções e os museus na relação com as universidades a partir de uma perspectiva abrangente, que inclui outros coletivos que se relacionam e/ou confluem com essa instância de ensino? Como pensar/gerir as coleções e museus universitários num contexto de desmonte das instituições de ensino (principalmente públicas), que afeta mais ainda os museus nas suas fragilidades? Que problemáticas os museus universitários enfrentam ao não serem considerados atividade fim da universidade?

2) Museus e Cidadania - qual a importância das coleções e museus universitários no ambiente acadêmico, que também promove hierarquias, exclusões e opressões? Como as coleções e os museus universitários têm abordado, ao longo de seus caminhos e descaminhos, os diferentes coletivos que o circundam? Como são tratadas as diferenças e a urgente necessidade de inclusão - seja ela pelo viés das deficiências físicas, cognitivas e/ou pelas barreiras interseccionais?

3) Pesquisa em Museus - quais os desafios para a manutenção de ações em prol do conhecimento dos acervos e coleções universitárias que extrapolam uma perspectiva científica? Para além de um processo de difusão e/ou divulgação das coleções universitárias, quais os caminhos para uma pesquisa que privilegie a participação de outros coletivos que não estão enquadrados na comunidade acadêmica?

1. SOARES, Marianna de Souza. Museus Universitários, encontros e redes de museus: estratégias de articulação e reconhecimento. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, 2020. Orientadora: Maria Margaret Lopes. 248p.

PATRIMÔNIO E OS OBJETOS DOS LABORATÓRIOS DE FÍSICA EXPERIMENTAL DA ÁREA BÁSICA II DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Tiago Alexandre da Silva Valle (tiagoasvalle@gmail.com)
Marcus Granato (marcus@mast.br)

Este trabalho apresenta os resultados de pesquisa concluída, realizada no âmbito do Mestrado Interinstitucional (MINTER) em Museologia e Patrimônio, fruto de Acordo de Cooperação estabelecido entre a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). A pesquisa perseguiu o objetivo de investigar os objetos do ensino de física experimental em desuso na Área Básica II da UFPE, no sentido de verificar suas possibilidades de vir a fazer parte do patrimônio cultural da ciência e tecnologia brasileiro. O método utilizado visou identificar, entre outros aspectos, informações sobre a trajetória singular do conjunto de objetos e refletir, sob a ótica da Museologia, acerca dos valores atribuídos a esses instrumentos. Foi adotado como percurso metodológico a revisão bibliográfica, o levantamento de fontes documentais associadas, o estudo das características intrínsecas dos objetos, o exame das características extrínsecas dos equipamentos por meio de formulário eletrônico respondido por sujeitos que tiveram contato profissional com esses instrumentos. A pesquisa identificou três grupos de equipamentos: os que antecedem a década de 1970; os que têm relação com os diversos convênios firmados pelo Departamento de Física da UFPE durante seus primeiros anos de existência, início da década de 1970; e os que têm o registro de um convênio específico realizado em 1978 entre a FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) e a UFPE com recursos tomados de empréstimo pela União ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). Os estudos confirmaram que os objetos – pelo seu valor histórico e de pesquisa – têm possibilidades de vir a fazer parte do patrimônio cultural da ciência e tecnologia. Os artefatos podem compor coleções que, entre outras funções, ajudem a contar as histórias da ciência, dos cientistas, da Universidade e da sociedade que utilizaram os instrumentos nas suas finalidades anteriores. O resultado da pesquisa realizada na UFPE reflete a realidade de várias instituições de ensino e pesquisa do Brasil. A constante atualização dos saberes do século XX determinaram que essas instituições substituíssem seus equipamentos por modelos mais recentes, gerando o acúmulo de objetos fora dos seus circuitos originais e sem a devida avaliação das suas potencialidades culturais. Esta pesquisa pode ser relacionada com o eixo temático ‘Panorama Histórico’, pois expõe, na história do tempo presente, uma questão do ‘Museu e a sua relação com a Universidade’ discutida desde o I Encontro Nacional de Museus Universitários: os entraves para a implementação de uma política efetiva de preservação do patrimônio cultural universitário. Esta é uma antiga problemática que as redes de museus universitários devem enfrentar, agora sob as questões colocadas para o século XXI.

MOSTRA VIRTUAL “PESQUISA E EXTENSÃO NA REDE DE MUSEUS”: DIAGNÓSTICO E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO A PARTIR DE UM PORTFÓLIO DE ATIVIDADES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO REALIZADAS POR MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIAS E CULTURA DA UFMG

Marcus Marciano Gonçalves da Silveira (marcusmgsilveira@gmail.com)

A Semana do Conhecimento da UFMG, atualmente em sua 31ª edição, integra a Semana Nacional da Ciência e Tecnologia, promovida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Reúne e apresenta, sempre nos meses de outubro, trabalhos de ensino, pesquisa e extensão realizados por servidores docentes e técnico-administrativos e estudantes da UFMG, durante eventos presenciais sediados em diferentes unidades acadêmicas e distribuídos de acordo com o vínculo institucional dos orientadores acadêmicos dos respectivos projetos. As limitações impostas por tal logística dificultavam a obtenção de um panorama dos trabalhos realizados nos museus e espaços de ciências e cultura que integram a Rede de Museus da Universidade, uma vez que as apresentações ocorrem simultaneamente em unidades acadêmicas diferentes. Dessa forma, no ano de 2015, o Conselho Coordenador da Rede de Museus optou por reunir tais trabalhos virtualmente, em evento a ser organizado a cada ano por meio de websites desenvolvidos especialmente para este fim. A Mostra Virtual “Pesquisa e Extensão na Rede de Museus” integra, desde então, a programação oficial da Semana do Conhecimento da UFMG (<http://www.ufmg.br/rededemuseus/mostravirtual>). O objetivo do evento é possibilitar que a comunidade acadêmica e o público em geral conheçam os trabalhos realizados pela Rede de Museus e seus espaços integrantes, além de fomentar a formação de redes colaborativas ao permitir a inserção de comentários dirigidos aos autores dos projetos. Todas as edições permanecem disponíveis para consulta, formando um portfólio de trabalhos de extensão e iniciação científica realizados nos últimos oito anos pela Rede de Museus e seus espaços integrantes. Esta comunicação pretende apresentar um balanço parcial do público visitante e da produção científico-cultural realizada pelos projetos participantes das 8 (oito) edições da Mostra Virtual, tendo em vista a diversidade de espaços/missões institucionais e de temáticas representadas. Quais as principais linhas de atuação extensionista e de pesquisa contempladas pelos trabalhos apresentados? Qual o perfil do público-alvo atingido pelos projetos realizados? Qual é o alcance do evento em termos numéricos e geográficos? Qual o grau de interatividade identificado a partir dos comentários efetuados pelos visitantes virtuais? Acreditamos que a resposta a tais questionamentos será útil não apenas para a avaliação do evento. A partir de um diagnóstico que também buscará identificar forças, fraquezas, ameaças e oportunidades, poderemos sugerir novas estratégias ofensivas (forças versus oportunidades), de confronto (forças versus ameaças), de reforço (fraquezas versus oportunidades) e defensivas (fraquezas versus ameaças) voltadas aos editais que ofertam bolsas de extensão e de iniciação científica a integrantes da Rede de Museus (em parceria com as Pró-Reitorias de Extensão e de Pesquisa da Universidade).

OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E OS ESTÁGIOS DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFOP

Gilson Antonio Nunes (gilson@ufop.edu.br)

Ao completar quinze anos de criação do curso de graduação em Museologia na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o primeiro de Minas Gerais, verificou-se uma significativa relação com os museus universitários. Primeiramente entre o curso de Museologia e o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da UFOP (MCT). Quando da instalação do curso, optou-se pela implantação do Laboratório de Conservação e Restauro do Departamento de Museologia da universidade (LABCOR) no prédio do MCT no centro histórico de Ouro Preto, ainda que a maioria das disciplinas do curso de Museologia sejam ministradas no prédio da Escola de Direito, Turismo e Museologia no campus do Morro do Cruzeiro. Assim no LABCOR, um laboratório funcionando em um museu universitário, são ministradas as disciplinas práticas de conservação do curso de Museologia, utilizando em algumas atividades, acervos dos museus universitários da UFOP: seja do MCT e mesmo do Museu da Farmácia que se localiza próximo à Escola de Minas. Além das aulas e diversas outras ações deste laboratório, estão as atividades de conservação do acervo do MCT. Estas atividades, na maioria das ocasiões, são desenvolvidas por alunos de graduação em Museologia realizando o estágio curricular obrigatório com carga horária de cento e vinte horas. No currículo vigente, o discente deve realizar dois estágios, devendo matricular-se nas disciplinas Estágio Curricular I e II respectivamente, totalizando duzentas e quarenta horas. Com efeito, dados do Projeto Mapa de Estágios do Curso de Museologia desenvolvido no âmbito do Programa Pró-ativa financiado pela Pró-reitoria de Graduação da UFOP, indicam que cerca de 79% dos estágios foram realizados em Ouro Preto, 68% em instituições da própria UFOP, sendo elas o LABCOR com 75% de trabalhos realizados, o Museu da Farmácia com 19% e, finalmente, o MCT com 6%. Desta forma, esses alunos em sua vivência prática, supervisionados pelo conservador e coordenador do LABCOR contribuem para a manutenção e gestão de coleções dos museus universitários. Principalmente no MCT, trabalhando com acervos em exposição e também acondicionados nas reservas técnicas e depósitos. No Museu da Farmácia essa rotina também é verificada cabendo a supervisão do estágio à museóloga da instituição. Não por acaso, 75% de todos os estágios realizados pelos alunos de Museologia da UFOP concentram-se na área de conservação e preservação, seguidos de 16% em ações de documentação e finalmente 9% em comunicação museológica. O alto índice de estágios na área de conservação realizados no LABCOR, em coleções do MCT, e no Museu da Farmácia acabam por se constituir em um alento nos museus universitários da UFOP que não fogem à realidade de boa parte das instituições desta categoria carentes de mão de obra técnica especializada, recursos financeiros e, em muitos casos, instalados em edificações destinadas às faculdades e ocupadas por um museu. Portanto, a UFOP e particularmente os acervos e os seus museus universitários, são a principal fonte para a realização dos estágios curriculares que contribuem com a formação dos futuros Museólogos graduados pela universidade.

ECOMUSEU ILHA GRANDE: CONTRADIÇÕES, AÇÕES, DESAFIOS E CONFLITOS DE UM “ECOMUSEU UNIVERSITÁRIO”

Gelsom Rozentino de Almeida (rozentino@gmail.com)

O presente trabalho busca apresentar o Ecomuseu Ilha Grande, os seus projetos e ações diante das tensões, conflitos e desafios enfrentados, enquanto ao mesmo tempo um Ecomuseu e um museu universitário. O Ecomuseu Ilha Grande é uma unidade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PR-3/UERJ). Após a desativação e implosão da Penitenciária Cândido Mendes em abril de 1994, a UERJ aceitou receber a área da antiga penitenciária, que inclui a Vila Dois Rios, uma cidade prisional, com os moradores. A UERJ foi a única universidade que aceitou receber a área com os moradores. E essa relação é marcada por fortes tensões. Em 1995 foi criada a primeira unidade, o Centro de Estudos Ambientais (CEADS), vinculado a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PR-2). Em 1999 foi criado o projeto do Ecomuseu, reconhecido em 2007 enquanto um museu universitário. Com a recuperação do patrimônio histórico a partir das antigas ruínas e da realização de diferentes projetos e atividades em Dois Rios e nas demais comunidades da Ilha Grande (15 ao todo) a relação foi se transformando significativamente, apresentando novas possibilidades de construção democrática e coletiva. O Ecomuseu tornou-se um interlocutor entre diferentes grupos de pesquisa da universidade, movimentos sociais, organizações não governamentais e órgãos dos poderes públicos municipais, estaduais e federais. A missão do Ecomuseu Ilha Grande é incorporar a comunidade como sujeito do processo de conservação e desenvolvimento sustentável do território da Ilha Grande, por meio da preservação, pesquisa, valorização e difusão da história, memória, cultura e identidade locais, bem como do patrimônio natural, material e imaterial, promovendo a reflexão e a ação consciente. O Ecomuseu Ilha Grande é composto por quatro núcleos: Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, Parque Botânico e Centro Multimídia. Propõe uma reflexão crítica que supere uma suposta ambiguidade dessa relação, a partir da sua própria práxis. Para tanto, expõe de forma breve, a sua trajetória desde a criação até os dias atuais. O texto problematiza a relação dialética do Ecomuseu Ilha Grande com os conceitos de território, tempo e comunidade. Bem como desses com a universidade e a complexidade da interdisciplinaridade e da ecologia de saberes, entre os científicos e os tradicionais. O Ecomuseu Ilha Grande visa incorporar a comunidade como sujeito do processo de conservação e desenvolvimento sustentável do território da Ilha Grande, por meio da preservação, pesquisa, valorização e difusão da história, memória, cultura e da identidade locais, bem como do patrimônio natural, material e imaterial, promovendo a reflexão e a ação consciente. O Ecomuseu Ilha Grande busca estar ao lado e junto com a comunidade, como parceiro de vida, numa relação de trocas, confiança e integração. O Ecomuseu continua cumprindo sua função sociocomunitária, visando contribuir com ferramentas de orientações de saúde, educação e oportunidades de geração de renda e desenvolvimento local e sustentável. Deve contar com a coletividade, com a resiliência e resistência das comunidades na superação dos problemas atuais e perspectivas futuras. Não seria essa uma função social da universidade?

FUNDO DOCUMENTAL JOSÉ AUGUSTO DE ARAÚJO: CONDIÇÕES DE GUARDA E PESQUISAS SOBRE HISTÓRIA POLÍTICA E DITADURA CIVIL-MILITAR NO ACRE

Francisco Bento da Silva (francisco.bento@ufac.br)

A comunicação visa destacar a importância do Fundo Documental do ex-governador José Augusto de Araújo, deposto pelo golpe civil-militar de 1964 em seus desdobramentos e contextos locais. O Fundo foi doado em 2004 para a UFAC e encontra-se hoje sob guarda do Museu Universitário da Universidade Federal do Acre - UFAC e foi organizado e catalogado em um trabalho que envolveu discentes e docentes do Curso de Licenciatura em História da UFAC. Deste fundo documental, diversos trabalhos e pesquisas foram publicados e trouxeram à tona aspectos da historiografia local em muito silenciados. Surgiram textos relacionados a trabalhos de dissertação de mestrado; livro; Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e artigos publicados em periódicos resultados de projetos de pesquisas de Iniciação Científica envolvendo docentes e discentes da - UFAC. Este fundo documental é composto de uma variedade grande de documentos de caráter pessoal/familiar (José Augusto, familiares e amigos) e público (documentos produzidos durante sua administração frente ao executivo acreano). São jornais, fotografias, cartas, telegramas, mapas, relatórios, revistas, dentre outros que compõem este rico acervo documental que é um passeio sobre a história política e social do Acre nos anos de 1960 a 1980, principalmente. Devido ser uma documentação física, cujo acesso e consulta ao material tem restrições de ordem museal e de localização geográfica aos/as pesquisadores/as de Rio Branco, o ideal seria em algum momento a Universidade ter condições de digitalizar esta documentação e desmobilizá-la - assim como as documentações dos outros Fundos do Museu Universitário - e torná-lo acessível em formato online para um público muito maior que hoje desconhece o referido acervo documental. Isso tornaria, inclusive, os documentos físicos mais bem preservados na medida em que se restringe sua manipulação manual e os torna de conhecimento mais amplo e com acessibilidade para pessoas interessadas nas referidas temáticas apontadas ou outras que possam ser pesquisadas a partir de áreas de pesquisas afins de acordo com interesses específicos que a variedade documental permitir.

A TRAJETÓRIA DO ACERVO DA LANEIRA BRASILEIRA SA: PROBLEMAS DE GESTÃO DE ACERVOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

Magda Villanova Nunes (magdavillanova@gmail.com)
Annelise Costa Montone (annelisemontone@gmail.com)

Através do projeto, em andamento, “Reserva Técnica do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais: Pesquisa, documentação, organização e monitoramento do Acervo”, propõe-se neste artigo refletir acerca do caminho percorrido pelo acervo da antiga fábrica Laneira Brasileira SA, desde a compra do prédio pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) até sua acomodação na reserva técnica do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL. Entende-se que a identificação desse percurso colabora com o tema e a construção do conhecimento de alguns problemas que os museus universitários enfrentam ao não serem considerados atividade fim da universidade, proposto pelo eixo Panoramas Históricos do VII FPMU. A Laneira Brasileira SA foi uma fábrica de beneficiamento e comércio de lã que funcionou no período entre 1949 e 2003, em Pelotas, RS. Considerada um patrimônio industrial do município, desenvolveram-se algumas pesquisas abordando seu valor cultural, histórico, social e memorial (COELHO, 2017; MELO, 2012). Diante da relevância, como patrimônio industrial e paisagem cultural de Pelotas, em 2010, a UFPEL adquiriu o prédio. De acordo com o Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL (NDH/UFPEL), buscando preservar o patrimônio industrial da cidade, essa documentação foi incorporada ao seu acervo. Segundo a página do NDH, o recolhimento do acervo da Laneira teve a finalidade de “salvaguardar a identidade da empresa e a memória dos trabalhadores, através de projetos de organização e higienização, fazendo com que todos os documentos fiquem à disposição de pesquisadores e demais interessados”. As pesquisas sobre a fábrica apontam que, após a compra do prédio, o projeto era que ali funcionasse o Museu da UFPEL, ainda não implantado. O acervo ingressou na UFPEL pelo NDH e pela Fototeca Memória da UFPEL, ligados ao Instituto de Ciências Humanas, ao qual também pertence o Curso de Conservação e Restauração. Realizada assim a seleção dos materiais: para o NDH foram enviados documentos referentes aos “processos trabalhistas da indústria, FGTS, plantas arquitetônicas” e para a Fototeca foi a “documentação de compra e venda de imóveis, contrato de trabalho, notificações e hipotecas, plantas arquitetônicas e fotografias da fábrica” (MELO, 2012, p.56). No entanto, ao dar início à realização do projeto de pesquisa sobre as reservas técnicas, em setembro de 2022, passamos a indagar como a documentação da Laneira foi depositada na reserva técnica do curso de Conservação e Restauração. São partes de maquinários e livros de contabilidade. A chegada desse acervo na reserva técnica não está esclarecida e um dos objetivos da pesquisa é obter a documentação dessa trajetória. Compreende-se as atividades fim das universidades, o conhecido tripé: ensino, pesquisa e extensão. Portanto, os acervos museológicos, por sua natureza didática, de aprendizagem, difusão, geradora de conhecimento e de reflexão, delimitam-se dentro desses três pilares. Sendo assim, infere-se que uma das possíveis razões desse não reconhecimento, além de uma visão conservadora sobre os museus e acervos, seja também a falta de investimentos na gestão administrativa, em pessoal qualificado nas áreas da museologia, conservação e arquivologia para o planejamento que potencializa as finalidades da instituição.

“MURILO MENDES - O OLHO ARMADO”: A PESQUISA DO PROFESSOR ARLINDO DAIBERT PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO POETA MURILO MENDES NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)

Valtencir Almeida Passos (valtenciralmeida@yahoo.com.br)

A presente comunicação propõe a análise sobre a pesquisa do artista plástico e professor Arlindo Daibert (1952-1993) no que diz respeito à obra e preservação da memória de Murilo Mendes (1901-1975), do interesse do poeta pelas artes plásticas, além de sua relação com os artistas presentes em sua coleção de arte. A coleção de artes plásticas que pertenceu ao poeta juiz-forano Murilo Mendes pôs-se como o objeto que busquei explorar no mestrado acadêmico (PPG-ACL/IAD/UFJF) concluído, em 2019, no qual defendi a dissertação intitulada “O processo de institucionalização da coleção de artes plásticas do poeta Murilo Mendes”. Atualmente, este acervo pertence ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), o qual está vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Foi o próprio MAMM, lugar no qual trabalho como restaurador, que me despertou a necessidade de entender melhor este espaço em que “habito”. Desse modo, as práticas relacionadas à preservação da coleção de artes plásticas inseridas no âmbito institucional permitiram a observação e a reflexão quanto à tomada de decisões no que diz respeito à medida de segurança e à salvaguarda do acervo. No exercício diário com as obras (catalogação, manuseio, conservação preventiva, restauração e montagem de exposição), surgiu a necessidade de entendimento da pesquisa empreendida por Arlindo Daibert no exame específico do setor de artes plásticas da biblioteca particular de Murilo Mendes. Em 1984, Daibert foi nomeado professor do Departamento de Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Naquele mesmo ano, empreendeu seus primeiros estudos na biblioteca do poeta doada à UFJF, em 1977. Assim, organizou o projeto “Murilo Mendes: o olho armado” e, juntamente, com professores dos Departamentos de Artes, Letras, História e Filosofia implementaram o Centro Murilo Mendes (CMM) e iniciaram troca de correspondência com Maria da Saudade Cortesão Mendes, viúva do poeta (1913-2010). A abordagem metodológica, por meio da troca de correspondência entre Daibert e Maria da Saudade traz à luz que para o professor, a pesquisa se tornou um compromisso pessoal e não uma atividade meramente acadêmica e sua atuação foi de fundamental importância para o conhecimento e a divulgação da vida, da obra e da coleção de arte do poeta no Brasil. Somando-se aos esforços de Maria da Saudade, seu trabalho apontou perspectivas de negociação que culminaram na transferência da Coleção Murilo Mendes para o país em 1994. Esta pesquisa, relaciona-se com o eixo temático proposto pelo VII FPMU: “Panoramas históricos” enfocando, sobretudo, a relação da UFJF com a coleção de arte do poeta Murilo Mendes e a importância das pesquisas em museus.

COMO NASCE UM MUSEU UNIVERSITÁRIO NOS SERTÕES? REFLEXÕES E ESTUDO DE CASO A PARTIR DO MUSEU DO SERIDÓ (CERES/UFRN)

Tiago Tavares e Silva (tiago.tavares@ufrn.br)

Vanessa Spinosa (vanessa.spinosa@ufrn.br)

A pergunta não tem uma resposta única, visto que, mesmo abrigados na mesma tipologia de museu universitário, há inúmeros museus que variam em sua história, comunidade a qual estão ligados, temas, financiamento, quantitativo de equipe e variações nas formas de comunicação, conservação e pesquisa (ALMEIDA, 2002). Este trabalho de pesquisa, em fase inicial, parte da historicidade específica do Museu do Seridó para pensar a constituição de um museu universitário, neste estudo de caso. O Museu do Seridó não iniciou suas atividades enquanto instituição acadêmica, mas por iniciativa da Igreja Católica da cidade de Caicó, no Rio Grande do Norte. O seu fundador, padre Antenor Salvino, voltara de uma viagem a São Paulo e teve a ideia de criar um museu que tratasse da cultura da região. A partir de então, o padre passou a coletar doações em fazendas e com famílias locais para compor o acervo. Uma das peças originou o primeiro nome da unidade, o Museu Pena de Ouro, pois era uma caneta de ouro doada pela família Felipe Guerra. Inaugurado em 1968, apenas em 1973 o Museu do Seridó encontrou sua sede mais longeva, doada ao padre pela Prefeitura de Caicó, a mesma até os dias atuais. O prédio foi construído em 1812 como Senado de Câmara e Cadeia da Vila Nova do Príncipe, hoje parte do município de Caicó. A edificação em si, unidade universitária e tombada pelo município, é patrimônio material para a cidade e trabalhada no museu em tal perspectiva. Em 1978, temos a mudança que mais nos interessa aqui: o museu passa à administração do Centro Regional de Ensino Superior do Seridó (CERES), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em 1993, a custódia do prédio passa definitivamente à UFRN, quando houve uma reforma física e reabertura ao público. Em 1999, o Museu de Seridó é instituído como Unidade Suplementar do CERES, condição que se mantém até hoje. Em 2019, mais uma vez é reaberto, com regimento atualizado e novo plano museológico, contando com sólida atividade nas redes sociais e com exposições anuais (Devoções do Seridó) e esporádicas (Objetos Sentidos). O entendimento da metamorfose de um museu católico para um museu acadêmico nos ajuda a compreender melhor as tipologias a partir de um caso concreto. Com a passagem para museu universitário observamos: a) uma maior observação dos princípios técnicos da conservação preventiva; b) uma maior variedade de usos didáticos no acervo, agora dentro do triângulo-função da universidade contemporânea, ensino-pesquisa-extensão; c) como consequência da anterior, a proporção de estudantes universitários, em especial da área de Humanas, aumentou em detrimento da comunidade externa à universidade; d) em consequência do segundo ponto levantado, ocorre uma alteração simbólica das peças, cuja maioria liga-se ao catolicismo, que é sua dessacralização.

PARA QUE(M) AINDA SERVE O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS DA USP? REFLEXÕES - 1993-2023

Miriam Della Posta de Azevedo (miriamigc@usp.br)

Este trabalho visa acompanhar a proposta do VII FPMU de repensar as atividades dos espaços museológicos entre os anos de 1993 (um ano após a criação do FPMU) e o momento atual, fazendo um estudo de caso com o Museu de Geociências do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo. O Museu, que no estatuto da USP consta como "acervo de unidade de ensino" refere-se a um espaço de 450 m² no primeiro andar do Instituto de Geociências onde são realizadas atividades de cultura e extensão universitária e onde ocorrem todas as ações pertinentes a um espaço museológico: colecionar, pesquisar, interpretar e expor, comunicar e, principalmente, estar a serviço da sociedade. Inaugurado no espaço atual justamente em 1992, o Museu carrega consigo, devido à sua trajetória institucional, marcas comuns aos espaços universitários: coleções resultantes de pesquisas docentes, material acumulado ao longo de décadas em departamentos distintos, exposições necessárias ao atendimento dos cursos de graduação (razão de existir dos museus universitários), entre outras tantas. Mas como estas características primárias de um museu universitário convivem com um público visitante que é majoritariamente não universitário? Como adequar origem com permanência? Esse trabalho intenciona analisar alguns desafios colocados à equipe em 2014, ocasião em que foi confeccionado seu Plano Museológico: a modernização do Museu, cuja característica principal era ser pensado para servir apenas à comunidade acadêmica, mas que atendia muito mais o público escolar do ensino básico. Modernizar significava: adaptar a linguagem expositiva a um público leigo, transformar o Museu de fato num Museu de Geociências, pois a exposição ainda era majoritariamente mineralógica, e se apropriar de seu acervo, apontado como seu principal ponto forte. Mas tudo isso sem abandonar a tradição acadêmica que lhe deu origem. Pode-se afirmar que as atividades do Museu de Geociências, nos últimos cinco anos, têm tirado o foco da instituição e o colocado no visitante como centro, e nas relações que ele estabelece com o museu, tornando sua experiência mais sensorial, utilizando seu ponto forte que é o acervo, como ponte e conferindo sentido à sua visita por meio do incremento das atividades educativas. Passados 30 anos da inauguração do Museu no espaço atual, há muito que se pensar, para que seja traçado um novo percurso: quais são as continuidades? E as rupturas? Quais foram os ganhos e perdas nesse período? Como utilizar a mesma balança para medir atividades realizadas em momentos históricos tão distintos? Quais eram os objetivos em 1992? São os mesmos de 2014? E em 2023, tudo que foi pensado ainda faz sentido?

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS DE ARTE NO BRASIL: PERSPECTIVAS E ATUALIZAÇÕES

Humberto Torres Gonzales (humbertotorres17@live.com)

Dentre os múltiplos perfis de instituições museológicas, constata-se uma categoria responsável pela salvaguarda e comunicação de objetos, coleções e saberes que encontram-se sob os cuidados administrativos de instituições de ensino superior. Os museus universitários estão inseridos em um terreno extremamente fértil e potente que se edifica a partir dos pontos de convergência entre a esfera museológica e a esfera universitária, e, portanto, encontram-se sujeitos às lógicas, práticas e especificidades de ambos os contextos. Este ponto interseccional confere a tais museus, notáveis potencialidades comunicacionais, considerando sua inserção e atuação pautada na dinâmica universitária do ensino, da pesquisa e da extensão. Isto posto, o presente estudo tem por objetivo, ir além ao investigar e apresentar considerações em movência acerca de uma tipologia específica deste tipo de instituição: os museus universitários de arte. Tais museus configuram-se enquanto uma minoria no âmbito global e, em um contexto nacional, a situação agrava-se no âmbito da produção acadêmica. Observa-se uma escassez de materiais publicados acerca dos papéis, problemas e perfis destas instituições culturais. Analogamente aos demais museus, esta categoria compreende uma gama de subdivisões características, que podem vir a ser otimizadas e sistematizadas a partir da natureza dos objetos salvaguardados em seus amplos e diversos acervos, que abrigam bens culturais musealizados dos mais distintos gêneros, como, a título de exemplo, obras de arte moderna e produções em arte contemporânea, como observa-se no Museu Universitário de Arte da Universidade Federal de Uberlândia (MUnA/UFU), objetos votivos e de arte sacra, tal como as peças que compõem o rico acervo do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA), dentre múltiplas outras possibilidades de bens com os quais podemos nos deparar. Deste modo, respaldados pela base de dados do repositório da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMUI) e do Mapa de Museus Universitários no Brasil, publicizado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), bem como embasados nas referências e nas reflexões verificadas ao longo da pesquisa de mestrado do autor, atualmente em desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU-UFBA), o escrito revisita a literatura científica previamente desenvolvida acerca dos museus universitários de arte no contexto brasileiro, com a finalidade de apresentar um recorte em constante atualização acerca do vasto panorama que compreende a pluralidade de instituições e práticas museológicas-universitárias, com foco dirigido à sua contextualização, quantificação e às já mencionadas especificidades de acervos passíveis de serem encontradas nos referidos museus.

40 ANOS DEPOIS... PARA QUE(M) AINDA SERVE O MUSEU AFRO-BRASILEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Amélia Pereira Costa (costtaamelia@gmail.com)
Marcelo Cunha (marcelo.bernardodacunha.cunha@gmail.com)

Em janeiro de 1982, por ocasião da inauguração do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, o então reitor da instituição, Professor Dr. Luiz Fernando Macedo Costa, ressaltava em sua fala a capacidade do museu de contribuir com o ensino, a pesquisa e a extensão, sendo que, esta última, enquanto parte do objetivo institucional, já estava sendo cumprida antes mesmo da abertura oficial do museu, por meio do desenvolvimento de atividades de caráter extensionista. Naquele momento essa extensão estava sendo entendida como ato bilateral; um interfluxo entre a Universidade e as comunidades externas e o MAFRO surge, então, como fruto dessa compreensão. Relação evidenciada desde a origem, entre outras coisas, pela doação de roupas e elementos componentes de indumentária sacra pertencente a várias comunidades religiosas da cidade, para compor o acervo do museu. Balizado nessa compreensão de atuação “com” a comunidade é que emerge o exercício educacional do Museu, por meio do Programa Museu-Comunidade, ainda em 1981, um ano antes de sua inauguração e abertura oficial ao público, e sob a qual o museu construiu toda sua trajetória. Com as mais diversas tipologias, o MAFRO desenvolveu, entre 1981 e 2018, cerca de 303 projetos e programas educativos, ancorados no conceito de educação em sentido amplo; no compromisso social e nas ações afirmativas; no engajamento e na implicação política; e na participação comunitária, construção coletiva. Importa ressaltar que tanto o surgimento do museu, no ano de 1974, e sua posterior abertura no início da década de 1980, estavam relacionados ao contexto de estreitamento das relações brasileiras com o continente africano, na perspectiva de valorização da importância das culturas e tradições africanas no Brasil. Esta busca pela aproximação e valorização tem sido a tônica das ações do MAFRO ao longo da sua existência, sobretudo no que diz respeito a enfrentamentos relacionados ao racismo, intolerância religiosa e violência relacionada a corpos negros em nossa sociedade. Essas reflexões resultam da atuação profissional dos autores no Museu Afro-Brasileiro, bem como de seus respectivas pesquisas de mestrado, as quais se relacionam com a história do museu e com seu exercício educacional; dialogam com o eixo temático panoramas históricos, ao revisitar a trajetória institucional e pensar os caminhos e contornos da atuação do museu no passado e no presente; bem como com as discussões acerca dos Museus e Cidadania, ao compreender a atuação institucional como ferramenta para o desenvolvimento social e compromissada com o exercício de uma cidadania plena, por meio do cumprimento de suas funções sociais.

ENTRE VOZES E MEMÓRIAS: A FORMAÇÃO DA COLEÇÃO CORAL CHAMPAGNAT PUCPR

Mariane Macagnan Pagio (mariane.macagnan@gmail.com)

Janaik Helcias Firmino Baum (janaikhelcias@gmail.com)

O Centro de Memória PUCPR, tem se consolidado em um espaço significativo para a preservação, pesquisa e difusão da memória da PUCPR e dos grupos que a constituem. Os percursos para formação das coleções evidenciam os papéis legados ao CEME desde a sua origem, em 2000, como Memorial da PUCPR até se tornar Centro de Memória, em 2010. Neste sentido, as memórias universitárias se materializam por meio do Laboratório de História Oral, acervos documentais, iconográficos, audiovisuais e tridimensionais. A presente pesquisa, em andamento, se faz em torno da coleção referente ao grupo artístico da PUCPR, Coral Champagnat, criado em 1972, com o nome de “Coral da UCP” (Universidade Católica do Paraná). No período de 1973 a 1987, o grupo passou por diferentes regências, sendo desativado por alguns anos entre as décadas de 1970 e 1980. Em 2022, o Coral completou 50 anos de atividades, e ao longo de sua trajetória, congregou alunos, colaboradores e profissionais, vindo a ocupar espaços para além da PUCPR, como o Teatro Guaíra, festivais de Canto Coral e Teatro Paiol. As memórias do Coral se entrelaçam com o desenvolvimento da cultura na universidade, em parceria com os demais grupos culturais da PUCPR, como o Teatro Tanahora, o Coral participou de espetáculos como “A noite da Paz” em 1986, vindo a reunir mais de cem artistas no principal teatro de Curitiba, o Teatro Guaíra. Também é possível citar a parceria com a Orquestra de Câmara da PUCPR no espetáculo “Ícones da Música Grega” no ano 2000. Ou até mesmo com o Quarteto de Cordas no espetáculo “Trilhas”. Neste contexto, a presente pesquisa, é continuidade do projeto de pesquisa realizado pela Maestrina Rosemeri Paese junto ao Centro de Memória para sistematizar o percurso histórico do grupo, durante o ano de seu cinquentenário, o qual se estendeu até início de 2023. Ao debatermos sobre memória no âmbito da universidade e suas coleções, temos como base que as instituições são detentoras de saberes e poderes, assim, lembranças e esquecimentos são permeadas de intencionalidade dos diferentes grupos. Com base no autor Maurice Halbwachs, a memória tem uma dimensão social e coletiva, as lembranças são construídas no contexto das relações. Desta forma, esta pesquisa tem por objetivo, contextualizar os processos de musealização e institucionalização das memórias coletivas do Coral Champagnat pelo Centro Memória PUCPR e as narrativas conferidas a estes objetos. Partindo dos conceitos propostos por Bruno Brulon, no que refere aos significados atribuídos aos objetos ao integrarem os espaços de memória. A coleção Coral Champagnat contempla memórias para além da universidade, congregando a microhistória dos integrantes que passaram por tempo determinado pelo grupo e que se entrelaçam com os movimentos estudantis ligados à cultura em Curitiba.



Sessão II

Provocações Reflexivas

Eixo temático: Provocações Reflexivas

Sob a regência dos capitais científicos produzidos e legitimados pelas universidades, as coleções e museus universitários se beneficiaram, ao longo de sua história, de uma dada narrativa que, em geral, foi tida como inquestionável. Entretanto, movimentos e discursos, recorrentemente nomeados de “pós-verdades”, questionam determinadas teorias, leis, preceitos, enunciados e acordos do campo científico tais como “terra plana”, “negação do Holocausto”, “negação de ditaduras”, “negação da pandemia”, disseminação massiva de fake news, entre outros movimentos. Considerando tal realidade, o questionamento levantado desde o primeiro encontro a respeito do que vinha a ser um museu universitário² nos confronta sobre o que somos hoje, e nossa fachada de neutralidade é colocada em xeque.

Se não entendemos mais os museus como instituições neutras e inquestionáveis, o que somos hoje? Como as coleções e os museus universitários se posicionam (ou poderiam se posicionar) frente a movimentos que questionam o pensamento produzido por nossas instituições, seja pela via acima apresentada ou pelo reconhecimento da existência (legítima) de outras formas de ser, estar e compreender o mundo? Como as coleções e os museus universitários têm abordado (ou poderiam abordar) questões tratadas ou pertinentes aos giros decoloniais e/ou feridas coloniais? Quais contribuições reflexivas as coleções e os museus universitários podem apresentar sobre a importância de processos inclusivos desde sua concepção, planejamento e manutenção da sua existência como espaço democrático? Como as coleções e os museus universitários se encaixam, se adaptam ou mesmo se contrapõem à nova definição de museu proposta pelo ICOM em 2022?

NO ESCURINHO DA CÚPULA KWARAHY: PLANEJANDO AÇÕES EM UM MUSEU NA AMAZÔNIA

Dina Carla da Costa Bandeira (carladinacbandeira@gmail.com)

Alice dos Santos Sousa (alicesousa@uepa.br)

A Universidade do Estado do Pará-UEPA abriga somente dois espaços de caráter museológico, sendo o Museu da Escola de Enfermagem “Magalhães Barata” e o Centro de Ciências e Planetário do Pará “Sebastião Sodré da Gama”, sendo este último, vinculado a Pró-Reitora de Extensão que além de atuar como espaço de divulgação científica, também agrega em sua missão o desafio de contribuir para a formação de estagiários (obrigatórios e voluntários) de diferentes áreas do conhecimento, promovendo e ampliando assim, por meio de experiências diversificadas na interação com linguagens científicas no espaço do Centro de Ciências, bem como na cúpula de projeção a vivenciar a práxis museal. Neste contexto, o Centro de Ciências e Planetário do Pará “Sebastião Sodré da Gama” se apresenta como um museu de ciências e tecnologia que foi inaugurado no ano de 1999 e que ao longo da sua constituição histórica, vem a cada início de ano, planejando ações para cumprir junto à sociedade, sobretudo a paraense(seu maior público), a sua missão institucional, o qual “difundir, promover e aplicar o conhecimento em Ciências, por meio de uma maior interação com os visitantes do espaço, visando promover um maior desenvolvimento científico sociocultural da população paraense”, ficando a cargo dos profissionais responsáveis pelas ações educativas, sendo composto pela assessoria pedagógica (pedagogas), por professores (das áreas de matemática, biologia, química, acessibilidade, biologia e física), além dos técnicos de nível superior (Tecnologia da Informação, física, biologia e química) além dos estagiários e bolsistas que também compõem este museu. No que toca ao planejamento das ações, estas são materializadas nas variadas atividades e projetos que são realizadas com o seu público (escolar e geral). Destaque-se que desde o ano de 2020, muito tem se discutido, sobre qual saber científico permeará tais práticas, a fim descolonizar este museu e estar mais próximo dos saberes amazônicos. O presente trabalho tem como objetivo socializar as práticas de planejamento realizadas pela equipe do Planetário, em que foi realizado durante duas semanas do mês de janeiro do ano de 2022, agregando sessões de cúpula com a participação de estagiários, professores e técnicos com fins de repensar e articular as sessões e as atuações e inter-relação no centro de ciências. Para isso foi conduzida uma pesquisa exploratória de abordagem quanti-qualitativa utilizando um questionário com perguntas abertas e fechadas. Participaram do estudo de forma voluntária e consentida, um total de 25 pessoas sendo estagiários, professores e técnicos. Os dados obtidos a partir das respostas possibilitaram à equipe, a elaboração do plano de trabalho para o ano de 2022, de maneira a um resgate à valorização do saber dos povos tradicionais da Amazônia. O envolvimento da equipe como um todo, nos remete a análise de um movimento bastante interessante acerca da participação ativa na construção do conhecimento no campo museal, o que permite, sobretudo aos estagiários, ter uma imagem mais humanizada em relação aos museus de ciências e Planetários no contexto amazônico.

COLEÇÕES E COMUNIDADES DE INTERESSE DO MUSEU AMAZÔNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS: RELAÇÕES COM A AGENDA 2030

Thiago Giordano De Souza Siqueira (thiago.giordano@gmail.com)

As universidades têm sido importantes colecionadoras e guardiãs de objetos e artefatos há séculos. Com o tempo, essas coleções se tornaram museus universitários, que desempenham um papel importante na preservação e apresentação do patrimônio cultural e científico. O Museu Amazônico (MA) da Universidade Federal do Amazonas configura-se como importante fonte de ensino e pesquisa para estudantes, professores, pesquisadores e público em geral. Possui coleções únicas que ajudam a entender a história da ciência e da cultura da sociedade manauara e do povo amazônico, além de contribuir para a preservação desses patrimônios para as futuras gerações. Trata-se de reflexão transversal e complementar à tese em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista. Compreende os museus como espaço de comunicação e aprendizagem que propicia o acesso à informação, gera e disponibiliza oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Assume o museu como espaço que oferece uma variedade de programas educacionais e experiências de aprendizagem para os visitantes. Objetivo alinhado ao que defende a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que reconhece o papel dos museus no desenvolvimento sustentável e recomenda que esses espaços estejam comprometidos com o acesso físico e à cultura para todos, incluindo os grupos vulneráveis e organizado como atores nas comunidades locais, contribuir em atividades geradoras de renda e economia do turismo (UNESCO, 2017). Cabral (2021) identificou que o perfil do público do MA é composto pelo público escolar público do ensino médio e fundamental, seguido de visitantes turistas. Assim, nota-se que o museu pode colaborar com escolas e instituições de ensino para desenvolver currículos e recursos pedagógicos que incorporem os objetos e a história do museu, bem como sobre a história da cidade de Manaus e dos povos indígenas que habitam a região. Essa perspectiva está alinhada com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 - Educação de Qualidade, que busca garantir a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Assim sendo, Educação e conscientização caminham juntas e os museus têm o potencial de educar e conscientizar as pessoas sobre questões importantes, como o meio ambiente, os direitos humanos e a diversidade cultural e isso pode contribuir para tornar o aprendizado mais envolvente e significativo para os alunos, e a promover a apreciação pelo patrimônio cultural e histórico. Para o público de visitantes turistas, destaca-se o ODS 8 - Trabalho Decente e Crescimento Econômico, que busca promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho decente para todos. Isso é oportunizado quando o MA comunica aspectos da tradição do povo manauara e à medida que o turista conhece e aprende, tem uma possibilidade de ampliar a vontade de explorar a região e favorecer a promoção do turismo sustentável, assumindo um possível papel na contribuição para o desenvolvimento do turismo sustentável, incentivando o turismo cultural e promovendo a conservação do patrimônio cultural e natural.

MULHERES CIENTISTAS NOS MUSEUS

Camila de Macedo Soares Silveira (msscamilahotmail.com)

Daniel Mauricio Viana de Souza (danielmvsouza@gmail.com)

Neste trabalho pretende-se discorrer sobre a representação das mulheres cientistas no âmbito dos museus de ciência, utilizando-se do estudo de caso de mulheres cientistas dentro de um museu universitário na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Trata-se de um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado, em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, denominada “Os Museus de Ciência e a Mulher Cientista: o caso das Irmãs Figueiredo”, com orientação do Professor Doutor Daniel Mauricio Viana de Souza, e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tem como objetivo realizar uma investigação sobre a presença das mulheres nos museus e na ciência, analisando sua inserção, atuação e as (in)visibilidades no panorama de representatividade nas instituições de memórias, trazendo luz sobre a dinâmica entre esquecimento e memória das mulheres cientistas. Desta maneira, pode-se destacar, em um recorte local, o estudo sobre o Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), de modo a refletir acerca da discussão teórica, assim como trazer uma problematização sobre sua narrativa. O Museu possui uma vasta coleção entomológica, com um imenso valor científico, em sua grande maioria com exemplares da ordem Lepidoptera (borboletas e mariposas), sendo a principal e maior coleção do Museu. Atrrelada a ela, está uma folha A4 que conta, de maneira breve e sucinta, sobre as cientistas, as Irmãs Figueiredo, responsáveis por coletar, catalogar e estudar, de forma autodidata, os espécimes. A coleção foi adquirida, por compra, por Ignes Lopes de Figueiredo em 1997, logo após a criação do Museu, que se deu alguns meses depois. Apesar do aparato expográfico que dá explicitamente os créditos às cientistas, não se desenvolve de maneira aprofundada a narrativa de vida e obra destas mulheres. Devemos ter em mente o caráter em prol da sociedade que os museus de hoje carregam, sendo capazes de servir como uma ferramenta que promova, de maneira inclusiva, debates e diálogos entre as mais diversas vozes e atores; e, no caso dos museus de ciência, gerando uma conexão entre ciência e sociedade, de modo a afastar-se do antigo modelo de “gabinete de curiosidade”, consubstanciado pela pretensa neutralidade e universalidade dos saberes. A partir desta análise, podemos refletir como o Museu de História Natural da UCPEL, com o desenvolvimento de uma Museologia de Gênero, carrega consigo um imenso potencial para debater gênero dentro dos museus através de um trabalho com a historiografia das Irmãs Figueiredo, de maneira a evidenciar histórias de vida de mulheres cientistas, em um campo que se construiu em meio a opressões e invisibilidades.

O FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, A REDE BRASILEIRA DE COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UMA PAUTA UNIFICADA

Mauricio Candido Da Silva (maumal@usp.br)

A presente proposta de comunicação tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a constituição do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), principalmente a partir da sua retomada em 2018, com o V FPMU, realizado pela UFMG, sob a luz da constituição da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), iniciada em 2017. Esta reflexão trata o processo de construção de uma Pauta Unificada como centro de sua análise, pois a considera como uma significativa e simbólica síntese de uma ampla e atual perspectiva de objetivos para a constituição de uma política pública para este conjunto de coleções e museus por diferentes profissionais, docentes, pesquisadores e estudantes envolvidos com este complexo campo museal. Também serão incorporados nas reflexões os resultados do Grupo de Trabalho da Andifes para os Museus Universitários, uma vez que compõem parte desta Pauta Unificada. Como desdobramento de pesquisa de pós-doutorado, o recorte temporal do presente trabalho abrange de 2017 a 2023, mas com referências ao início do século XX, quando surgem as primeiras coleções universitárias no Brasil, assim como ao ano de 1992, quando foi criado o FPMU, no Museu Antropológico da UFC.

A análise da construção da Pauta Unificada se dá pelo viés histórico, como vetor social de uma categoria universitária que tem se organizado ao longo dos últimos anos e busca estudar as especificidades do Fórum e da Rede neste processo, assim como as suas atuações sincrônicas.

Apesar de ações prematuras desenvolvidas já no início da década de 1990, que culminaram no Fórum Permanente de Museus Universitários, além de ações regionais identificadas em algumas universidades por meio de Redes internas, e da própria criação da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários em 2017, que gerou uma nova dinâmica nas discussões deste campo museal, somente em dezembro de 2022 foi constituída a Pauta Unificada, com 28 tópicos levantados. Por que isto aconteceu neste momento?

Há consenso quanto a alta significância do patrimônio museológico universitário para o patrimônio nacional, assim como para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e para a extensão universitária. Ao refletir sobre as proposições de preservação destes acervos, com lutas e conquistas, busca-se também a contribuição para o fortalecimento do campo museal. Com a retomada do FPMU e com a criação da RBCMU, juntamente com o mapeamento de mais 800 núcleos museológicos universitários e mais de 450 profissionais atuantes nestes espaços espalhados pelo país, a ideia de coleções e acervos universitários ganhou força, influenciando diretamente a Pauta Unificada, ampliando a discussão para além dos museus universitários já constituídos, tendo por um lado a inserção destes pequenos, importantes e vulneráveis espaços museais nos interstícios das universidades, públicas (federais, estaduais e municipais) e particulares. Por outro lado, os técnicos destes museus passaram a se organizar e a se fazer presentes, destacadamente por meio do Grupo de Trabalho criado em 2021, em função do VI FPMU. O presente estudo aborda justamente a composição das forças que influenciaram a composição e formação deste novo cenário.

NOTAS, NÚMEROS E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS NO NORDESTE BRASILEIRO

Marcilio Nóbrega Lisboa (marcilio.nobrega@ufpe.br)

Bruno Melo De Araújo (bruno.meloaraujo@ufpe.br)

Este trabalho apresenta o levantamento dos museus universitários do Nordeste brasileiro. Objetivamos atualizar dados, mapear e diagnosticar essas instituições a fim de refletir suas condições de funcionamento e manutenção. Os resultados aqui apresentados são fruto do projeto “MUSEUS UNIVERSITÁRIOS NO NORDESTE: pesquisa, análise, fundamentos e estratégias” financiado pelo Fundo de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE, ao qual reúne esforços para coletar e aprofundar informações acerca do patrimônio cultural de ciência e tecnologia (PCC&T) e as instituições universitárias no Nordeste. Usa-se como referencial teórico a definição de patrimônio cultural de ciência e tecnologia (PCC&T) através da Carta do Rio de Janeiro, sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia (2017) e seus desdobramentos. Como metodologia, adotou-se o levantamento de dados desses museus universitários via internet, tendo como fonte o mapa dos museus universitários do MAST, fruto do projeto “Valorização do Patrimônio Científico” e o site museus.cultura.org.br, além da busca de sites e redes sociais institucionais. Ao investigar os sites das universidades, buscamos identificar as vinculações e enquadramentos institucionais sob os quais o museu está associado. A ficha de referência para o estudo foi utilizada inicialmente pelo projeto “Valorização”, possuindo algumas mudanças em determinados campos para se adequar melhor às necessidades da pesquisa. Ao todo foram contabilizados 89 museus, sendo Pernambuco, Paraíba e Bahia os estados com maiores números de instituições ligadas à universidade, desse número, apenas 3 (três) conseguiram preencher quase a totalidade dos campos da ficha de pesquisa, dois destes três museus são museus de arte, o que mostra uma constante dinâmica e ativismo na promoção de informações e dados tanto institucional quanto das atividades de pesquisa e extensão, e promoção da preservação do acervo. Os museus de arte estão em maior número onde soma o total da tipologia “Linguística, letras e artes”, seguido por “Ciências sociais Aplicadas”, “Ciências Biológicas”, “Ciências Exatas e da Terra”, “Ciências Humanas”, “Ciências Agrárias”, “Engenharias e Ciências da Saúde”. Uma das dificuldades encontradas no levantamento de dados, está na desatualização, descontinuidade ou interrupção do fornecimento de informações, como ocorrido no Cadastro Nacional de Museus que teve seu acesso interrompido desde 2015, impossibilitando o cotejamento dos dados. Isso nos alerta para o apagão nacional que vivenciamos e com o desmonte das políticas de estado que atingiram todos os setores e de forma mais agressiva a educação e a cultura. Este impacto recai ainda mais nos museus universitários uma vez que estes dependem de um departamento, um docente responsável pelo espaço ou por possíveis editais da universidade para se conseguir um meio monetário que auxilie a instituição a manter-se em atividade e custear toda estrutura básica de funcionamento.

EFEITOS COLATERAIS DO PROGRESSO: COMO A DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO PELA INTERNET NOS LEVOU À DESINFORMAÇÃO

Thiago Antonio Oliveira da Costa (thiagocosta.coat@gmail.com)
Milena Sant'anna Pereira (milenaspereira@outlook.com)

Há vinte e nove anos, em 1994, quando a Internet começou a ser comercializada para o público em geral no Brasil, o futuro nos reservava grandes possibilidades; se antes a informação podia ser encontrada basicamente em livros, jornais, revistas e periódicos, disponíveis em bibliotecas, livrarias e bancas de rua, hoje ela chega imediatamente em nossas mãos com poucos cliques. Esse processo de democratização foi tão bem-sucedido que não só o consumo rápido da informação acontece, mas também é possível afirmar que todo indivíduo é capaz de produzir e "viralizar" uma informação em larga escala, com números de replicação até maiores do que os de grandes jornais consagrados. Essa geração de informação em larga escala por todo e qualquer interessado em realizá-la, faz com que o nosso consumo muitas vezes abdique do processo de assimilação reflexiva e analítica do que é transmitido. Diante disso, o EMCCF buscou desenvolver um trabalho de divulgação científica em suas redes sociais de modo a consolidar-se como uma instituição que divulga com qualidade e responsabilidade informações sobre ciências, em diversas áreas. Isso acabou acontecendo durante a pandemia de COVID-19, primeiramente por meio de uma coluna que divulgava informações de extrema relevância para a compreensão e o enfrentamento das dúvidas relacionadas a essa doença. Esse trabalho acabou provocando uma reflexão mais profunda sobre a necessidade de enfrentamento da desinformação científica, que gerou novas colunas com essa intenção. Assim, essa reflexão e o trabalho de produção de conteúdo para essas novas editorias deu início à pesquisa tratada neste resumo, que pretende compreender como a democratização da informação acarretada pela Internet possibilitou usos políticos da mesma, de modo a deliberadamente provocar o fenômeno da desinformação (SCHEUFELE; KRAUSE, 2019, p. 7662), por meio das chamadas fake news. Dessa forma, esse resumo insere-se no eixo temático "Provocações Reflexivas", uma vez que, ao desenvolver esse trabalho de combate às fake news nas redes sociais do museu e de tentar legitimar a imagem do EMCCF como um produtor de informação de qualidade, esta pesquisa espera demonstrar como museus devem atualizar-se sobre as problemáticas de seu tempo, atuando crítica e politicamente sobre elas. Agindo assim, o museu universitário moderno abraça o mundo real e dá novos passos no mundo virtual, de modo a aceitar que esse entrelaçamento é único e amplia as possibilidades de ação destes espaços, dinamizando e intensificando a forma como a troca de saberes entre o corpo social do museu e o seu público acontece e, acima de tudo, permitindo que o museu se ressignifique a partir deste novo paradigma no qual se encontra.

O AUDIOVISUAL EXPERIMENTAL NA COLEÇÃO AMAZONIANA: ENTRE A OBRA DO ACERVO E O DOCUMENTO DE ARQUIVO

Orlando Franco Maneschy (orlando.maneschy@gmail.com)

Danilo Baraúna (danilobarauna@gmail.com)

O objetivo desta comunicação é refletir sobre como um arquivo estabelecido na Universidade Federal do Pará, por meio de pesquisas em torno da arte contemporânea, subvencionadas por editais públicos constituiu a base para a concepção da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Abordaremos o papel singular das pesquisas sobre a imagem em movimento na construção de reflexão crítica sobre o papel da coleção, que caminha não só no sentido da análise das obras, mas que configura dimensões distintas quando esses audiovisuais fazem-se presentes ora no]Arquivo[, ora no acervo de artes visuais.

O]Arquivo[congrega documentos, reflexões, textos e trabalhos científicos feitos por artistas, publicações acerca da região e documentação catalogada a partir de pesquisas científicas relacionadas com a Amazônia. Dentre estes, optamos aqui por explorar o conjunto de trabalhos audiovisuais incorporado na seção Artes Visuais e aqueles que estão depositados no]Arquivo[Amazoniana, obras cedidas para estudo. Compreender essa distinção entre o que se apresenta como documento de pesquisa e o que faz parte da Amazoniana enquanto obra de arte é fundamental nesta problematização.

Desse modo, tensionar esses territórios de acervo é uma necessidade, pois engloba dimensões éticas, políticas, museológicas etc. Portanto, é importante entender que o]Arquivo[desenvolveu-se no âmbito da pesquisa, favorecendo o entendimento inicial da cena artística belenense, para ir se solidificando em um mapeamento maior que compõe novas pesquisas. Estas, que começam em 2005 com foco na imagem no campo da arte contemporânea, geraram frutos como: exposição e livro Seqüestros – imagem na arte contemporânea paraense (2007); projeto Inscrições Videográficas no Pará (2008), que ordenou o primeiro levantamento da produção em videoarte do estado, iniciando um campo de estudo no âmbito da história e crítica dessas realizações na UFPA, e compondo um acervo de pesquisa embrionário que fortaleceria a necessidade e o desejo de constituir uma coleção de arte na universidade que fosse acessível à investigação científica.

Este ambiente de pesquisa na instituição, agregando bolsistas de iniciação científica e a interlocução com artistas fomentou um campo de debates e trocas, ainda mais ativados com o projeto de extensão Processos Artísticos e Curatoriais Contemporâneos, facilitando um território de intercâmbios com estudantes, artistas e curadores. Assim, ensino, pesquisa a extensão favoreceram o estabelecimento de um lugar propício à compreensão da necessidade de reunir obras de arte para a posteridade, uma vez que a história nos lembra dos processos de apagamentos e invisibilização.

A Amazoniana se institui a partir do projeto contemplado com o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça / Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais 2010, resultando em mostras que tiveram grande impacto devido a observação de carência de um acervo que não apenas colecionasse obras de artistas que se propõem a pensar a região, mas de constituir, a partir destas, uma dimensão de construção de debates e reflexão acerca do lugar de diferença desse artista. Esta coleção contempla obras de videoarte em seu acervo, assim como o]Arquivo[em seus documentos de pesquisa. Refletir e problematizar esses territórios contíguos é o fim deste artigo.

MOLDAGENS NO ACERVO DO MUSEU DE ARTE SACRA DA UFBA: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA COLEÇÃO ESQUECIDA

Elis Marina Mota (elismarinamota@gmail.com)

As reflexões apresentadas neste resumo partem da pesquisa de tese em andamento no doutorado em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS UNIRIO/MAST), que visa discutir o modelo conceitual de “Museu de Moldagens”. Esses podem ser lidos em diversas perspectivas. Historicamente representavam uma categoria de museus a ser desenvolvida pelas nações para exportar os modelos de identidade nacional ou para estudo comparativo de história da arte, muito comum nos séculos XIX e XX, sobretudo, em países europeus. Sendo, hoje, frequentes, no universo das coleções e museus universitários, por conta do espólio resultante do ensino acadêmico em artes.

Quando ‘moldes’ são produzidos a partir de obras originais, para confeccionar cópias em materiais distintos à matriz, damos a esse resultado o nome técnico de ‘moldagem’. Seu fim óbvio é de exibição, isto é, um tipo de cópia autorizada. Comumente confundida com uma réplica, ou seja, uma cópia idêntica ao original, tanto em formato quanto em matéria-prima, cuja finalidade, geralmente, é de falsear ou falsificar, pois, por vezes é uma produção de cópia ‘não autorizada’.

Entre as décadas de 1930 e 1950, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) realizou moldagens em gesso de exemplares da arte nacional. Tal projeto se iniciou moldando obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em Minas Gerais. Em seguida, o projeto chegou à Bahia, onde obras em terracota atribuídas ao beneditino, Frei Agostinho da Piedade, em sua grande maioria datadas do século XVII, foram copiadas, também em gesso. Tais peças iriam compor o acervo de um Museu de Moldagens Nacional, que até então, deveria ser inaugurado em 1954, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Com o fracasso dessa empreitada, parte do acervo criado foi doado ao Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1960, e parte acabou esquecida em reservas e depósitos.

A partir de pesquisa na documentação museológica do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA), identificamos que, 4 (quatro) moldagens foram adquiridas para o acervo da instituição entre 1959 e 1961, confeccionadas pela equipe do professor da Escola de Belas Artes da UFBA, Jair Brandão, possivelmente iriam compor o acervo do museu idealizado no Ibirapuera. Na década seguinte, o próprio MAS acabou por providenciar a execução em seu próprio ateliê de restauro, de mais 5 (cinco) moldagens e 3 (três) estudos. Todas as peças foram feitas a partir de originais atribuídos a Frei Agostinho da Piedade, e até o momento do início dessa pesquisa de tese, eram desconhecidas da equipe de processamento técnico do acervo do museu.

Portanto, nos propomos a apresentar reflexões entre a valoração e musealização da cópia à luz da sociomuseologia, de modo a discutir as possíveis funções sociais das moldagens e como essas podem ser exploradas por um museu universitário que, contraditoriamente, não expõe nenhum patrimônio tipicamente universitário. Em outras palavras, vamos discorrer sobre as perspectivas didática e democrática que tal coleção esquecida pode conotar.

PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO E A PESQUISA CIENTÍFICA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE PRODUÇÕES QUE VERSAM SOBRE COLEÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Edson Fialho de Rezende (edsonfialho@ufop.edu.br)
Leandro Benedini Brusadin (leandro@ufop.edu.br)

As universidades são espaços de produção do conhecimento humanístico, científico, tecnológico e artístico. Nesse âmbito, os museus, coleções e acervos universitários, denominados de patrimônio científico e cultural universitário, podem corroborar com esses espaços de saber a partir do acúmulo de experiências, visto que compõem uma fonte inesgotável de informações. Com isso, é possível perceber uma relação dual entre a universidade e seu patrimônio capaz de implicar, positivamente, nos processos de pesquisa e de divulgação. Dessa maneira, parte-se da premissa que a potencialidade do patrimônio científico e cultural universitário está a favor do ensino, da pesquisa e da extensão na universidade, mediante a aproximação entre os campos do conhecimento e os sujeitos envolvidos, em especial, o pesquisador. Haja vista, que, a pluralidade de interesses produzida pelo comprometimento do investigador com esse patrimônio pode favorecer e aperfeiçoar outras perspectivas de investigação e fruição de novos conhecimentos. Acredita-se que uma estreita relação entre pesquisador e o patrimônio é capaz de oferecer à comunidade acadêmica outras experimentações, assim como o compartilhamento de conhecimento. Conseqüentemente, percebe-se que a partir desse movimento há reverberação no processo institucionalizado de salvaguarda do patrimônio universitário. Nesse contexto, o presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de Doutorado, em andamento, e tem como objetivo apresentar uma provocação reflexiva sobre três coleções pertencentes à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Minas Gerais. Para tanto, metodologicamente, foi realizado um mapeamento de produções científicas publicadas na última década no Repositório Institucional da UFOP, no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES e em algumas bases bibliométricas, considerando produções científicas que utilizaram, como objeto investigativo, as seguintes coleções: Herbário Prof. José Badini do Departamento de Biologia (DEBIO), Coleção de Mineralogia do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (MCT/EM) e Coleção Fotográfica do Instituto de Filosofia, Arte e Cultura (IFAC). Após o mapeamento, os dados foram agrupados em quadros sínteses com vistas a identificar as diferentes formas de apropriação e uso desse patrimônio universitário. A partir dos dados coletados, busca-se realizar uma análise sobre a produção científica relacionada com essas coleções face às potencialidades das mesmas, não apenas para o campo específico da pesquisa, mas, também, para o ensino e para as práticas interdisciplinares que devem integrar o campo acadêmico. Dessa forma, é salutar não reduzir o patrimônio universitário a mero transmissor de informação estática ou formal de uma prática científica, mas, sobretudo, dinamizá-lo como instrumento originário do conhecimento socializado a partir dele. Contudo, é fundamental validar, dentro do processo acadêmico científico na UFOP, a potencialidade do patrimônio científico cultural para a pesquisa e a fruição do conhecimento gerado nesses espaços, justificando, sobretudo, os investimentos para a sua preservação.

PARA QUE(M) SERVE(M) AS EXPOSIÇÕES DE PALEONTOLOGIA DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DIANTE DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS?

Josiane Kunzler (josianekunzler@mast.br)

Os museus de/com Paleontologia no Brasil são majoritariamente universitários. Com base no levantamento inédito feito no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) - Mapa dos Museus Universitários Brasileiros, são 63 instituições vinculadas a uma universidade (das cerca de 90 que existem sob diferentes tutelas). Isso está relacionado ao fato de as universidades serem, no Brasil, as principais instâncias de produção de conhecimento em Paleontologia, com raras exceções. Assim, os museus configuram espaços ideais seja para a salvaguarda de patrimônio paleontológico, seja para divulgação e legitimação de tais saberes, especialmente por meio das exposições. Este resumo apresenta uma provocação reflexiva sobre o papel desempenhado por essas exposições, no que tange à socialização das discussões relativas às mudanças climáticas. Essa reflexão acontece no âmbito de um projeto maior, em estágio inicial, realizado também no MAST, cujo objetivo é compreender e propor como os museus de ciências podem abordar as mudanças climáticas por uma perspectiva decolonial. Mas de que forma as exposições de Paleontologia se relacionam com isso? Guardadas algumas especificidades, essas exposições são bastante homogêneas em forma e conteúdo, estando fortemente centradas no objeto e em conceitos gerais da Paleontologia e normalmente organizadas com base na geocronologia, propondo uma viagem no tempo que começa em alguma época geológica e finda no Antropoceno, muitas vezes focando no paradoxo da humanidade ser tão imediata e ao mesmo tempo tão impactante. E é aqui que reside o centro da reflexão proposta. De que humanidade se está falando? O Antropoceno, como conceito que representa uma época marcada pelas ações antrópicas, encapsula todas as formas de vida humana em uma figura única e atribui a esse todo unificado a mesma responsabilidade pela crise que acomete o Sistema Terra. Isso se intensifica já que a "espécie humana" é a menor classificação possível de se abordar nessas exposições, devido aos próprios limites de atuação da Paleontologia. Entretanto, negligencia-se fatores sociais, históricos, políticos e econômicos que interferem na forma de habitar a Terra e conferem a alguns o direito de explorar e a outros, humanos e não humanos, o dever de ser explorado junto à terra. Ignora-se, por exemplo, a existência do racismo ambiental, que força determinados grupos sociais a uma maior situação de vulnerabilidade do que outros. Além de homogêneas, essas exposições são portanto homogeneizadoras e serviriam assim à legitimação de um ambientalismo clássico que perpetua discurso e prática de um sistema colonial que, por sua vez, está intimamente ligado às causas da crise climática observada atualmente. A partir disso, é evidente a necessidade de se questionar o posicionamento adotado pelos museus universitários de Paleontologia diante desse tema. Como seria possível costurar essas fraturas coloniais e ambientais? Discute-se, pelo menos, dois pontos de inflexão: a especificidade dos territórios em que esses museus se inserem como ponto de partida para criar fóruns de debates públicos sobre o tema; a potência da essência interdisciplinar das universidades para a concepção de exposições de Paleontologia em museus universitários, a fim de que sejam mais compromissadas com as necessidades e questões pautadas pelo século XXI.

MUARAN FORMAS E DESAFIOS PARA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ANTES E DURANTE A PANDEMIA

Mariana Brauner Lobato (marianabl1897@gmail.com)
Pedro Luís Machado Sanches (pedrolmsanches@gmail.com)

O Museu Arqueológico e Antropológico (MUARAN) teve seu início como um projeto de extensão universitária ligado aos cursos de Museologia, Conservação-Restauração, Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O museu incorporou novos fenômenos museológicos aproximando a comunidade universitária dos demais públicos com os quais o museu se propõe a dialogar. O MUARAN surgiu como muitos outros museus universitários, porém, as adversidades exigiram a criatividade para garantir sua existência e sua resistência, propondo novas ações e reflexões no âmbito museal. Sem sede própria e aproveitando as coleções didáticas dos laboratórios de Arqueologia da UFPel, o museu se apresentou de forma itinerante, indo até seu público. As ações extramuros marcam sua presença em escolas, no mercado central da cidade e em praça pública. Surpreender o público se tornou uma abordagem comum às ações do MUARAN gerando novas e inusitadas oportunidades de interlocução e envolvimento.

Durante a pandemia, este formato de museu sofreu as necessárias adaptações. Naquele momento de distanciamento social, o museu que não mais podia estar fisicamente na cidade, nas escolas e nos grupos comunitários, se reinventou para marcar sua presença na casa de cada um, nas redes e mídias, se assumindo como mecanismo de comunicação e extroversão por meio do podcast MusealizaçãO. Nesta proposta os debates foram desenvolvidos com a colaboração dos conhecimentos desenvolvidos na universidade e os saberes populares e vivências do momento social proporcionando a aproximação entre universidade e comunidade.

Nesta vivência de museu, as reconfigurações são muitas. A elas correspondem vivências, abordagens e métodos novos, surgidos nas circunstâncias próprias a cada ação do Museu. Essa comunicação procura apresentar e refletir sobre a metodologia peculiar ao MUARAN em sua itinerância, em suas múltiplas frentes de diálogo e também no modo como se adaptou às restrições da pandemia de Covid-19.

Neste sentido, essa comunicação visa contribuir para o debate de como são e podem ser feitas as atividades de extensão de um museu universitário, a relação entre conhecimentos científicos e conhecimentos populares é um desafio de abordagem, ao mesmo tempo que se mostra de suma importância garantir a participação comunitária nos métodos e discursos museológicos e museográficos.

Tendo como base a vivência, profissional e acadêmica de organização e ação das propostas do museu Muaran, este texto agrega teoria e prática museológica para com a criatividade proporcionar novas formas de cumprir o dever acadêmico para com a comunidade. O Muaran segue sua jornada para mais atividades colaborativas e instigantes, seguindo com sua missão de divulgação e incentivo do interesse público acerca do patrimônio arqueológico e etnológico, e de suas interpretações.

PRÁTICA DECOLONIAL NO MUSEU DE ARTES VISUAIS DA UNICAMP: AÇÕES EM DESTAQUE

Ariane Heloise de Carvalho (ariane.hcarvalho@gmail.com)

Esta pesquisa, ainda em andamento, tem como objetivo o estudo de proposições promovidas pelo Museu de Artes Visuais da Unicamp, em relação a ações de cunho crítico-reflexivo de viés decolonial, por meio das exposições “Metáforas do Vazio: O Paraíso Tropical de Rosana Paulino” e “Passado e Presente, a África e o Ocidente na coleção de Rogério Cerqueira Leite”, ocorridas no ano de 2018, sob curadoria da Profa. Dra. Juliana Bevilacqua, e também com a palestra “Da barreira do Inferno à ilha de Corée: perspectivas de um caminho poético” realizada de modo virtual em 2021, com o artista-pesquisador Daniel Lima.

Pautada por questões raciais e de gênero, a artista Rosana Paulino traz consistentemente em suas obras, reflexões sobre a invisibilização do corpo negro e especialmente, da mulher negra no Brasil. Por meio de apropriação de imagens do período colonial, a artista explora esses registros para entender as feridas coloniais herdadas da escravização que permanecem nas estruturas políticas e sociais até os dias presentes. A série “Paraíso Tropical” evidencia o movimento cientificista de hierarquização e classificação de povos de origem africana, de modo que a memória da escravidão não seja esquecida, e enfatizar o papel da ciência nos processos de legitimação dessa violência sistêmica.

“Passado e Presente, a África e o Ocidente na coleção Rogério Cezar de Cerqueira Leite” traz uma coleção de arte africana formada pelo professor Rogério Cezar de Cerqueira Leite, com obras de diversas materialidades, temporalidades e nacionalidades que demonstram a vasta produção artística e cultural africana. Para essa exposição, treze esculturas foram selecionadas para promover discussões sobre as transformações ocorridas no continente africano desde o período colonial, com o intuito de promover uma desconstrução do imaginário da África promovido pelo ocidente europeu.

A palestra com o artista Daniel Lima, trouxe questões de seu trabalho artístico, em que se discutem as africanidades, resistências coletivas e presente colonial no espaço público e no fluxo urbano, a partir das técnicas de audiovisual, cartografia geopolítica e práticas pedagógicas.

Essas ações promovidas pelo MAV Unicamp, apesar de pontuais e espaçadas durante o tempo, exemplificam um movimento de introdução do pensamento decolonial como prática dentro das atividades do museu. Em um contexto de urgência de discussões e implementação de política de cotas raciais na Universidade, vestibular indígena e questões sobre permanência estudantil, por exemplo, ações dessa natureza são extremamente necessárias para a reflexão sobre estratégias decoloniais, como forma de valorizar a construção de narrativas historicamente excluídas do modelo hegemônico de museu e, conseqüentemente, dos museus universitários.

Sendo o MAV Unicamp vinculado à Universidade pública, há o compromisso ético e democrático de trazer voz e representatividade para dentro do museu, também como uma forma de atualização dos equipamentos culturais universitários, para a ressignificação histórica e desprendimento das lógicas coloniais a partir de ações dialógicas entre arte e pesquisa.

Esta pesquisa se ampara em autores como Bruno Brulon, Lisbeth Rebollo, Adriana Mortara Almeida e Waldisa Rússio para pensar em metodologias e práticas para o campo museal, como parâmetro de análise e reflexão sobre as ações do MAV Unicamp.

“FRENTE E VERSO DA INDEPENDÊNCIA - HISTÓRIA EM 360°” - MUSEU, EDUCAÇÃO E HISTÓRIA EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Fernanda Silva Monteiro Pinto (fernandamoonteiro@gmail.com)

Andréa Costa (andrea@mn.ufrj.br)

Este trabalho documenta a reflexão sobre experiências profissionais e formativas em um museu universitário, decorrentes da concepção e implementação de uma visita educativa. A ação deu-se no âmbito do Projeto “Do Museu da Quinta à Quinta como Museu”, da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional (MN/UFRJ), realizado com apoio do Programa de Bolsas SIMAP 2022-2023. Intitulada “Frente e Verso da Independência - História em 360°”, a visita ocorreu no Paço de São Cristóvão (PSC) e arredores, na Quinta da Boa Vista (QBV), integrando a programação da 16ª Primavera de Museus, organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Inspirados pela temática do evento, “Independências e Museus: outros 200, outras histórias”, promovemos durante um fim de semana, quatro visitas abertas ao público geral, com duração de cinquenta minutos, convidando-os a refletir sobre as narrativas hegemônicas acerca da Independência do Brasil e determinadas figuras invisibilizadas nelas, a saber: Pe. José Maurício, Maria Leopoldina e Maria Quitéria. Estruturamos a visita considerando a cronologia da chegada ao Brasil da família real portuguesa até o pós-independência, articulando as ocupações e transformações ocorridas na Quinta. Realizamos um giro a pé pelo jardim-terraço do PSC e arredores, abordando a memória com uma perspectiva crítica e discutindo os processos da Independência, tendo como suporte esse patrimônio e a própria QBV. Nossa proposta metodológica fundamentou-se da seguinte forma: provocação acerca dos conhecimentos prévios dos participantes sobre a Independência; caminhada pelos arredores do MN com uso de elementos discursivos, imagéticos e sonoros; provocação reflexiva, no final da visita, acerca do que conversamos durante o percurso. Os elementos utilizados foram: música Abertura em Ré do Pe. J. Maurício e seus retratos, para discutirmos o seu embranquecimento; fotos das bandeiras imperial e republicana brasileira – símbolos utilizados na construção das identidades da nação; imagem de Leopoldina no Conselho de Estado em 2 de setembro de 1822, para falar de sua atuação na Independência; som com elementos de matrizes africanas no caminho em direção aos fundos do palácio, remetendo à presença de cativos naquele espaço e suas línguas e culturas; imagens do PSC ao longo do tempo e dos poucos escravizados retratados nelas; imagem do “Grito do Ipiranga”, para pensarmos outras possíveis independências – em espaço e protagonismos, como a Revolta dos Malês; retrato de Maria Quitéria para conversarmos sobre o protagonismo feminino na Independência e o seu apagamento étnico-racial. As visitas foram divulgadas pelas redes sociais do Museu e parceiros. Contamos com 5 a 15 participantes, em sua maioria adultos, com alguma familiaridade com o espaço e patrimônio. O público participou ativamente, com dúvidas, comentários e emoções. Pelos depoimentos dos visitantes e análise de suas percepções iniciais e participações na atividade, examinamos o interesse dos mesmos pela proposta apresentada. Verificamos que a visita engajou a reflexão sobre a temática, a partilha de memórias e saberes, bem como a construção coletiva de conhecimento. Muitas estratégias adotadas nessa visita foram incorporadas às visitas regulares de nossa instituição, nos levando a avançar em direção a uma Educação Museal pautada na perspectiva decolonial.

DIVERSIDADES DE VOZES, MÚLTIPLOS SABERES: EXPERIÊNCIAS MUSEAIS NA UNIRIO POR MEIO DAS EXPOSIÇÕES CURRICULARES

Luciana Menezes de Carvalho (carvalho.lucianamenezes@gmail.com)

Julia Nolasco Leitão de Moraes (julia.moraes.unirio@gmail.com)

Até a segunda metade do século XX, os relatos a respeito da Museologia se resumiam, em suma, a configuração de uma disciplina aliada às práticas da instituição moderna Museu, isto é, como afirmou Britto (2019, p. 66), “uma disciplina aplicada que surge no entre-lugar da efetivação de práticas preservacionistas e da orientação conceitual dos paradigmas que as orientam”. Contudo, ao mesmo tempo que atores-chaves defendiam a existência de uma disciplina Museologia e buscavam criar as bases, os fundamentos e delimitar o seu objeto de estudo, movimentos simultâneos por mudanças nas práticas museais influenciaram a ponto de que, mal existia uma ‘velha museologia’, já se criava uma ‘nova’. Ainda, a Nova Museologia fez um convite à Museologia: ao reconhecer a existência desse movimento, que pudesse adotar e aceitar “todas as formas de museologia” (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984). É de suma relevância também apontar que, anteriormente ao surgimento da Nova Museologia e, ainda como base para esse movimento, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile pode ser considerada “[...] como um marco nas discussões a respeito da responsabilidade social do museu, de sua função sobre o território e da interlocução com a comunidade” (CRUZ E SOUZA, 2020, p. 3). Tanto a Mesa-Redonda de Santiago do Chile como a Nova Museologia possibilitariam a compreensão, reflexiva porém também sistematizada, de existência de novas museologias e também de novas práticas museais que extrapolam a manifestação tradicional (SCHEINER, 1998) de museu. No âmbito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a Escola de Museologia (antigo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional - MHN) conta com as exposições curriculares desde a reforma curricular de 1975 como uma prática museal sistemática e coletiva. Segundo Sá (2022, p. 36), as exposições curriculares construíram-se, desde o princípio, como “verdadeiro arauto das transformações na medida em que converge para uma nova concepção de Museologia e Museu, em termos de função social, comunicação, educação e diálogo com o público”. Assim, a presente proposta tem os seguintes objetivos: apresentar as exposições curriculares como processos ou práticas museais que extrapolam as fronteiras que demarcam museus – sejam os tradicionais, ecomuseus, museus comunitários – incluindo a posse de dada coleção e tendo como característica dada permanência; e refletir, como consequência do primeiro objetivo, sobre as exposições curriculares como manifestações museais a partir da relação que Waldisa Rússio (1981) chamaria de fato museal (relação Humano – ou Coletivos - e Objetos em um cenário que não necessariamente precisaria ser institucionalizado). A metodologia da proposta inclui a análise de conteúdo de reflexões de Rússio e de Marília Xavier Cury; e análise dos percursos históricos e metodológicos das exposições curriculares, bem como a produção acadêmica sobre o tema. As conclusões caminharão na direção de que o fenômeno/fato museal se manifesta em cada exposição curricular, mesmo que de forma efêmera.

O MAV COMO AGENTE TRANSFORMADOR NO COTIDIANO E CULTURA DE CAMPINAS.

Marina Victória Santos de Almeida (m246739@dac.unicamp.br)

Na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o Museu de Artes Visuais (MAV) completou recentemente seus 10 primeiros anos de existência, marcados por um acervo com milhares de obras, entre elas pinturas, esculturas, gravuras, cartas, dentre outros tipos de materiais, além da presença de cinco a seis bolsistas anuais para auxiliar seu funcionamento. Como bolsista desde 2021, tive o prazer de realizar diversas atividades pelo MAV, desde atividades online, devido à pandemia de Covid-19, até atividades presenciais, como cuidados e organização do acervo, montagem e monitoria nas exposições.

Em agosto de 2022, o MAV participou de sua primeira exposição pós-pandemia, A Paisagem sob Inventário, exposto no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (MACC) onde eu, juntamente à equipe do MAV, pude receber públicos de todas as idades para contemplar a seleção de obras que fizessem pensar sobre a presença e a nossa contribuição na paisagem. Dentre esse público, contamos com a visita de escolas da rede pública de ensino da cidade de Campinas, em que fizemos propostas não só de reconhecimento e debate sobre as obras, mas também de produzir, pela própria visão das crianças, o seu ideal e imaginário de paisagem.

Os visitantes puderam experimentar sair de sua zona de conforto, assim como eu, que os guiei pela exposição, a partir das novas definições de paisagem que os artistas das obras ali expostas nos ofereceram com base em seu ponto de vista. Até onde a paisagem deixa de ser apenas sobre cenários, natureza, centros urbanos, para se tornar um trecho do corpo humano, fragmentos do horizonte, instalações imóveis? A perspectiva trabalhada sobre um tema, antes tão simples, foi capaz de mudar a visão e a interpretação daqueles que compareceram, inclusive a minha.

Por conta disso, o museu universitário é retirado da delimitação do cenário acadêmico para poder abranger a população e servir o seu propósito de levar arte, cultura e conhecimento de forma gratuita para todos. A importância de promovermos exposições na cidade de Campinas se dá devido ao fato da carência de museus na cidade. Eles são exemplo de instituições que podem e devem demonstrar pontos de vistas nunca antes vistos, ou simplesmente repensar aspectos contidos no nosso cotidiano que muitas vezes nos passam despercebidos ou são menosprezados pela nossa sociedade a partir de seu espaço e suas coletâneas. Fazer com que a população fora do meio acadêmico compreenda aquilo que é produzido dentro das universidades é tão importante quanto a própria produção do conhecimento. Levar ponderações sobre o meio político, ambiental, social, entre outros, é uma das saídas que os nossos museus têm de oferecer para contribuir com a inclusão e o conhecimento. Por isso, fazer parte da equipe e poder proporcionar experiências às pessoas se tornou algo especial e modificador em minha vida, e espero que, a partir deste Fórum, eu possa adquirir mais conhecimentos para que me seja possível dar continuidade a projetos tão especiais como este.

FAZER ECOAR VOZES TORNADAS INAUDÍVEIS, VISIBILIZAR CORPOS TORNADOS INVISÍVEIS: OS POVOS ORIGINÁRIOS NO MUSEU DA UFAC

Gerson Rodrigues de Albuquerque (gerson.ufac@gmail.com)

Situada no âmbito do eixo temático 2: “Provocações reflexivas - estimular novas e provocativas reflexões”, a presente proposta de comunicação tem como foco prioritário apresentar os resultados de um projeto de pesquisa realizado no acervo documental – escrito e imagético – do Museu da Universidade Federal do Acre – Madhis, entre os anos 2016 e 2020. O que aqui se propõe é indicar algumas respostas às questões pontuadas na ementa de “Provocações reflexivas”, especialmente, porque os resultados da pesquisa possibilitam trazer à tona o debate sobre inclusão de mulheres e homens indígenas na universidade problematizando a natureza dos fundos documentais e coleções do Madhis, representativos daquilo que foi guardado e arquivado, ou seja, daquilo que foi preservado como memória do processo de expansão da sociedade brasileira para o sudoeste amazônico desde meados do século XIX: uma memória resultante de um processo marcado pelo signo da tentativa de tornar invisível e inaudível um amplo e diversificado conjunto de povos e famílias linguísticas Pano, Aruak e Arawá. Processo esse, resultado de décadas de violências contra as populações indígenas que ocupavam os territórios dos rios Purus e Juruá, em um contexto histórico de disputas e conflitos beligerantes entre o Brasil, a Bolívia e o Peru, entre 1989 e 1909, quando todo o território do Acre foi anexado ao Estado brasileiro. Um contexto em que as instituições estatais se fizeram presentes, produzindo ou incentivando a produção de uma narrativa romantizada acerca da anexação desses territórios à nação. Nessa narrativa oficial não somente os povos originários, mas também os seringueiros não indígenas, os colonos e diversificados trabalhadores urbanos locais foram menosprezados ou tratados como sem cultura, sem história, sem línguas, sem conhecimentos e saberes, sem memórias. A realização da pesquisa, foco desta comunicação, foi pautada pela perspectiva de investigar a natureza do silenciamento das populações indígenas e trazer à tona as vozes e os rostos das mulheres e homens que foram jogados nas margens, nos pés de páginas ou nas imagens e textos que os trataram como parte da natureza ou da paisagem de rios e florestas amazônicas. Nesse sentido, o que se apresenta é uma proposta para a escrita de outras narrativas com base no acesso às fontes documentais que permitam outras leituras, que permitam ir para além das dobras de uma memória histórica que silenciou os povos originários, como porta de entrada para ampliar sua presença e mudar a face do próprio Museu Universitário da Ufac.



Sessão III
Perspectivas Empíricas

Eixo temático: Perspectivas Empíricas

No âmbito da Museologia, desde os anos 1990 temos presenciado tendências e movimentos que, além de contribuir teórica e metodologicamente para a disciplina, têm influenciado e tomado como principal foco mudanças nas práticas museais: Nova Museologia (existente desde os anos 1980), Museologia Crítica, Sociomuseologia ou Museologia Social, são nomenclaturas de apenas alguns desses. E os museus universitários também foram afetados por tais perspectivas teórico-práticas, contribuindo para a Museologia com experiências próprias, não menos revolucionárias. Este eixo, portanto, propõe-se a ser um espaço de compartilhamento das nossas experiências museais, considerando questões e propostas tais como:

Quais contribuições para a Museologia, no âmbito das práticas de coleções e museus universitários, podem ser exemplos para novas ações e práticas museais? Quais abordagens comunicacionais, em diferentes formatos, foram apropriadas e usadas por essas coleções e museus? Em que medida o uso das novas tecnologias tem contribuído para se repensar e ressignificar as práticas museais? Quais atividades com os diferentes coletivos, públicos, comunidades e grupos de interesses têm sido realizadas? Quais experiências expográficas e museográficas têm sido usadas e re-elaboradas por museus universitários? Como a indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão, tão defendida e conhecida pelas universidades, contribui para outras formas museais para além desses espaços? Quais experiências inovadoras durante o período da pandemia e/ou retorno após isolamento social foram e/ou ainda são desenvolvidas neste contexto? Quais práticas voltadas para questões de diversidade (de gênero, sexualidades, raciais, religiosas, culturais, regionais, entre outras), acessibilidade e inclusão e de educação museal têm sido desenvolvidas e protagonizadas pelas coleções e museus universitários?

OCerâmica: RECURSO EDUCATIVO PARA NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NO MHNJB/UFMG

Jezulino Lucio Mendes Braga (jezulinoImb@gmail.com)

Susan Vieira Barnes (susanvbarnes@gmail.com)

Esta pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação/PROMESTRE surgiu do interesse de compartilhar os conhecimentos de conservação preventiva em museus universitários. Por meio da pesquisa foi construído um recurso educativo voltado para a preservação do acervo cerâmico da Coleção de Arte Popular do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB-UFMG). Grande parte das peças apresentam deteriorações causadas pelo incêndio ocorrido em 15 de junho de 2020, que afetou a sala da Reserva Técnica que abrigava esta coleção. As peças trazem o talento, os saberes e as tradições regionais de ceramistas do Vale do Jequitinhonha, transmitidos entre as gerações, pela linhagem materna. Com temática recorrente ao fazer feminino e aos ritos de passagem importantes no universo da mulher, este acervo reafirma a diversidade e a riqueza cultural mineira e brasileira. A conservação preventiva tem o objetivo de preservar o patrimônio cultural por meio de diferentes ações de acondicionamento e exposição das coleções, visando a estabilidade material dos acervos. Trata-se de uma atividade constante, direcionada à salvaguarda das coleções e tem o compromisso de considerar o ambiente e o entorno do acervo. Cabe a cada instituição museológica desenvolver a responsabilidade da política de conservação, tendo em mente o benefício das coleções. Uma boa política de preservação é necessária para proporcionar a acessibilidade aos bens culturais e minimizar sua degradação. A pesquisa abordou um conjunto de temas subjacentes, como o valor do patrimônio cultural; a relevância da conservação; a importância dos profissionais da área de conservação-restauração na preservação de bens culturais. O recurso educativo é focado no fazer feminino e nos ritos de passagem importantes no universo da mulher, mediando saber tácito e saber acadêmico nas construções narrativas do museu. Trata-se de um livreto com informações básicas sobre conservação sendo transmitidas por um profissional de museu a duas artesãs que doaram suas peças para a coleção. Em uma relação dialógica, os três personagens conversam sobre questões importantes da conservação preventiva dentro dos museus e a importância da musealização da coleção de cerâmica. Este material será disponibilizado nos formatos impressos e de e-book. Além do diálogo, o livreto contém ilustrações que apresentam a Reserva Técnica que abriga a coleção e textos com orientações sobre a conservação preventiva de acervos em cerâmica, porcelana e materiais afins. Durante o período de teste do material, o grupo de pesquisa MEIO (MUSEUS, EDUCAÇÃO, IMAGENS E ORALIDADES) ofertará curso de formação para a equipe do MHNJB. O objetivo principal deste recurso é subsidiar ações de formação da equipe do MHNJB/UFMG bem como abordar temas de interesse do público nas visitas mediadas.

PERSPECTIVAS DA GESTÃO DE UM ACERVO UNIVERSITÁRIO DE MODA NA AMAZÔNIA: A EXPERIÊNCIA DA COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE DA UFPA

Paola Haber Maués (paolamaues@ufpa.br)

Manuely dos Santos Moraes (manuely.moraes@ica.ufpa.br)

André Lima é estilista paraense que desenvolve suas criações inspirado nas 'brasilidades', com elementos formais que sugerem relações com a cultura amazônica e latino-americana. Em 2014, com o fechamento do seu ateliê, foi iniciado o processo de musealização de seu acervo pessoal, que foi distribuído entre quatro instituições, sendo elas: Universidade Anhembi-Morumbi (SP), Museu da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (SP), Museu de Arte do Rio de Janeiro (RJ) e Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará - UFPA (PA). A Amazoniana vem sendo desenvolvida como um projeto de pesquisa do Prof. Dr. Orlando Maneschy (ICA-UFPA) desde 2010, e tem sua origem no desejo de estabelecer um ambiente de reflexão e articulação de artistas, obras, metodologias e pensamentos a partir de questões e experiências na/da região amazônica, buscando visibilizar processos e constituir acervo em uma instituição de relevância local, em consonância com a produção artística que se manifesta neste território e sua complexidade, para além dos estereótipos. Dentre os objetos doados pelo estilista se destacam as roupas de passarelas, documentos de processos de criação, materiais de divulgação do seu trabalho e clippings, os quais vieram inaugurar a Seção Moda da coleção. Desde o final de 2019, foi iniciada a parceria com a equipe do projeto Tainacan (UnB) para implementação do repositório digital da Amazoniana, que está hospedado no site da UFPA, com previsão para lançamento ainda no ano de 2023. Esta parceria foi fundamental para o desenvolvimento dos metadados que estão sendo utilizados em nosso banco de dados, pois foram realizadas reuniões de trabalho com os profissionais multidisciplinares do projeto, que realizaram uma escuta atenta e diagnóstico da coleção de forma complexa, para que então fosse desenvolvida conjuntamente a nossa primeira ficha catalográfica, que naturalmente é atualizada e/ou complementada com o avanço dos trabalhos. Como forma de dar prosseguimento com o processo de catalogação e digitalização da Seção Moda, em 2022 iniciou-se o projeto de extensão 'Amazoniana Documenta', que tem como parceiros docentes e discentes de dentro e fora da universidade, e está promovendo a documentação, salvaguarda e organização do acervo e da sua Reserva Técnica na Escola de Museologia da UFPA. Com o segundo ano do projeto em andamento, conseguimos recrutar e realizar formação para diversos discentes que atuam como colaboradores voluntários, além da bolsista. Desenvolvida a primeira etapa, que foi crucial para a realização dos objetivos do projeto, pelo menos parcialmente, hoje é possível desenvolver o trabalho de forma mais fluida e com metodologia mais consolidada, percebendo que os colaboradores conhecem todas as etapas empreendidas no processo de conservação preventiva e documentação, sempre sob a supervisão das museólogas coordenadoras do projeto. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o processo de musealização e de gestão deste acervo de moda universitário, enfocando em aspectos conceituais de uma coleção que se pretende decolonial, situada no Norte do Brasil, e nas atividades desenvolvidas desde a parceria com o projeto Tainacan, e no âmbito do projeto de extensão 'Amazoniana Documenta'.

A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PRATICADA NO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DO ARAGUAIA

Márcia Cristina Pascotto (marcia.pascotto@ufmt.br)

A tríade ensino, pesquisa e extensão rege as universidades brasileiras e, como os museus universitários estão inseridos nesse contexto, espera-se que desenvolvam ações seguindo o mesmo princípio. A extensão é fruto do conhecimento acadêmico e acaba por ser um processo com viés tanto educativo quanto científico. O objetivo deste trabalho é apresentar as ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no Museu de História Natural do Araguaia (MuHNA), por meio de um relato de experiência sobre as ações executadas. O MuHNA foi inaugurado em 5 de junho de 2018, está vinculado à Pró-Reitoria de Cultura, Esporte e Vivência (PROCEV) da Universidade Federal de Mato Grosso e localiza-se no Campus Universitário do Araguaia, em Barra do Garças/MT. É o único equipamento cultural e de divulgação científica na região leste de Mato Grosso, distante 500 Km da capital, Cuiabá. Alinhado às funções dos museus tradicionais, o MuHNA abriga acervos de zoologia, geologia e paleontologia, que estão associados a equipamentos tecnológicos e dispositivos interativos, e aproveita ao máximo seus recursos, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão. O ensino é abordado em: (i) aulas práticas para diversos cursos, junto ao acervo; (ii) visitas mediadas por estudantes de licenciaturas, que se desenvolvem como futuros docentes; (iii) planejamento e realização de aulas em espaço não formal de ensino, por estudantes de Estágio Supervisionado, do Programa Residência Pedagógica (PRP) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFMT/CUA. A pesquisa é empregada em diferentes áreas, tanto por profissionais ligados ao museu quanto externos. Dentre as diferentes áreas, tem-se pesquisas em: parasitologia, na qual se estudam os ectoparasitos relacionados aos mamíferos do acervo; anatomia comparada entre grupos de vertebrados; museologia, avaliando constantemente o público e sua percepção em relação à exposição. Como resultado das pesquisas com animais tem-se, em formação, a coleção de anatomia comparada de esqueletos e órgãos de vertebrados, que também é utilizada para ensino em disciplinas de graduação, e o aperfeiçoamento de técnicas de preservação das peças. Um banco de tecidos de mamíferos do Cerrado foi iniciado, fornecendo material para estudos genéticos e moleculares. Dentre as atividades extensionistas, oferece visitas monitoradas a professores e estudantes da educação básica, contribuindo com a qualidade da educação formal; promove eventos de popularização da ciência e de divulgação científica, como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia; e produz material de divulgação científica. Dessa forma, o MuHNA pesquisa, preserva e comunica seu patrimônio, disseminando o conhecimento científico produzido na instituição e dando visibilidade da universidade à comunidade externa, especialmente para o público jovem que nela pretende ingressar.

ENTRE OLHARES E EXPERIÊNCIAS NO MUSEU DE ARTE DA UFC

Vitória Stephani de Oliveira Costa Teixeira (vitoria.soct@gmail.com)

Este trabalho constrói-se a partir da experiência de ser voluntária no Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC (Mauc). O voluntariado no MAUC é uma iniciativa do Museu para receber estudantes que não sejam ligados diretamente à instituição da Universidade Federal do Ceará, mas desejam aprender, contribuir e experimentar o cotidiano de um Museu. Dessa forma ao longo de um semestre, fui voluntária no Mauc e percebi sua estreita relação com a educação, não só por se tratar de um museu universitário, mas por também estar no eixo da arte e provocar as mais distintas reflexões sobre memória, patrimônio, arte e educação a partir das exposições do espaço. Durante este período também aprofundi e conheci o lugar, o espaço de artistas locais/regionais, a instituição, suas atividades, projetos, exposições e de modo principal acompanhar e realizar mediações. Gonh (2013) destaca como os museus são grandes escolas, desde o período das antiguidades e coloca a relação de passado e futuro evidenciada por estes espaços, dessa forma percebo como o Museu de Arte da UFC também se encontra fazendo esse movimento de ir ao passado, seja para reverencia-lo, seja para questiona-lo. O Museu se faz assim de perguntas, trocas, olhares, conhecimento que tocam e provocam seus e suas visitantes. O Museu de Arte da UFC possui uma grande relação com artistas cearenses, das mais diversas escolas, sendo assim é um espaço que reverencia seus e suas conterrâneas, o que é torna a visita muito simbólica, pois ao longo dos corredores passamos pelas criaturas mágicas de Chico da Silva, o cotidiano de pescadores e vaqueiros de Raimundo Cela, a explosão de cores e formas de Antônio Bandeira, os animais e frutas de Aldemir Martins e as denúncias de Descartes Gadelha entre outros artistas e obras. O Mauc evoca um universo de sentimentos e reflexões, e este trabalho traz as análises sobre este espaço, o seu cotidiano, as obras de arte que o compõem, mas principalmente sobre como esse lugar potencializa-se e se transforma em cada exposição. Desta forma, trato o museu como um espaço de construção de conhecimento, de troca, de questionamento mas também um espaço que encanta, que eleva. Este trabalho surge então das inquietações, da curiosidade, do interesse em entender que museu é o Mauc e se propõe também a refletir sobre as experiências do voluntariado, que promoveu uma troca significativa e afetiva entre mim e o Museu de Arte da UFC.

A FORMAÇÃO DA COLEÇÃO EWALD JANSSEN DO MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UFG

Adelmar Santos de Araújo (historiaecultura2011@gmail.com)

O presente estudo “A formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico da UFG” se justifica, entre outras razões, pela compreensão de uma obra executada em Goiás entre as décadas de 1940 e 1970, que nos comunica sobre o início da expansão territorial da capital goiana, para além dos planos traçados quando da sua idealização, bem como sobre o crescimento de outras cidades do interior do estado de Goiás. Trata-se de um conjunto documental que, a partir do momento de sua incorporação ao acervo do Museu Antropológico da UFG, tem despertado interesse e demandas frequentes de pesquisadores que se dedicam ao estudo acerca da urbanização em Goiás. O objetivo da pesquisa consiste em estudar a construção e a formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). O Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás (UFG) é uma instituição sem fins lucrativos, aberta ao público, e que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação de seu acervo. A criação do MA se deu a partir da iniciativa de professores do então Departamento de Antropologia e Sociologia (DAS) da UFG. Destaca-se, como ponto de partida a realização de uma pesquisa no Parque Indígena do Xingu; participaram desse trabalho os professores Acary de Passos Oliveira, Vivaldo V. da Silva, Antônio Theodoro da Silva Neiva e o Pe. José Pereira de Maria. Decorre daí o acervo da primeira coleção etnográfica do Museu. Esse espaço cultural foi proposto para salvaguardar a cultura material indígena da Região Centro-Oeste do Brasil. Importa conhecer o trabalho de documentação museológica relacionando-o aos aspectos políticos, econômicos, e sociais do período em que essa coleção foi produzida bem como o contexto no qual o engenheiro-topógrafo alemão atuou no Estado de Goiás. O estudo se dará em torno da construção de um arquivo que possibilite um viés analítico interpretativo de modo a ampliar o debate para além do processo de pesquisa. Nesse sentido, o primeiro momento investigativo será destinado ao entendimento mais geral acerca das coleções, partindo de Pomian (1984) para alcançar outros autores; da mesma forma, pretende-se acompanhar mais de perto estudos como “A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins” (RANGEL, 2011), de maneira a relacionar teoria e prática museológicas. Assim, será possível avançar, como já avançamos em reflexões sobre fruição, documentação, conservação, preservação e apreendemos a importância da comunicação e da educação a partir dos objetos e das coleções, para a circulação de ideias que valorizem a importância dos estudos de cultura material (BRUNO, 2009). O passo seguinte consistirá na análise projeto “Gestão do acervo documental de Ewald Janssen: restauração, difusão e circulação patrimonial” confrontando os resultados desse projeto e os documentos a serem acessados com entrevistas aos idealizadores e executores do trabalho em questão. Sempre levando-se em consideração a interlocução entre processos museológicos e metodológicos.

POTENCIAL TURÍSTICO DOS MUSEUS: UM OLHAR SOBRE O MUSEU AO AR LIVRE PRINCESA ISABEL E MEMORIAL DA BALAIADA

Vânia Medeiros Ribeiro (bibliotecaria@satc.edu.br)
Sara Regina Farias Pacheco (belahistoria2007@gmail.com)

Este é um trabalho reflexivo e teórico sobre o potencial turístico de dois museus que foi tema de pesquisa por parte das acadêmicas de museologia da Uniasselvi e se encaixa no eixo de Perspectivas empíricas, pois trabalhou com as abordagens comunicacionais, em diferentes formatos, foram apropriadas e usadas por essas coleções e museus. A modernidade e seus atrativos turísticos, e aqui nos deteremos nos museus, têm produzido nas pessoas, comportamentos voltados para o conhecer coisas e lugares fora do seu âmbito familiar e cotidiano. Mas o fora, não quer dizer necessariamente o estranho. Trata-se de um viés importante para pensarmos o papel que os museus podem e devem desenvolver dentro do fenômeno turístico, não que aquele tenha de perder suas características para absorver o turista, mas trata-se de invenções e reinvenções para tornar os espaços museais como aquele que oferece o familiar fora do cotidiano dos que o visitam, O museu que transforma é, antes de tudo, o que aproxima o visitante, o que desenvolve práticas de pertencimento, o que acolhe saberes. Nesse sentido, o turismo museal traz novos desafios para o campo dos museus. Ao mesmo tempo que intensifica o acesso de pessoas, de olhares cada vez mais exigentes, levanta também problemáticas de como conduzir esse fenômeno do turismo moderno, priorizando sempre a educação, valorização e responsabilidade sobre o patrimônio. Reservado às particularidades, cabe dizer que os museus, de modo geral, em maior ou menor grau, possuem suas potencialidades turísticas. Esse é o caso do Museu ao Ar Livre Princesa Isabel e Museu Memorial da Balaiada. Observando as Instituições aqui representadas, Museus ao ar livre, Princesa Isabel e Museu Memorial da Balaiada, percebemos, que ambos têm reconhecimento público, em esfera nacional, estadual e local e que do mesmo modo, são cumpridores de seus papéis em oportunizar a seus públicos o conhecer outras materialidades, mentalidades, comportamentos e espaços ecológicos, tão diversos e diferentes dos de agora. Além do papel desempenhado pelos museus citados, de modo geral, vale destacar que se encontram diante dos desafios de incorporar metodologias que sejam dinâmicas nas formas não apenas de apresentação dos acervos, como também, nas relações entre público e os espaços museais como um todo, e, fundamentalmente, em como atrair esse público, como inserir de forma criativa, produtiva, seus espaços e coleções dentro do fenômeno moderno de turismo museal. Dito isto, entendemos que cada museu, em suas particularidades, traz em sua composição ou tipologias ofertas de valor, representações e simbologias, capaz de aproximar ou não as pessoas aos seus objetos e significados. Não há museus sem pessoas, compreendemos isso. Compreendemos também, que é preciso pensar o lugar como aquele que agrega, acolhe, transforma e ressignifica a vida de quem se permite viver uma experiência estética dessa dimensão. Pensamos que quanto melhor for essa experiência maior será o número de visitantes.

A COLEÇÃO DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: MOLUSCOS FÓSSEIS E A NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA

Bruna Maria Araújo de Melo Maranhão (melomaranhaob@gmail.com)

Barbara Alves Sepulvreda (bsepulvreda@gmail.com)

A realização do projeto de extensão “Recriando o passado e a extroversão de moluscos fósseis”, que acarretou a construção deste artigo, parte da concepção de que é fundamental a interação entre sociedade e patrimônio. Dito isso, objetivamos reunir as experiências compreendidas por meio do processo de curadoria e extroversão dos Moluscos fósseis da Coleção de História Natural (CHN) do Laboratório de Conservação Preventiva de Patrimônio Móvel (LCPPM) no curso de Museologia da Universidade Federal do Pará. Essa coleção conta com o suporte da interdisciplinaridade partindo do trabalho de uma equipe de profissionais de Biologia e Museologia. A Coleção de História Natural é o berço desse projeto que uniu ações de pesquisa, ensino e extensão para reforçar o papel social da Museologia na divulgação e preservação de conhecimentos referentes ao patrimônio. Como é sabido, foi uma programação de retorno pós-pandêmico onde adotamos a narrativa expográfica em espaços de maior participação social para compartilhar conhecimentos e efetivar a contribuição de coleções universitárias para a democratização da ciência. Dessa maneira, a extroversão do patrimônio fóssil das praias marinhas do passado paraense são fundamentais para ressaltar a importância dessas coleções não apenas como base de dados, mas também como fonte de reflexão sobre como nos relacionamos com a natureza e, sobretudo, para gerar o empoderamento científico e incentivar a autonomia do público quanto ao interesse pelo patrimônio natural. Para isso, alternamos as atividades dentro e fora do campus universitário, categorizadas entre o processo de preparação dos conjuntos didáticos e apresentações em eventos e espaços públicos. O processo de preparação foi iniciado com a seleção e pesquisa de dois grupos de Moluscos, os bivalves e gastrópodes. Essa etapa foi seguida pela higienização, documentação dos bens devidamente integrada ao Tainacan da CHN. Foram elaborados dois conjuntos didáticos que contam com 18 moluscos fósseis (10 bivalves e 8 gastrópodes). Além disso, elaboramos dois painéis de ilustração científica para atuar como apoio e atração pedagógica e uma série de desenhos para colorir, pensados inicialmente para o segmento infantil do público. Nesse caso, o patrimônio paleontológico de Moluscos atua como canal para duas questões indispensáveis: a preservação do patrimônio e a preservação da natureza. Por isso, o projeto lidou com a aproximação dessas duas questões para exercer a interação, integração e também ressaltar a importância de coleções para a construção de diferentes tipos de conhecimento. A Coleção Didática marcou presença em eventos dentro e fora do campus universitário ao longo do ano de 2022, como a I Exposição de Biodiversidade da UFPA sobre a Biodiversidade Amazônica, Ciência na Praça, Ciência na Ilha e também duas apresentações no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nessas oportunidades, foi possível apresentar ao público visitante a coleção de fósseis de Moluscos que estão sob o cuidado do curso de Museologia da UFPA, ressaltando sua importância no passado, presente e futuro, por intermédio de compreensões opostas à exploração e dominação da natureza, para valorizar o desenvolvimento de novas formas de convivência com a natureza.

TRAPICHES NA AMAZÔNIA: PERCUSOS DE UM MUSEU NO BAIXO TOCANTINS - PARA-BRASIL

Jones da Silva Gomes (jones@ufpa.br)

Reflico sobre o percurso formativo e cultural de um museu, enfatizando abordagens e práticas no campo da educação museal, procuro destacar trajetórias de pesquisas e expográficas, atreladas a diversidade do patrimônio cultural na Amazônia. Sabe-se que os museus universitários passam a ecoar movimentos de renovação oriundos de culturas locais, que adentram a agenda de educadores e procuram ressignificar a pesquisa-expografia (RBCMU, 2022), para “proporcionar experiências diversas para a educação e partilha de conhecimentos” (ICOM, 2019). O Museu do Baixo Tocantins localiza-se na UFPA-Campus de Abaetetuba-PA, em 2018 e surge das ações educativas voltadas para o patrimônio no curso de Licenciatura em Educação do Campo, que logo se expandem para outros: Agroecologia, Letras, Artes, História e Pedagogia, depois escolas e comunidades rurais (GOMES, 2021). Em vista da interface local/global, social/virtual, ético/estético, cultural/natural, que o horizonte multidisciplinar se colocou no percurso epistêmico-institucional deste Museu, a fim de dar conta do vasto território patrimonial, e, isto se conjuga com a nova definição de Museus elaborada pelo ICOM e movimentos de educadores museais Brasil afora; para o qual os “Museus pesquisam, colecionam, conservam, expõem e interpretam o patrimônio material e imaterial” (ICOM, 2019). Isto permitiu pensar outras abordagens, coleções, práticas e saberes nas universidades, apresentando alternativas museológicas: museus de comunidade, ecomuseus e outros espaços que expressam a memória coletiva (VARINE, 2012). Digamos que o Museu do Baixo Tocantins abraça este momento que o permitiu promover: a) investigação sobre as condições de nosso patrimônio local; b) divulgação (expor) dos resultados da interação comunidade-universidade, e, c) Reconhecimento dos mestres(as) da cultura popular, através dos instrumentos da educação museal. Procuro demonstrar- baseado em relatórios, imagens, falas e outros registros (GOMES, 2021) - que ao longo de 5 (cinco) anos o espaço ambientou experiências dentro e fora da universidade, reconhecendo a Amazônia do Baixo Tocantins - cujas águas se lançam desde os municípios de Abaetetuba, Mojú, Igarapé Miri, Barcarena, Cametá, Limoeiro do Ajuru, Tailândia até Acará- Interior do Estado do Pará- nos limiares de saberes, objetos, celebrações, expressões e lugares, para utilizar as categorias do (IPHAN, 2000), que fecundam nossas referências culturais. Em 2022 nasce o mapa étnico patrimonial do Museu- resultado de catalogações, inventários, exposições, audiovisuais- navegar nas formas de artesanatos (oleiros, tecelões, brinquedos de miriti, carpinteiros, concheiras e cuieiras etc) músicas, poesia popular (rezadores, foliões, benzedeiros) danças e artes da cena (Quadra Junina, Tiração de Reis e Autos), das Cidades das Artes (GOMES: 2013). Observei que os eventos promovidos pelo Museu (Festa no Interior, Semana Nacional dos Museus, Primavera dos Museus e Puxirum das Artes) ajudaram a aproximar os mestres (as) do público acadêmico. Compreendo que o papel do “Museu” se relaciona com a ideia de “portal” (CHAGAS, 2007) ao estimular a imaginação social e proporcionar bem-estar. Tal como os trapiches dos ribeirinhos da Amazônia- lugar de interposto do caboclo e suas linguagens, memórias, paisagens, sensibilidades e sociabilidades- que transportam memórias- os Museus-portais ou Museus-Trapiches, são resultados de travessias que buscam a ancestralidade e os sentidos comuns, desencadeados entre rios e florestas, estradas e ramais, periferias, quintais e universidades.

O USO DE OFICINAS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO COMO MECANISMO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS ESCOLAS

Tatiane Siqueira da Silva de Oliveira (tati.cerufrj@gmail.com)

Beatriz Araújo Dias (biaaraujo0703@gmail.com)

A Conferência de Nara, de 1994, determina que "o juízo sobre os valores atribuídos ao patrimônio cultural, além de depender de credibilidade das fontes de informação, difere de cultura em cultura e deve ser formulado dentro de cada âmbito cultural", i.e. o patrimônio materializa e torna visível o sentimento que a cultura e a memória evocam. A partir da proposta do setor educacional do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho - EMCCF, um museu universitário do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho - IBCCF/UFRJ, oficinas foram elaboradas visando refletir ações e conhecimentos do ofício do conservador-restaurador de maneira didática e divertida através do diálogo expositivo, visando contribuir com a educação patrimonial e a divulgação científica dentro das escolas de ensino público do Rio de Janeiro. Os objetivos das oficinas foram: determinar que atividades seriam propostas e realizadas dentro dos temas e do contexto escolar; observar e anotar, durante as atividades, a exposição das ideias prévias por parte dos estudantes sobre o tema para assim realizar as adaptações necessárias; promover o conhecimento científico e a educação patrimonial. Para tanto, este projeto apoiou-se na análise qualitativa, na revisão bibliográfica e nas observações de trabalho de campo, além da utilização das atividades realizadas com os estudantes como fonte de dados. O levantamento bibliográfico baseou-se na análise de artigos e teses sobre a área da Ciência da Conservação e Restauração de Bens Culturais com o objetivo de estabelecer relações entre os conhecimentos desta área, o contexto escolar e social e a Educação Patrimonial. Dentro da discussão sobre a bagagem cultural individual e coletiva, abordou-se o conceito de Patrimônio Cultural e a busca pela herança e memória regional, no que se refere a festividades características ou elementos considerados como patrimônio material ou imaterial local dentro da cidade ou do bairro. As atividades foram realizadas com estudantes do ensino fundamental da Escola Municipal Embaixador João Neves da Fontoura, localizada no bairro de Rocha Miranda - Rio de Janeiro/RJ, a qual possui vínculo significativo com o EMCCF. Entretanto, não há indicação ou limitação etária para a realização das atividades propostas, pois há possibilidade do conteúdo e suas metodologias serem adaptados para o nível do público-alvo. Partindo do cenário da escola, a abordagem de temas e processos foi adaptada à realidade social dos alunos, inserindo também adaptações para os estudantes PCD (Pessoa com deficiência) discutidas previamente com a responsável pedagógica da escola. As atividades proporcionaram o conhecimento patrimonial e promoveram atributos como a cooperação e coletividade através da conscientização do significado de patrimônio e memória e das atividades práticas. Além de viabilizar a interdisciplinaridade e a discussão de conhecimentos diversos.

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS COM OUTROS AMBIENTES DA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO DO ESPAÇO MEMORIAL CARLOS CHAGAS FILHO COM OS LABORATÓRIOS PARCEIROS DO INSTITUTO DE BIOFÍSICA CARLOS CHAGAS FILHO

Marcelly de Paula Silva Alves (marcellypsalves@gmail.com)

Gabriella Mendes (gabriella@biof.ufrj.br)

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), um museu de ciência e tecnologia, traz em sua exposição um pouco da história da ciência brasileira, ligada às pesquisas desenvolvidas pela primeira geração responsável por consolidar o Instituto de Biofísica (IBCCF), criado por Carlos Chagas Filho em 1945. Tal exposição recebe semanalmente escolas públicas e privadas por meio do projeto de extensão “Descobrimo a Biofísica”, que prevê visitas mediadas ao EMCCF e aos laboratórios do IBCCF. Desta maneira, os visitantes percebem que a ciência é um constructo social, cuja legitimação vem da importância que a sociedade dá a ela, e que os museus universitários são espaços de reconhecimento dessa importância, de reafirmação de identidades e de estímulo ao conhecimento e à formação acadêmica. A pesquisa conta com a apresentação do estudo de caso da relação preestabelecida do EMCCF com os laboratórios do IBCCF. No qual, os grupos, já organizados, visitam a exposição do EMCCF e logo após se deslocam para o laboratório destinado e têm a imersão de como é o funcionamento científico daquele ambiente. Nesse processo, os pesquisadores presentes nos laboratórios são peças fundamentais, pois são eles que de maneira lúdica explicam o seu objeto de estudo, os resultados de suas práticas e a sua aplicabilidade na sociedade. É possível perceber nesses momentos mudanças nas percepções dos alunos através de suas falas durante a mediação, quando a figura do cientista é desmistificada pelos mediadores do museu, demonstrando as possibilidades de também se tornar um. Dentro dessa conjuntura, todos os visitantes são convidados a se apropriar do ambiente universitário e se enxergarem, dentro dele, reforçando expectativas já existentes, ou surgidas durante o processo de experimentação nos ambientes acadêmicos mencionados. Para produzir dados que corroborem o que se verifica empiricamente por meio das falas dos alunos durante a mediação, essa pesquisa adotará, como metodologia, a aplicação de formulários aos grupos de alunos que participarem do projeto “Descobrimo a Biofísica”, bem como aos pesquisadores ligados aos laboratórios que receberem os grupos. Com isso, o presente trabalho insere-se no tópico “Perspectivas Empíricas”, já que se propõe demonstrar a importância da integração existente entre museus universitários e demais espaços acadêmicos, ao reforçar as possibilidades e benefícios em expandir parcerias com espaços para além do âmbito museológico. Essa experiência permite que muitos alunos tenham contato pela primeira vez com o ambiente universitário, com museus e com laboratórios, ampliando horizontes e expectativas quanto às múltiplas trajetórias que esses estudantes podem escolher para suas vidas profissionais. Os resultados obtidos serão tratados e analisados por meio da chamada análise de conteúdo, metodologia proposta pela teórica Laurence Bardin (2016), que propõe três etapas metodológicas sendo elas: 1) escolhas dos materiais; 2) exploração dos materiais; 3) tratamento dos resultados. A expectativa é que este projeto sirva como exemplo para os demais museus universitários da UFRJ explorarem os entornos da academia ao servir o propósito de ensino e memória, uma vez que nota-se os benefícios entre essas parcerias na hora de conectar a sociedade com o conhecimento e a cultura científica.

CONSERVAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE: A IMPORTÂNCIA DE PROJETOS EM UM MUSEU UNIVERSITÁRIO

Gabriele Batista Melo da Silva (batistagabriele1@gmail.com)
Maria Victoria do Nascimento (mariavictoria.nascimentocr@gmail.com)

O Museu da Geodiversidade (MGeo) é um museu universitário vinculado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IGEO/UFRJ) e tem como temática o Planeta Terra e as transformações que ocorreram e ainda ocorrem na nossa natureza. A proposta do museu, além de contar científica e historicamente sobre o que compõe e transforma o nosso planeta, é foco de interesse da comunidade acadêmica para debates sobre a geociências e a museologia, portanto, envolve uma grande interdisciplinaridade, onde participam graduandos dos cursos de história, geologia, museologia e conservação-restauração. Algumas das nossas atividades no MGeo são participações em eventos, congressos, exposições, palestras e fóruns com debates e temáticas científicas e também contamos com os projetos de pesquisa universitária. Atualmente temos a oferta de bolsas de iniciação científica e de extensão, em que atividades de conservação e salvaguarda das coleções são desenvolvidas por graduandas do curso de Conservação e Restauração da UFRJ. Nestes projetos, as alunas trabalham com a higienização periódica do acervo, catalogação, criação de inventários, acondicionamentos, pesquisa histórica e conservação geral do acervo. Todas as ações são importantes para as reflexões e disseminação do museu e, através das nossas participações em eventos e com a mostra do que desenvolvemos, podemos adquirir conhecimentos diversos e aumentar a rede de contatos com o público interessado, expandindo, assim, os debates sobre a temática do museu para o âmbito acadêmico. A nossa tipologia de acervo exige atenção, por se tratar da representação de períodos pré-históricos do planeta, então, a busca pela conservação preventiva, neste modo, torna-se uma face importante do nosso trabalho, além da preocupação com a gestão de riscos e prolongamento da vida útil das coleções. Oferecemos assim, uma proteção adequada para o acervo, pois conservar é uma ferramenta importantíssima sobretudo para museus universitários. Atualmente, o espaço expositivo do museu encontra-se fechado para reforma, mas não estamos impedidos de continuar a prática de salvaguarda do acervo em exposição, além do acervo acondicionado na reserva. Em 2021, parte da nossa coleção de slides daguerreótipos ajudou a compor uma instalação artística chamada “Imagem-Matéria” da artista plástica Mari Fraga, na exposição ‘Jardim Mineral’ do Museu Minas e Metal em Belo Horizonte. Além dessas atividades, buscamos participar de eventos científicos, como por exemplo, a apresentação de trabalho no ‘V Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia, realizado pelo Museu de Astronomia, Ciências e Afins’ (MAST) em 2022, além das edições da Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, onde os alunos bolsistas apresentaram as atividades realizadas. O MGeo pretende dar continuidade a essa construção interdisciplinar com alunos de diferentes graduações com o intuito de fomentar o diálogo e o debate, demonstrando que os museus universitários contribuem de forma diferenciada para a formação dos estudantes.

MATERIOTECA UEPA COMO MUSEU UNIVERSITÁRIO - ATUAÇÕES DE UM ACERVO DE MATERIAIS

Lauro Arthur Farias Paiva Cohen (laurocohenn@gmail.com)
Nubia Suely Silva Santos (nubiasantos@uepa.br)

A Materioteca UEPA, como museu universitário, é um acervo físico de materiais localizado no Campus V da Universidade do Estado do Pará. Implementado em 2011, o espaço conta com mais de 300 amostras e tem como objetivo oferecer informações técnicas sobre materiais e processos produtivos, através da interação tátil e visual com amostras presentes na indústria de bens e consumo. O destaque do acervo é dado às matérias-primas da biodiversidade amazônica, além dos artefatos da cultura material, desenvolvidos por comunidade indígenas e ribeirinhas, através do registro e mapeamento do conhecimento tradicional. O acervo e curadoria são apresentados a partir da inclinação as oportunidades e problemas socioambientais de desenvolvimento da Amazônia Brasileira. O local tem uma função fundamental na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão para os cursos de Design, Engenharias e Ciências de Materiais. Enquanto espaço para exposição, pesquisa e estudo, oferece um acervo físico com mais de 100 amostras de materiais, das mais diversas classes. Desde os convencionais, como metais, cerâmicos, polímeros, e também naturais e têxteis. Como um equipamento cultural, ligado a produção artística e ensino, oferece estrutura para facilitação de oficinas ministrada por discente para discente, espaço para desenvolvimento de projetos expográficos para exposições de resultados dos Trabalhos de Conclusão de Curso ou protótipos das disciplinas de Materiais e Processos Produtivos. As temáticas são voltadas para a reciclagem de materiais pós-consumo, atividades práticas sobre novas oportunidades para matérias-primas, desenvolvimento e consumo sustentável. As atividades de ensino e extensão são realizadas na sua versão itinerante (Materioteca Itinerante), a qual se traduz em um contexto oportuno do conhecimento produzido e compartilhado na Materioteca. Essa vertente do projeto representa uma forma de transpor as barreiras da academia, interagir com instituições públicas de educação básica e buscar diálogo com os docentes e discentes das mesmas. Além disso, destaca-se a atuação no meio digital por meio do projeto @materiotecauepa na rede social Instagram. O potencial para utilizar a plataforma em diferentes métodos de ensino, experiência do usuário, a influência na construção do pensamento e da forma de vida dos seres humanos é alinhada para que os visitantes tenham uma amostra do espaço físico no meio virtual. Desde a sua implementação, o projeto explorou diferente atuação como um espaço para exposição, pesquisa e estudo. Reforçou a relevância de um acervo ligado a produção cultural, com informações técnicas de materiais e registros da cultura material na Amazônia. Atualmente, seguem-se investigações e atividades com abordagens participativas, direcionadas ao desenvolvimento sustentável, as quais visam fortalecer o uso do espaço para ensino e aprendizagem.

COMO QUEREMOS NOSSO MUSEU: EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO PARA CRIAÇÃO DE UM MUSEU PARA A UNIRIO

Luiza Henriques Costa Pereira (luizahenriques@edu.unirio.br)
Brunna Ellen de Almeida Santos (azulzium@gmail.com)

Como se sabe e é amplamente difundido por pesquisas em diferentes áreas da humanidade, incluindo a Museologia, o modelo hegemônico de museu, existente desde o século XVIII, foi elaborado para servir ao discurso da burguesia e do Estado, fazendo-se espelho das normas instituídas e dos valores aceitos pelos setores também hegemônicos da sociedade ocidental. Contudo, tanto a forma como as funções dos museus sofreram mudanças significativas ao longo de sua trajetória e isso tem se dado por uma demanda das diferentes comunidades que se apropriaram e ainda se apropriam desse fenômeno social. Essas existências podem existir – e resistir – em pequenos territórios ou em formas que transcendem a territorialidade e serem relativas a modos de ser e de percepção do mundo. Tais comunidades vão reivindicar museus para dar conta de si mesmas e reafirmarem sua presença no mundo. Assim, passando “do universal ao particular”, parafraseando Bourdieu (2014), intencionamos pensar na possibilidade de um caráter emancipador dos museus aliado à ideia de redenção histórica apontada por Benjamim (1985), como base para a possibilidade de diferentes coletivos poderem se apossar dos museus. É possível, portanto, pensar na emancipação – isto é, no trazer à existência por meio dos museus – uma possibilidade de reconhecimento e de cura para cada indivíduo ou coletividade que se apropria do museu. Considerando tais premissas, destacamos que a importância e contribuição principal deste projeto cultural e extensionista, iniciado em 2023, é a de propiciar a possibilidade de participação na imaginação e elaboração de um museu para a UNIRIO como forma de promoção de reencontro, de redenção e de cura tanto da universidade quanto de cada participante, por meio do reconhecimento da sua história e memória enquanto fazer acadêmico. Nesta primeira etapa de ação de criação de um museu, o resultado será a apresentação de projeto preliminar básico para o futuro museu. Ressaltamos que a participação do público – interno ou externo – será promovida a partir da construção do referido projeto, imaginado e pensado coletivamente: isto é, o projeto abre mão de considerar apenas um único modelo de museu - o Museu Tradicional (tipologia nomeada por Scheiner, em 1998) - para a abrir-se mediante a potencialidade de ser qualquer museu ou manifestação museal que o coletivo que comporá o projeto decidir ser. A ideia suleadora do projeto, portanto, é promover autonomia e poder de participação direta na imaginação e criação de um museu, que por sua vez poderá promover curas e afetos a partir de memórias e histórias.

AS COISAS DA QUÍMICA: OS OBJETOS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA ANTIGA ESCOLA DE QUÍMICA DE PERNAMBUCO

Vilckma Oliveira de Santana (vilckma.santana@ufpe.br)

Os artefatos construídos para difusão do conhecimento científico podem influenciar não só o fazer científico, mas também relações sociais em que estejam inseridos. Quando finda sua utilização como instrumento de ensino ou pesquisa, eles podem ser acumulados, descartados ou esquecidos. Diversos autores, contudo, defendem que objetos conservados pelas instituições não têm apenas natureza material vinda do passado, mas também passam a ser dispositivos culturais e passariam a compor o patrimônio cultural daquelas instituições. Os objetos que foram foco da pesquisa poderão vir a constituir parte do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia (PCC&T) brasileiro. O local escolhido para esta pesquisa foi o Departamento de Engenharia Química (DEQ), pertencente ao Centro de Tecnologia e Geociências (CTG) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A escolha deste departamento foi motivada por ser oriundo da antiga Escola de Química de Pernambuco, que abrigou o primeiro curso de Química Industrial do estado. A criação deste curso, em 1920, foi influenciada por fatores econômicos, em especial a agroindústria açucareira, principal atividade do estado, naquela época. A partir de uma exploração calcada nos princípios da Museologia e dos estudos sobre o Patrimônio, foi possível localizar um conjunto de objetos relacionados ao ensino de Química Tecnológica, vestígio de um momento em que o Curso de Química Industrial possuía uma ligação estreita com a economia açucareira, aspecto que se perdeu frente a outros contextos socioeconômicos. Metodologicamente, foi selecionada uma abordagem qualitativa e dentre os métodos desta tradição, foi privilegiada uma adaptação do prosopográfico, já utilizado em outras pesquisas com materialidades semelhantes. Assim, a partir dos objetos localizados, documentos escritos (trabalhos acadêmicos, documentos institucionais, entre outros), relatos coletados durante a pesquisa e da bibliografia especializada foi possível delinear uma trajetória institucional do DEQ, contemplando espaços, pesquisadores e materialidades, a partir do recorte temático da relação do curso com a economia canavieira. Vislumbramos inculir uma ideia de perenidade num campo que prima pela transitoriedade, que possibilitasse aos usuários dos objetos refletir sobre valores que poderiam ser atribuídos a estes além do usual, além de realizar a análise da materialidade num campo diverso do qual ele foi concebido. Assim, ao finalizar a pesquisa, possibilitamos uma atribuição associada aos estudos da Museologia e do Patrimônio Cultural, na medida em que nos apropriarmos de termos conceitos do campo e de disciplinas tangenciais. Ainda foi possível identificar no conjunto de objetos estudado, os valores atribuídos por seus usuários. O caminho a ser percorrido até seu reconhecimento institucional como Coleção Visitável passa por mais pesquisas e elaboração de projetos que promovam ações efetivas de preservação. Acreditamos que o processo de reconhecimento e afirmação destes bens culturais pode ser facilitado com o reconhecimento institucional da UFPE, por meio de ações vinculadas a Rede de Museus, Coleções Científicas Visitáveis e Galerias de Arte.

SANTANA, Vilckma Oliveira de. *As Coisas da Química: Os Objetos de Ciência e Tecnologia da Antiga Escola de Química de Pernambuco*. Mestrado (Dissertação) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2022. Orientador: Marcus Granato. Coorientador: Bruno Melo de Araújo.

O MUSEU UNIVERSITÁRIO COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS EM FOCO

Tamara Evangelista (tamara.evangelista@ufpr.br)
Ana Luisa de Mello Nascimento (luisa.mello02@gmail.com)

Ao longo das últimas décadas, a Museologia enquanto campo científico passou por mudanças significativas em resposta aos novos desafios colocados pelas crescentes transformações sociais, que demandaram dos museus um posicionamento diferente frente à sociedade. Essas mudanças se refletiram nos debates da área e foram reforçadas pela Declaração de Caracas (1992), a qual se propunha a revisitar as novas perspectivas e os avanços das diretrizes apontadas pelo documento gerado pela Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). Dentro deste contexto de transformação das relações museu-sociedade, os museus universitários, enquanto campo de formação e extensão universitária, se apresentaram como um importante instrumento para a democratização do conhecimento científico, mas também da formação acadêmica de futuros profissionais. Assim, a década de 1990 foi marcada por uma ênfase na democratização dos museus, com um foco crescente na participação do público e na inclusão social. Nesta perspectiva, os museus universitários passaram a criar programas extensionistas e se envolver mais ativamente com suas comunidades, trabalhando em colaboração com grupos locais para desenvolver exposições e outros programas que refletissem as preocupações e interesses locais. Acompanhando as perspectivas da Museologia, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), desde a década de 1990, vem implementando programas nas áreas de ações educativas e pesquisa museológica, por meio de projetos de extensão universitária que visam atender tanto o público externo, quanto o público interno à universidade. Museus são instituições de guarda e preservação de objetos musealizados pertencentes a seu acervo e coleções. E Museus Universitários são, por excelência, espaços de pesquisa e difusão do conhecimento. A preservação do acervo começa assim que o mesmo chega a um museu, e no MAE UFPR, assim como em várias outras instituições museais, esse trabalho é desenvolvido de forma multidisciplinar. De acordo com Desvallées e Mairesse (2013), a preservação é um conjunto de ações e políticas desenvolvidas por instituições museológicas com o intuito de salvaguardar seus acervos e coleções. Todo ano, com a entrada de novos alunos bolsistas no museu, é necessário capacitá-los para a realização das atividades que eles irão desempenhar. Com esse intuito foi desenvolvido o curso de preservação básica do acervo, porque entendemos que independentemente da área em que esse bolsista trabalhará, é necessário que ele compreenda o básico sobre preservação para desempenhar suas funções, uma vez que, todas elas, de uma certa maneira, partem dos objetos musealizados que compõem nosso acervo. O presente trabalho pretende discorrer sobre a experiência da construção do curso de conservação, suas repercussões e resultados na formação dos alunos e alunas bolsistas que participaram de nossos projetos extensionistas no período de 2017 a 2022. De forma ampla, esses projetos integram equipes multidisciplinares que são formadas por alunos, técnicos e professores de diferentes áreas de atuação - História, Museologia, Antropologia, Arqueologia, Ciências Sociais, Design, Artes Visuais, Biologia, TI, dentre outras. Pretendemos abordar questões teóricas e metodológicas acerca do papel do MAE UFPR na formação dos alunos e alunas.

EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS NA IMPLEMENTAÇÃO DE ATIVIDADES LÚDICO-PEDAGÓGICAS PELO SETOR EDUCATIVO NO MEMORIAL DA MEDICINA BRASILEIRA (FMB-UFBA)

Paula Campelo Barbosa (paulacambarbosa@ufba.br)

A Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), criada em 1808 pelo Príncipe Regente de Portugal, Dom João, como Escola de Cirurgia da Bahia, abriga no seu monumental complexo arquitetônico o Memorial da Medicina Brasileira (MMB), denominação atribuída pela Lei Federal 9.050 de 1995 com a finalidade de guardar, preservar e difundir o patrimônio artístico, científico, histórico e cultural da Universidade Federal da Bahia, contribuindo com as atividades de ensino, pesquisa e extensão. O MMB é composto pela Bibliotheca Gonçalo Moniz (BGM), pelo Archivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque (AHAPA) e pelo Memorial da Medicina (MM), criado em 1982 e convertido em MMB. Reaberto à visitação pública a partir de 2019, o MMB possui valioso acervo documental, bibliográfico, artístico, medalhístico e instrumental, bem como uma imponente edificação com arquitetura eclética. O Setor Educativo do MMB, implementado no ano de 2021, oferece atividades lúdico-pedagógicas que buscam a interação cultural com o público visitante. Para tal, os estudantes bolsistas e voluntários dos diferentes cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia, são capacitados em mediação cultural, de forma interdisciplinar, como etapa do projeto denominado “Atividades lúdico-pedagógicas e de Arte-educação do Setor Educativo do Memorial da Medicina Brasileira”, vinculado ao Programa Permanecer da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Compete ao Setor Educativo do MMB, a responsabilidade de organizar estrategicamente as atividades de valorização do patrimônio, compartilhando seus conhecimentos com a comunidade externa nas visitas agendadas ao MMB, realizadas por instituições escolares e não escolares, bem como nas visitas espontâneas não agendadas que ocorrem no contexto do turismo e do público em geral. Por isso, as atividades lúdico-pedagógicas fazem uso do acervo da BGM, do AHAPA e do MM para realização de tais atividades de acordo com as especificidades de cada grupo visitante. Destacam-se importantes personalidades para pensar a diversidade de gênero, racial e social, e suas contribuições para a Ciência. As atividades do Setor Educativo são contínuas e estão sendo desenvolvidas presencialmente desde 2022, como iniciativa singular de aproximação entre a Universidade e a comunidade local, nacional e internacional, através da transposição didática. Ademais, a inserção de estudantes de graduação de diversos cursos da Universidade Federal da Bahia, desenham um cenário otimista de inclusão, permanência, construção e difusão do conhecimento, contribuindo para o avanço científico e para a consolidação deste espaço universitário como célula de formação cidadã, construção e difusão do saber em suas próprias narrativas memorialísticas.

A REDE DE MUSEUS DA UFPEL E A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICA PARA OS ACERVOS UNIVERSITÁRIOS

Noris Mara Pacheco Martins Leal (norismara@hotmail.com)

Nos últimos quatro anos vivemos um momento de grandes incertezas, causadas por um governo negacionista, inimigo declarado da ciência, das universidades e da cultura, em que a política nacional de museus foi abafada e os museus, coleções e acervos museológicos foram abandonados. Este texto irá apresentar as estratégias utilizadas pelos museus, coleções e acervos da Universidade Federal de Pelotas para a manutenção e aprofundamento de suas atividades. Com esta proposta, escolhi o Eixo 3 por ser um local onde será possível debater com outros a experiência da Universidade com o trabalho em rede para aprofundar o papel social de suas coleções e bens museológicos. O patrimônio histórico, cultural e científico que existe nas universidades brasileiras é de grande relevância para a sociedade. As coleções guardadas pelas instituições de educação superior que abrangem todos os campos do conhecimento são utilizadas através do tripé ensino, pesquisa e extensão. Neste trabalho, pretende-se apresentar as ações desenvolvidas pelos acervos, coleções e museus da UFPel a partir da criação da Rede de Museus, em 2017, que vem propondo a formação de políticas que promovam a interação, a cooperação e a preservação do patrimônio existente na universidade. Em cinco anos de existência, a Rede de Museus da UFPel conseguiu colocar em prática grande parte dos objetivos definidos em seu regimento. Isto só foi possível em razão de dois fatores. Primeiro, pela forma como essa Rede nasceu, seguindo os ritos de criação do órgão, conforme estabelecido pela UFPel, e com sua inclusão no organograma da instituição de ensino, deixando de ser apenas um projeto de gestão. Isso garantiu a realização de ações de longo prazo e a sua continuidade em diferentes gestões. Em segundo lugar, pelo trabalho colaborativo entre docentes, técnicos e discentes que compõem o Conselho Consultivo da Rede de Museus, fortalecendo sua atuação. Essa organização permitiu que o trabalho se mantivesse durante todo o período da Pandemia de COVID-19, apesar das condições existentes de perseguição à cultura e às universidades. Como forma de ampliar a proteção ao patrimônio universitário, nos últimos dois anos, uma comissão formada por membros do Conselho Consultivo da Rede vem construindo uma Política que irá buscar alternativas que assegurem a continuidade de projetos e ações alinhados com os princípios de uma universidade pública, gratuita e democrática. E, que ao longo do tempo, sejam reconhecidas como estruturas indispensáveis à formação profissional e ao desenvolvimento da cidadania. Esse trabalho vem ao encontro das metas definidas pelo Acórdão 1.243/2019-TCU, que determina que o “MEC adote as medidas cabíveis para a elaboração de planos de ação para a implementação de mecanismos de supervisão, coordenação e orientação dos museus sob a responsabilidade das universidades federais”.

OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFPEL

Carla Rodrigues Gastaud (crgastaud@gmail.com)

Este trabalho reflete sobre o papel dos museus universitários na formação dos estudantes de museologia a partir das experiências dos alunos do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, desenvolvidas no Laboratório de Educação para o Patrimônio - LEP. Constituído como um laboratório didático, o LEP tem um papel importante na formação dos estudantes do curso, considerando que, através da experimentação, os alunos têm a oportunidade de refletir, indagar, testar hipóteses e fazer uso de sua criatividade e, principalmente, de errar e acertar na sua preparação para o exercício da profissão. As ações planejadas pelo LEP possibilitam a utilização de diversas metodologias e dinâmicas interativas para a realização de oficinas, atividades, pesquisas, criação de jogos, entre outras, que envolvem os discentes em cada temática selecionada>o que justifica a eleição do eixo 3 - Perspectivas empíricas - propiciar um espaço para difusão e promoção de práticas que já existem e têm promovido novas interlocuções com os diferentes coletivos.

No LEP, os alunos do curso de graduação realizam projetos de ação educativa em museus bem como materiais pedagógicos para serem utilizados nessas instituições. O presente trabalho terá foco nas ações desenvolvidas para o Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas - embora atividades já tenham acontecido também no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter - entre as quais estão o Pif Doce, o jogo de trilha Que casa é, o Jogo de Memória do Museu do Doce, o Jogo de Memória Tátil, o livro de atividades Quindim e seus amigos e o Jogo da Velha do Doce, cujos processos de produção envolvem a criação do conceito, pesquisa e construção de protótipos, sua experimentação e avaliação, processos que serão aqui descritos. Além disso, as atividades das disciplinas de Ação Educativa I e II, ambas da grade curricular obrigatória, frequentemente acontecem nos museus da Universidade que para nós são ambientes privilegiados para experienciar, tomados como lugares que se relacionam com diferentes contextos - como pesquisa, ensino e extensão - e dinâmicas sociais - como a cidade e seus patrimônios, bem como seus diversos públicos- exploram o potencial cultural e educativo de seus acervos, potencializando assim os processos formativos dos alunos envolvidos. Essas ações educativas aproximam os públicos dos bens patrimoniais, integrando educação, preservação e patrimônio e, para os alunos do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, constituem uma experiência fora da sala de aula e proporcionam contato com o público dos museus e constituam um repertório que será utilizado em sua vida profissional.

A CONDUÇÃO DE NOVAS EXPERIÊNCIAS MUSEOLÓGICAS NO PLANETÁRIO DA UFC

Michele Ferreira Martins (michele@ufg.br)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a perspectiva empírica de três linhas de atuação do Planetário Juan Bernardino Marques Barrio da Universidade Federal de Goiás (UFG), sendo elas: a gestão museológica, com elaboração do plano museológico para o órgão; o desenvolvimento de ações de salvaguarda e documentação, com a abertura de um campo de estágio para estudantes do bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da UFC e a comunicação museológica, com a elaboração de uma nova exposição. Para as instâncias de reconhecimento e normatização no campo dos museus, como o Conselho Internacional de Museus (ICOM) e o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), os planetários, principalmente os ligados às instituições de ensino superior, são considerados espaços museais por excelência e estão de acordo com a nova definição de museu aprovada em 2022. Desde 2009, a legislação brasileira instituiu o Estatuto de Museus, Lei Federal nº 11.904, na qual fica estipulado que é dever dos museus elaborar e implementar o plano museológico. A iniciativa de elaboração do plano museológico do Planetário Juan Bernardino Marques Barrio, tem sido conduzida de forma colaborativa e considerada uma ferramenta de gestão estratégica por sua equipe. Tal iniciativa foi reforçada pela criação do Museu do Planetário, em 2019 e pela chegada de uma servidora técnica administrativa com formação em Comunicação, em Museologia e mestrado em Divulgação Científica para o quadro de servidores efetivos. Com este reforço profissional, o órgão se transformou em um importante campo de estágio para estudantes da graduação em Museologia da UFC. Seis deles já realizaram ações de salvaguarda e documentação do acervo de relevância técnico-científica e educacional, como telescópios para observação do céu, equipamentos didáticos de ensino das órbitas do Sistema Solar e o projetor Spacemaster Zeiss, documentos históricos, livros especializados em Astronomia, Matemática, Filosofia e Ensino de ciências e ampla coleção de revistas acadêmicas e de divulgação científica. O órgão tem buscado aprimorar também a comunicação com o público visitante lançando uma nova exposição. Com a adoção de uma expografia que harmoniza o conteúdo, a ideia e a forma, foi reformulada a concepção espacial em um circuito onde o visitante encontrará textos, acervo e elementos expográficos organizados sob uma abordagem mais atrativa, informativa e acessível sobre o fascínio do homem pelo céu. A proposta central da nova exposição defende uma aproximação entre os processos de comunicação museológica e de divulgação científica para defender e socializar informações básicas sobre a ciência astronômica, bem como para valorizar a história institucional. Portanto, no campo da museologia, o Planetário Juan Bernardino Marques Barrio Planetário reconhece que está inserido num campo de estudos interdisciplinares e tem buscado, cada vez mais, institucionalizar suas ações em prol da necessária aproximação com a sociedade tendo em vista a divulgação científica. Espera-se que o relato dessas perspectivas empíricas possa revelar e ampliar o debate sobre as particularidades institucionais que envolvem as práticas museais dentro de um Planetário.

A VISITAÇÃO AO MUSEU NÚCLEO DE OFIOLOGIA E ANIMAIS PEÇONHENTOS DA BAHIA (NOAP/UFBA) PÓS-PANDEMIA COVID-19

Wander Santana Prado Ribeiro (wandersantana32@gmail.com)

Rejâne Maria Lira-da-Silva (rejanelirar2@gmail.com)

O Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia (NOAP/UFBA), criado em 1987 no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (IBIO/UFBA), é um laboratório, grupo de pesquisa, criadouro científico de animais peçonhentos (regularizado de acordo com as Leis ambientais vigentes) e museu universitário itinerante. Está cadastrado no IPHAN (2008) e no ICOM-UMAC (2017). Conduz atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre animais peçonhentos e possui um Setor Educativo com ações educativas (Rede de Zoologia Interativa) voltadas para a educação sobre animais peçonhentos, tendo como pressupostos teóricos a Educação Museal e Educação Museal Online. Antes da Pandemia da COVID-19 a nossa atuação era presencial para um público diverso, cujas visitas ao NOAP/UFBA foram suspensas em março/2020. Em agosto/2022 retomamos a visitação com um rígido Protocolo de Biossegurança, que incluiu o esquema de vacinação completo, uso de máscara, calça comprida, sapato fechado e restrição de em média 10 pessoas para manter o distanciamento seguro. Apresentamos um Relato de Experiência de natureza qualitativa objetivando discutir sobre o público visitante do Museu após a sua reabertura com uma nova sistemática de visitação. As visitas ao NOAP/UFBA passaram de espontâneas para agendadas, às sextas-feiras, das 11h-12h, através do Formulário de Visitas online (Google Forms), disponibilizado no Instagram (@noapufba) e QR-Code. Atualmente, o formulário contém as variáveis: dados pessoais, e-mail, se é estudante da UFBA, como o visitante conheceu o NOAP/UFBA, o motivo da visita, além de dar ciência de cumprimento do Protocolo de Biossegurança, pontualidade da visita e autorização para uso da imagem nas nossas redes sociais e dos dados para fins de pesquisa, além do passaporte de vacinação. Foram realizadas 8 (oito) visitas entre agosto-dezembro/2022, com 103 agendamentos e 56 visitantes (54,36%), média de 7 (sete) pessoas por visita. Dos 47 agendamentos restantes, os principais motivos para a impossibilidade da visita foram a desistência (n=22, 46,80%), incompletude do esquema de vacinação (n=11, 23,40%) e cancelamento justificado (n=6, 12,76%). A idade do público variou entre 10-75 anos, média de 19 anos, cujos motivos para a visita foram: interesse nos animais (aranhas, cobras e escorpiões), no próprio laboratório e interesses profissionais/acadêmicos, o que explica o fato de 30 (53,57%) visitantes serem estudantes da UFBA, a maioria de Biologia ou Medicina Veterinária. Durante o 12º Encontro de Jovens Cientistas, evento anual do IBIO/UFBA voltado para estudantes da Educação Básica, recebemos a visita de 14 jovens (25% do público), entre 14-15 anos, que demonstraram grande interesse pelos animais e 2 (dois) professores (33 e 42 anos). A indicação por colegas, familiares e/ou professores (n=34, 60,71%) e o engajamento nas nossas redes sociais (Instagram, Facebook, Youtube e TikTok) e Podcast foram as principais formas de divulgação capazes de atrair o público. Concluímos que embora o nosso Museu seja itinerante, há um grande interesse do público, especialmente dos jovens, em visitar o laboratório onde eles podem ver os animais peçonhentos e manusear com segurança, os que não são de importância médica, através das atividades “mão-na-cobra” e “mão-na-aranha”, além de vivenciar o dia a dia das nossas atividades de pesquisa.

EDUCAÇÃO MUSEAL ONLINE. EXPOSIÇÃO MUSEAL VIRTUAL EDUCATIVA. RELAÇÕES PEDAGÓGICAS MUSEAIS. REDES SOCIAIS DIGITAIS. ANIMAIS PEÇONHENTOS

Marglyn Anne Santana de Oliveira (marglyn.anne@gmail.com)

Mariana Rodrigues Sebastião de Almeida (marianasebastiao@gmail.com)

O NOAP/UFBA, criado em 1987, é um museu de ciências, universitário e itinerante que através de suas ações educativas, tem o objetivo de dialogar sobre a temática Animais Peçonhentos para um público diverso. Até 2020, as exposições museais do NOAP/UFBA eram exclusivamente presenciais. Mas essa realidade foi alterada com a pandemia de COVID-19, que impossibilitou a condução das ações educativas diretamente com o público. Com isso, foi possível construir uma nova forma de mediar exposições museais, através da Educação Museal Online, dando continuidade à Divulgação Científica sobre Animais Peçonhentos, tema importante para a saúde pública global, considerando que os acidentes são consideradas Doenças Negligenciadas pela OMS. A Educação Museal Online, noção e abordagem didático-pedagógica trazida de forma pioneira por Edméa Santos e Frieda Marti, em 2019, tornou-se, então, a base teórico-prática para a construção de uma experiência inovadora no NOAP/UFBA, que é a construção de Exposições Museais Virtuais Educativas expostas nas redes sociais digitais (Instagram, Facebook, Youtube e Tiktok). Entre 2020 e 2022 foram realizadas 7 (sete) exposições virtuais nas redes do NOAP/UFBA, construídas com participação de professores, estagiários, estudantes de graduação e pós-graduação e colaboradores, vinculados à UFBA. Materiais variados foram produzidos: cards informativos e interativos, vídeos, episódios de podcast, lives, jogos e materiais educativos. A partir dessas exposições, experimentaram-se novas ferramentas e maneiras de construir e mediar uma exposição virtual, com adaptações de conteúdos e atividades já existentes presencialmente. Este é um trabalho de reflexão sobre a experiência da autora acerca de (2) duas atividades de Educação Museal desenvolvidas nas redes sociais digitais em 2022. Ocorreu no âmbito das atividades educativas extensionistas do Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Universidade Federal da Bahia (NOAP/UFBA) em parceria com a Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade – Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica, uma disciplina curricular com caráter extensionista ofertada pela UFBA a estudantes de graduação e pós-graduação. O objetivo é compreender se e/ou como são estabelecidas as relações de ensino e de didática em exposições virtuais nas redes sociais do NOAP/UFBA. Nota-se que é possível construir e mediar uma Exposição Museal Virtual Educativa, desde que haja planejamento, capacitação teórico-prática dos envolvidos e interdisciplinaridade. Para tanto, é importante que a utilização das redes sociais e suas especificidades sejam consideradas, adaptando os conteúdos educativos para realizar uma exposição museal que tenha i) qualidade científica ii) que seja criativa e chamativa iii) que promova reflexão crítica e iv) que gere no visitante o desejo de compartilhar o conteúdo. A utilização de novas tecnologias sociais como as redes sociais, que ampliam a sociabilidade no ciberespaço, unidas a ações de Educação Museal Online em museus de ciências e universitários, como o NOAP/UFBA, foram alternativas viáveis para repensarmos e ressignificarmos as práticas museais em um momento de distanciamento social imposto pela pandemia, que, posteriormente, revelou-se como possível e útil, mesmo com o fim dela. As Exposições Museais Virtuais Online revelam-se, conseqüentemente, como uma forma de ação educativa que dentro da Universidade, corroboram com o cumprimento do tripé universitário do Ensino, Pesquisa e Extensão.

MUSEU CASA DO SERTÃO UEFS: ESPAÇO MULTIRREFERENCIAL DE APRENDIZAGEM NO PORTAL DO SERTÃO BAIANO

Cristiano Silva Cardoso (ccardoso@uefs.br)

Contemporaneamente a palavra patrimônio tem adquirido notoriedade, seu uso vem se tornando uma constante entre os meios de comunicação. Comum a retóricas saudosistas, perfaz-se enquanto tema constante nos acalorados debates políticos, assim como é presente também nas variadas conversas informais. Certamente não se trata de um caso de “expressão em franco modismo”. A narrativa patrimonial, referenda complexas questões ontológicas e envolve entre outros aspectos, os reflexos da chamada “mundialização” que via capitalização global, tem causado, além de benefícios, danos irreversíveis tanto ao ambiente, quanto às populações, principalmente aos excluídos que lutam por garantias sociais. Internacionalmente, as discussões patrimoniais referendam importantes questões, muitas delas, numa engenharia política vinculada a dois marcos na sociedade, a saber: os Direitos Culturais e a instituição Museu. Em tais instâncias (legal e aplicativa) considera-se a chancela “patrimônio” dispositivo fenomenológico de representação concedida a remanescentes materiais e cognitivos que endossados socialmente, tem por esses meios (teoricamente) a garantia de seu exercício, notoriedade e preservação. O presente estudo é motivado pelo interesse na valorização do patrimônio cultural local e busca no modo como se dá a gestão da inteligência patrimonial em Feira de Santana-Ba, focalizando a ação do Museu Casa do Sertão UEFS, contribuir para discussões a respeito de significativas lacunas na produção e difusão de conhecimentos no panorama curatorial baiano e ampliado. Considerando este viés de “inteligibilidade dos sentidos de patrimônio local” plausível, seria então salutar a instauração de debates sobre estas interações? O transitar pelo patrimônio enquanto categoria de análise, agora alinhando informação, percepção e aprendizagem patrimonial na Região também chamada de Portal do Sertão, por localizar-se numa transição entre zona da mata e o sertão baiano, em que se congregam riquezas e diversidades, advindas do encontro de pessoas e histórias representativas do imaginário sobre “o ser nordestino”, resulta, numa cena cultural composta por diversificadas iniciativas individuais, comunitárias e por meio de equipamentos públicos como centros culturais, museus e espaços abertos voltados a atender a sociedade nas demandas por formação, cultura, lazer e entretenimento patrimonial. Propõe-se numa abordagem qualitativa, analisar num panorama reflexivo, a retomada do Museu Casa do Sertão, pioneiro entre os museus da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). As pautas expositivas iniciam comemorações alusivas aos 45 anos de sua fundação pelo Lions Club de Feira de Santana e demarcam importantes mudanças no trato com suas coleções, relacionadas aos artefatos de usos e costumes, criações artísticas populares, itens documentais e bibliográficos, buscando em sua comunicação conectar variados públicos e gerações, por meio da diversidade e inventividade dos acervos e dinâmicas trabalhadas. O considerado espaço multirreferencial de aprendizagem e difusão da estética e da cultura sertaneja, tem nesta retomada, grande expectativa, já que após o período pandêmico mais agudo, o expediente externo continuou suspenso, por mais um ano, em função da proximidade a construção do novo acesso viário da UEFS, oportuna ocasião para que a instituição refletisse sobre a emergência de informações e referências patrimoniais, ampliando seus repertórios socioeducativos, no que tange ao patrimônio indígena e às expressões contemporâneas locais.

A CONSERVAÇÃO DA FOTOGRAFIA NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CIENTÍFICA

Caroline Pinho Leal (carolineleal1991@hotmail.com)

Patrícia Danza Greco (patriciadanza@gmail.com)

Ao longo dos anos, a fotografia foi uma forma de preservar memórias, gerando um enorme quantitativo de imagens que capturam momentos únicos da história de um indivíduo, grupo ou lugar. Ao mesmo tempo, a análise de fotografias revela sua própria história, por seus aspectos característicos correspondentes a cada época em que foram produzidas. Por esse motivo, as coleções museológicas se tornam importantes objetos na produção de conhecimento. O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) possui um acervo fotográfico que apresenta momentos importantes da história dos construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF), ao qual o museu pertence, e outros capítulos relevantes da ciência brasileira. Nesse acervo, há uma imagem em vidro, que apresenta o cientista Oswaldo Cruz com a equipe inicial de Manguinhos - Fiocruz, estando presente também o cientista Carlos Chagas, pai do fundador do IBCCF. Essa fotografia foi escolhida como objeto desta pesquisa não só pela imagem ali apresentada, mas principalmente pela técnica aplicada, que ainda está em processo de identificação, mas que, de imediato, já se destaca pelo processo fotográfico raro, ou seja, que não é mais comum hoje em dia. Outro fator a ser ressaltado é o estado de conservação do objeto, que se encontra altamente fragilizado por danos ao suporte, caracterizados por pontos trincados e perda de material. Assim, o trabalho de conservação será uma das ações sobre as quais esta pesquisa se debruça, tendo em vista a necessidade de salvaguardar esse objeto de modo a retardar e estabilizar o processo de deterioração da imagem e, com isso, evitar a perda definitiva desse patrimônio histórico-científico. Assim, num primeiro momento, pretende-se dar continuidade ao processo de identificação da técnica utilizada e da raridade do objeto, tendo em vista que até o momento sabe-se que existe no acervo da Casa de Oswaldo Cruz um negativo com esta imagem. O objeto existente no EMCCF, por sua vez, parece ser uma fotografia em vidro, correspondente à técnica de colódio úmido. Num segundo momento, será realizado um mapeamento de danos do objeto, listando o que for perceptível por meio de um exame organoléptico. Por último, será lançado um plano de conservação para a peça e para o ambiente em que ela se encontra, que será posto em prática no decorrer da pesquisa. Trabalhar a conservação tanto desse objeto quanto do ambiente de guarda dele, torna-se um desafio por causa da diversidade do acervo museológico do EMCCF e da ausência de espaços distintos para cada materialidade, assim como pela sua localização próxima ao mar e pela presença de ampla vegetação no entorno. Assim, este trabalho encaixa-se no eixo temático "perspectivas empíricas", pelo conhecimento interdisciplinar que ele demanda para se pensar um plano de conservação para um objeto frágil, de fácil deterioração, integrado a um acervo muito diverso e que está todo localizado numa área inadequada. Espera-se, com esta pesquisa, contribuir para a identificação de fotografias em acervos universitários, pouco usuais, e para o planejamento factível, dentro das possibilidades existentes, de um plano de conservação para fotografias e negativos.

NOTAS SOBRE OS PROJETOS DE ACESSIBILIDADE DO MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Carmem Lúcia Altomar Mattos (carmemmattos1@gmail.com)

Voltadas para públicos especiais, o Museu de Arte Murilo Mendes da Universidade Federal de Juiz de Fora (MAMM/UFJF) vem desenvolvendo múltiplas ações para acessibilizar seu acervo, suas atividades e pesquisas, de acordo com o Programa de Acessibilidade Universal disposto no Plano Museológico da instituição. As iniciativas foram intensificadas a partir da exposição Coleção Murilo Mendes: 25 anos, composta por obras de importantes artistas brasileiros e estrangeiros – como Ismael Nery, Portinari, Maria Helena Vieira da Silva, Fayga Ostrower, Joan Miró, Alberto Magnelli, Cino Severini entre outros – reunidas pelo poeta ao longo de sua vida. Destacam-se três projetos: MAMM para todos verem, Tocar é conhecer e a proposta de uma série de encontros on-line com pesquisadores e artistas que dialogam com o tema da acessibilidade e inclusão em espaços museais. Essas ações contam com a parceria de núcleos multidisciplinares vinculados à UFJF. MAMM para todos verem tem como objetivo que pessoas com deficiência visual conheçam o trabalho desenvolvido no museu e sua importância para a cultura local. O projeto conta com a participação de um aluno do curso de jornalismo da universidade com cegueira total, que colabora com a adequação das atividades permanentes, a implementação de recursos acessíveis no espaço físico e virtual do MAMM, bem como, com a consultoria para o recurso de audiodescrição disponível nas exposições através do uso de QR Code. Tocar é conhecer, aforismo escrito por Murilo Mendes, nomeia o projeto de reproduções multissensoriais das obras do acervo do MAMM, elaboradas pelos profissionais do Laboratório de Conservação e Restauração de Papel do museu. Foram feitas a fotogrametria de objetos e esculturas, e estudos preliminares em impressão 3D da bilha do espanhol Pablo Picasso e um trabalho do artista peruano Joaquín Roca-Rey. Pinturas, colagens e desenhos de Victor Vasarely, Alberto Magnelli e Ismael Nery, também foram adaptados para a versão tridimensional com texturas para representação de cores e diferentes materiais para percepção de detalhes das obras. Ainda em processo, a série de encontros on-line para conversas sobre acessibilidade em museus, teve sua primeira edição apresentando ao público a palestra Acessibilidade em Museus – benefícios para todos, com Roseli Garcia e Marina Baffini. As especialistas contaram sobre suas experiências na implementação de recursos acessíveis em museus. Além desses, o MAMM vem organizando outras propostas alinhadas as pesquisas sobre acessibilidade e inclusão para receber diferentes públicos. Este artigo está relacionado ao eixo temático Perspectivas empíricas, do VII Fórum Permanente de Museus e Coleções Universitárias, trazendo reflexões sobre práticas que têm viabilizado o acolhimento, a valorização da diversidade e a difusão do conhecimento produzido pelo museu.

COLEÇÕES EM COLETIVO: PARCERIA INSTITUCIONAL COMO FORTALECIMENTO DE COLEÇÃO UNIVERSITÁRIA E COLEÇÃO DIDÁTICA EM BELÉM, PA

Bianca Cristina Ribeiro Vicente (biancacrystinarv@gmail.com)
Doriene Monteiro Trindade (dorieneluna@gmail.com)

As parcerias institucionais são formas de fortalecer ações museais e isso não é diferente ao se tratar de coleções universitárias. O presente trabalho visa analisar as ações de extroversão feitas em parceria entre a Coleção de História Natural do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e a coleção didática Emília Snethlage do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). O enfoque é sobre dois eventos públicos em que as coleções estiveram reunidas para comunicar sobre o patrimônio geológico na Amazônia e a relação da sociedade com a natureza. O primeiro evento foi o I Expobio, realizado em junho de 2022 na Universidade Federal do Pará, e o segundo foi o “Ciência na Praça”, realizado em outubro de 2022, na Praça da República, centro de Belém, Pará. Na I Expobio, o público foi majoritariamente universitário, principalmente com graduandos de Biologia, dos quais vários já haviam estudado sobre fósseis na graduação. Também houve visita de grupos escolares do ensino fundamental e médio de algumas instituições de ensino da cidade. No “Ciência na Praça”, o público foi majoritariamente familiar, formado por grupos de familiares e amigos que frequentam a praça da República aos domingos. Esta praça é ampla e arborizada, e um dos espaços de lazer preferidos da população de Belém, o que a torna o ponto estratégico para divulgação científica por ser um espaço de grande circulação. Em ambos os eventos, foram apresentados acervos da Coleção Didática Emília Snethlage e da coleção de história natural do curso de Museologia da UFPA, e as equipes trabalharam em parceria na concepção, montagem e apresentação dos conteúdos e acervos. Uma parcela significativa de visitantes teve contato com os fósseis pela primeira vez, sendo para eles ainda mais interessante a informação de que o acervo apresentado consistia em fósseis da Região Amazônica, coletados na Zona do Salgado, estado do Pará, e pertencentes ao período do Mioceno (aproximadamente 25 milhões de anos). A parceria entre as coleções da UFPA e do Museu Goeldi possibilitou uma equipe mais numerosa, de aproximadamente 10 profissionais, entre museólogos e biólogos, permitindo um alcance mais amplo do público. Pode-se observar que separadamente, as instituições tinham acervos que permitiriam a elaboração de ações independentes e autossuficientes, porém, ao realizarem a parceria, puderam trazer uma proposta mais completa e colaborativa, ampliando suas perspectivas de abordagem comunicacional. Além disso, ao fortalecerem as ações através da parceria, tanto a coleção universitária quanto a do museu, tiveram melhores condições de estruturação que muitas vezes são menores pelos recursos limitados, sejam financeiros ou de pessoal. Outrossim, estas ações educativas permitiram aplicar de maneiras diferentes o incentivo e/ou a abordagem dos três pilares da universidade que são a pesquisa, o ensino e a extensão, os quais trabalharam em parceria com as propostas educativas previstas pela coleção didática. A parceria permitiu que ambas as coleções pudessem atingir seus objetivos, levando ao público os acervos e conteúdos de pesquisas, incentivando a valorização do patrimônio amazônico e contribuindo com a sociedade através de ações de extensão.

NUMMUS: CONTRIBUIÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE METAMUSEOLOGIA

Ivan Coelho de Sá (ivansamus@gmail.com)

A proposta da comunicação é refletir sobre as peculiaridades do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil-NUMMUS, sua inserção na Universidade e suas contribuições à Pesquisa. Criado em 2005, o NUMMUS é vinculado à Escola de Museologia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais-CCH, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO e ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS/UNIRIO/MAST. O Núcleo desenvolve-se paralelamente ao Projeto de Pesquisa “Preservação e Recuperação da Memória da Museologia no Brasil”, cujos objetivos principais são: pesquisar, preservar e divulgar a História e a Memória do campo da Museologia, tendo como base a análise de fontes primárias. Estas fontes primárias referem-se, basicamente, a coleções particulares de estudantes, professores e profissionais deste campo, em geral, documentos, correspondências, apontamentos, materiais didáticos, manuscritos, fotografias, materiais de congressos e seminários, anais, anuários, revistas, jornais, cadernos, diários etc., guardados ao longo de suas vidas e que acabam se transformando em importante e inesgotável fonte de pesquisa. Interessante observar que todos os titulares/doadores dessas coleções tiveram uma forte relação de vida e trabalho, ao longo de várias décadas, com o campo da Museologia. Assim, o elo que perpassa todas as coleções é exatamente a atuação destes profissionais na Museologia, nos Museus e no Patrimônio. Neste sentido, ao coletar, documentar e preservar estas referências, o NUMMUS musealiza a própria Museologia, ou seja, permite uma experiência concreta de Metamuseologia. As atividades de musealização estão diretamente vinculadas à atuação de bolsistas de projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, ou seja, de graduandos dos Cursos de Museologia-Integral e Noturno, da Escola de Museologia. A interação do NUMMUS com estes projetos tem possibilitado, aos estudantes, a participação em todo um processo de pesquisa que tem início com a coleta de acervos e seu tratamento técnico, passando por etapas de mapeamento de dados, análise e interpretação de fontes que acabam possibilitando importantes reflexões críticas sobre questões pertinentes ao campo da Museologia. Não raro, os bolsistas desenvolvem projetos de Trabalho de Conclusão de Curso-TCC sobre temas suscitados a partir do conhecimento dos acervos, e vários projetos de TCCs têm sido aprofundados em projetos de dissertações e teses defendidos, sobretudo, no PPG-PMUS. Independentemente de suas peculiaridades e importantes contribuições, por sua vinculação e dependência a uma estrutura universitária, pública, federal, e por trabalhar potencialmente com Memória e Preservação de Patrimônio, o NUMMUS tem enfrentado grandes desafios que podem ser sintetizados na falta de recursos e na ausência de um espaço arquitetônico próprio e adequado às suas atividades. Esta carência repercute em todas as atividades do Núcleo e tem exigido muita resiliência e obstinação. Em síntese, a ideia é trazer uma reflexão sobre estes 18 anos de funcionamento do NUMMUS, traçando um paralelo entre suas contribuições e os grandes desafios que tem enfrentado.

EXPERIÊNCIA PARA FORA DAS PAREDES DO MUSEU: HIGIENIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DA COLEÇÃO BIBLIOGRÁFICA DO PROF. CEZAR ANTONIO ELIAS

Maria Clara Saldanha de Menezes Castilho (mariaclarascaltilho@gmail.com)
Luiza Arêas Fidalgo (luizareasf@gmail.com)

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), fundado em 20 de dezembro de 2000, foi criado em memória ao Professor Carlos Chagas Filho, fundador do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF). O museu está localizado no Centro de Ciências da Saúde (CCS), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e tem como compromisso divulgar não só o Instituto de Biofísica como também a memória dos grandes nomes que passaram por ele e de suas pesquisas científicas. O seu acervo é diversificado e inclui instrumentos científicos, documentos textuais, fotografias, medalhas, moedas, tecidos e, como foco deste trabalho, coleções bibliográficas variadas. Os alunos extensionistas da área de Conservação e Restauração do museu, bem como de áreas afins, ficaram responsáveis por catalogar, higienizar e acondicionar uma série de livros que foram doados pelo Prof. Cezar Antonio Elias, também membro do Instituto de Biofísica e curador do EMCCF, com o objetivo de que fosse incorporada ao acervo do Espaço Memorial. Para que fossem incorporados à coleção, os livros deveriam atender a alguns critérios apresentados pela coordenadora do projeto de extensão, a Professora Erika Negreiros, passando por uma espécie de triagem. Os critérios adotados foram a presença de alguma assinatura ou dedicatória relacionada ao Prof. Elias ou a alguma outra personagem relevante para a história do Instituto de Biofísica; ou/e ser um título de interesse e relevância em relação aos livros que já faziam parte do museu. Os exemplares admitidos nessa triagem passaram por uma análise de danos e, em alguns casos, medidas específicas foram tomadas para recuperação individual dos livros. Para facilitar a compreensão, ao lidar com uma coleção de livros, seja esta uma coleção pessoal ou até parte de uma biblioteca, três passos essenciais devem ser seguidos em um primeiro momento: o primeiro deles é a catalogação do acervo, o segundo é a higienização e, por último, o acondicionamento. O trabalho tem como foco apresentar e descrever o processo de higienização feito com os livros que passaram a integrar o acervo pertencente ao EMCCF, compartilhando todas as etapas e problemáticas surgidas ao longo do caminho. Além disso, a pesquisa prevê também a elaboração de uma proposta de conservação preventiva para um público não especializado. Ressalta-se que esta proposta é válida para quaisquer membros da comunidade que tenham uma coleção pessoal de livros, com o desejo de preservá-la da maneira mais correta possível, sem necessidade de uma formação especializada. Espera-se com este trabalho estimular o cuidado com coleções bibliográficas, públicas ou particulares, já que “A preservação é uma consciência, mentalidade, política (individual ou coletiva, particular ou institucional) com o objetivo de proteger e salvaguardar o patrimônio” (Sá 1993 apud Sarmiento, 2003, p. 2). Este resumo insere-se no eixo temático “Perspectivas empíricas” uma vez que pretende divulgar a experiência pessoal adquirida durante o processo realizado enquanto extensionistas e bolsistas do EMCCF. Assim, unindo conhecimento teórico e experiência prática, constrói-se uma espécie de manual de conservação para aqueles que buscam a conservação e salvaguarda do patrimônio, seja ele musealizado ou não.

AÇÕES DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS NA AMPLIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORAS E PROFESSORES DE CIÊNCIAS

José Sebastião Andrade de Melo (jsamelo@gmail.com)

Os espaços formais de educação vêm sendo alvo de inúmeros questionamentos a respeito do seu histórico papel de centralidade na promoção do letramento da sociedade, da formação de agentes culturais e educadores. Quando nos reportamos ao cenário da pesquisa em Educação em Ciências, percebemos vários relatos que apontam uma ampliação das possibilidades de espaços não formais de divulgação científica, a exemplo dos Museus e Centros de Ciências, onde é possível aprender e ensinar. Seriam esses espaços também propícios para a promoção de atividades de formação de professoras e professores? Pensando nessa questão, ao longo dos últimos dez anos, foram desenvolvidos no Museu de História Natural da Universidade Federal de Lavras (MHN-UFLA) dois projetos e um programa que buscaram ampliar as possibilidades formativas para licenciandas e licenciandos em química, física e biologia tradicionalmente voltadas para atuação em espaços escolares e, para além disso, promover a integração de espaços educativos formais (escolas e universidade) e não formais (museu). As atividades desenvolvidas forneceram oportunidades para formação inicial de professoras, professores e de alunas e alunos da rede de educação básica. Os projetos desenvolvidos foram “Explorando o Ensino de Ciências e Química no Museu”, “A Magia da Física e do Universo” e o “Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras”. Essas ações fundamentam-se nas contribuições de pesquisas realizadas na área da Educação Museal e da Educação em Ciências, que tanto no cenário nacional quanto internacional valorizam práticas formativas em espaços museais. Foram considerados como principais fatores estimulantes para os projetos, as deficiências infraestruturais das escolas da rede pública, o distanciamento existente entre o cenário de produção de conhecimento, universidade, museus e centros de ciências, e as escolas. O público-alvo dos projetos incluiu, além da comunidade local, as licenciandas e licenciandos envolvidos no desenvolvimento das atividades; as professoras da rede pública, que tiveram a oportunidade de integrar espaços que possibilitam a continuidade de sua formação; e pesquisadoras e pesquisadores universitários. Entre as atividades desenvolvidas destacaram-se: as exposições sobre temas socioambientais; visitas mediadas ao acervo do MHN-UFLA; ciclos de palestras sobre temáticas contemporâneas da ciência; mostras de filmes com discussões sobre aspectos históricos, filosóficos e éticos da ciência; atividades relacionadas à astronomia viabilizadas por meio de um planetário insuflável e oficinas de observação do céu; além de minicursos com abordagens voltadas para as discussões sobre o papel dos espaços não formais na promoção do letramento científico e cultural. As atividades propostas visaram contribuir para a formação profissional dos participantes, difundir e divulgar conhecimentos produzidos na universidade para os públicos da rede de educação pública que puderam vivenciar experiências e atividades relacionadas à Ciência, Meio Ambiente e Tecnologias desenvolvidas no MHN-UFLA.

A QUINTA DA BOA VISTA COMO MUSEU: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA COM AS ESCOLAS

Alejandra Rodrigues de Oliveira (alejandra.negrini@gmail.com)
Andréa Costa (andrea@mn.ufrj.br)

O presente trabalho é um documento de reflexão sobre as experiências profissionais decorrentes do processo de concepção, implementação e avaliação de visitas educativas realizadas com grupos de escolas públicas municipais do Ensino Fundamental, na Quinta da Boa Vista. O projeto “Do Museu da Quinta à Quinta como Museu”, desenvolvido pela Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional (MN/UFRJ), com apoio do Programa de Bolsas SIMAP 2022-2023, tem como objetivo principal implementar atividades voltadas ao público de visita programada, prioritariamente estudantes da Educação Básica de escolas públicas e seus professores. Além das visitas realizadas no ano de 2022, atualmente estão sendo elaboradas propostas de formação inicial e continuada de professores e de material didático. As visitas educativas convidaram os educandos a se apropriarem e ressignificarem os conhecimentos referentes à História, à Arquitetura, ao Paisagismo e à História Natural (fauna e flora) de um dos mais importantes, emblemáticos e populares espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, a Quinta da Boa Vista, em sua interface com o Museu Nacional. Os bolsistas atuaram como mediadores, promovendo a articulação de saberes de diferentes áreas e propondo aos públicos envolvidos uma abordagem integrada e dialógica que considere suas memórias, saberes e afetos na produção de novos conhecimentos sobre um dos mais populares espaços públicos da cidade, a Quinta da Boa Vista, e sobre o mais antigo museu brasileiro, o Museu Nacional. Nas visitas educativas que realizamos, buscamos proporcionar diversas formas sensoriais de viver a Quinta como um museu a céu aberto, como por exemplo: sentindo a textura do tronco do Baobá e do Oiti, procurando frutos pela Alameda das Sapucaias, ouvindo o cantar simultâneo das aves e sentando na grama enquanto conversamos sobre o pagode chinês. Além disso, algumas de nossas abordagens acolhiam práticas culturais de religiões de matriz africana, e ao apresentar elementos pertencentes a esses grupos, discussões e conversas espontâneas sobre as experiências pessoais religiosas de alguns visitantes acabaram sendo geradas. Para tanto, os universitários participantes do projeto, além de atuarem como educadores museais, foram responsáveis pelo levantamento bibliográfico, documental e iconográfico referente à Quinta da Boa Vista, bem como a organização e análise do material, organização de ações de formação de educadores, planejamento de visita educativa à Quinta da Boa Vista, elaboração de formulários de agendamento de visitas educativas; implementação e avaliação das visitas educativas e elaboração de trabalhos acadêmicos. Assim, aplicamos os nossos conhecimentos acadêmicos em ações educativas, buscando referenciais teóricos e propondo reflexões sobre nosso campo de atuação, ampliando assim a nossa formação. A Educação Museal está ausente das licenciaturas da UFRJ e o projeto foi uma oportunidade para que os bolsistas tivessem contato com esse campo de atuação profissional.

A ERA DA PÓS-VERDADE EM AMBIENTE ESCOLAR: O PAPEL DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Fernanda Menescal dos Santos (fernanda.menescal@hotmail.com)
Thaís Patrícia Mancilio da Silva (thais.mancilio@gmail.com)

O Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) é um museu universitário de ciência e tecnologia que oferece a oportunidade de integração do meio acadêmico com o ensino básico por meio de visitas mediadas e diversas atividades educativas. Dentre os trabalhos desenvolvidos no EMCCF, destaca-se o de Divulgação Científica, feito mediante o uso de publicações autorais nas mídias sociais e da parceria museu-escola, através de visitas ao EMCCF e da realização de oficinas na escola parceira, o que torna possível levar o conhecimento acadêmico para além dos muros da universidade. Com o avanço da tecnologia, o trabalho do divulgador científico ganhou notável destaque. Sabe-se que, com a democratização do acesso à Internet, tornou-se muito mais fácil obter a informação desejada. Entretanto, com a grande quantidade de dados disponíveis e o uso das redes sociais como a principal fonte de informação, torna-se cada vez mais difícil checar se uma notícia é verdadeira ou falsa. O exercício de checagem de fatos tem como fundamento o pensamento científico, em que – ao ser confrontado com uma informação – o indivíduo se utiliza da ciência e da lógica para verificar sua veracidade. Com isso, o objetivo deste trabalho é utilizar as oficinas pedagógicas como forma de diminuir a distância aparente entre os saberes científicos e o cotidiano dos alunos do ensino básico. Além disso, espera-se como resultado, contribuir para o fortalecimento do pensamento crítico e incentivar a busca por um ceticismo saudável quanto ao tipo de informação que pode alcançar estes alunos através das redes sociais. A preferência para o trabalho com crianças e adolescentes do ensino fundamental é justificada por três motivos: o primeiro diz respeito aos dados obtidos através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD, de 2019, que afirma que o grande consumo de Internet se dá por parte de estudantes na faixa etária de 10 a 19 anos (PNAD, 2019); o segundo se relaciona com a faixa etária que coincide com o início da construção do pensamento crítico, com base na Teoria do Conhecimento de Jean Piaget; e a terceira está relacionada com a possibilidade de se introduzir o processo de alfabetização digital na escola. Ademais, vale salientar que a alfabetização digital – embora seja uma medida de longo prazo – é um processo altamente recomendado quando se trata do combate à desinformação (ALVES; MACIEL, 2020, p. 164). Desta forma, o presente trabalho – proposto para o VII Fórum permanente de Museus Universitários – se encaixa no tópico "Perspectivas empíricas", já que tais atividades descritas podem oferecer uma contribuição significativa para a democratização do conhecimento acadêmico, contribuindo para o desenvolvimento de novas práticas interdisciplinares no museu, levando o conteúdo das exposições e redes sociais para o âmbito escolar.

A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA COMO AÇÃO FUNDAMENTAL PARA A SALVAGUARDA DAS FOTOGRAFIAS DA SALA DO DIRETOR DO INSTITUTO DE BIOFÍSICA DA UFRJ

Gabriela Breda Guimarães (ggabrielabreda@gmail.com)

O Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi fundado em 1945 e possui, dentro do seu espaço acadêmico, um museu de ciência e tecnologia, o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), que tem como sua principal proposta, desde o ano 2000, preservar e expor a memória do Carlos Chagas Filho e do Instituto. Dentre essas memórias, este resumo foca na preservação das fotografias presentes na sala da direção, que são retratos de todos os ex-diretores que passaram pelo IBCCF desde o seu fundador, o médico e professor Carlos Chagas Filho. Devido ao simbolismo de expor a história da Instituição por meio de imagens daqueles que se comprometeram em fortalecer o IBCCF, as fotografias oficiais não estão incorporadas no acervo do EMCCF. No entanto, a equipe do museu, ao participar de reuniões periódicas que ocorrem nesta sala, pôde identificar que essas fotografias estavam em processo de deterioração e que seu dano já estava próximo da irreversibilidade. Ao ser informado da situação, o atual diretor do Instituto prontamente aceitou a intervenção da equipe que, então, pôde iniciar análises das fotografias a partir de exames organolépticos. Dentro das deteriorações, é possível listar como danos sobre a imagem e o suporte o esmaecimento, o amarelecimento, a acidificação, além de manchas derivadas de ataques biológicos. Sendo assim, é perceptível que esses danos sejam em decorrência da desatenção quanto à incidência de luz sobre as fotografias e as variações de temperatura e umidade do ambiente não controladas no decorrer dos anos. Dessa maneira, o primeiro passo foi analisar o material de cada fotografia, que foram tratadas como objetos únicos. Essa etapa é fundamental já que os materiais fotográficos têm uma estrutura físico-química complexa e instável e, compreender cada um deles é necessário para entender o comportamento dos mesmos a ponto de sugerir procedimentos corretos em prol da sua conservação (LIMA; CARVALHO; FILIPPI, 2002, p. 16). Ciente das informações obtidas, a equipe de conservação-restauração do museu desenvolveu um plano de ação para desacelerar a degradação das peças, uma vez que as fotografias continuariam sendo expostas no mesmo local, que não possui condições de regulação climática. Esse plano envolveu uma metodologia baseada em pesquisa, diagnóstico e intervenção, que abrangeu cinco partes: 1. Desenvolvimento de um mapeamento de danos; 2. Produção e preenchimento de fichas catalográficas para registro documental do estado de conservação do acervo; 3. Digitalização das fotografias; 4. Higienização das fotos e limpeza do vidro e das molduras; 5. Substituição de materiais da composição do quadro por opções que não tenham teor de risco para as fotografias. Apesar dos originais continuarem em exposição, os resultados almejados a partir das ações de conservação preventiva, foram alcançados através dessas ações consideradas emergenciais, possibilitando a formação de um registro documental das fotografias para futuras pesquisas e monitoramento de danos, até que as fotografias possam ser substituídas por cópias, possibilitando o acondicionamento adequado das mesmas.

"CIÊNCIA PARA BEBÊS": UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ

Lívia Mascarenhas (livia@casadaciencia.ufrj.br)

Elaine Barros (elaine@casadaciencia.ufrj.br)

Os museus e centros de ciência e tecnologia são espaços importantes no contexto da divulgação e popularização da ciência, estimulando a reflexão e o engajamento dos visitantes nas questões científicas que permeiam nossa sociedade. Constituem-se também como um espaço cultural que deve ser acessível a todas as pessoas e, por isso, ações que busquem ampliar o público visitante, ofertando atividades para aqueles muitas vezes excluídos de suas ações, são essenciais para transformar o museu num local cada vez mais democrático e inclusivo. Neste sentido, a Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolve projetos com diferentes linguagens em vista da popularização da ciência e, considerando sua característica de museu universitário, busca promover espaços de diálogo entre Universidade e Sociedade. Uma das ações que vêm sendo desenvolvidas pela Casa e que será explorada neste trabalho de relato de experiência, é a série: “Ciência para bebês”. Iniciada em 2022, a atividade buscou atuar em dois eixos: o primeiro no reforço de que o espaço do museu é para todos, e isso inclui os bebês, e o segundo, na inclusão da família, especialmente mães, que muitas vezes são alijadas da possibilidade de frequentar esses espaços, por não haver atividade ou mesmo estrutura para lhes receber. Ao pensarmos no potencial de atividades para esse público, observamos autores como Barbosa (2010), Carvalho e Santos (2019) e Martins, Carvalho e Campolina (2022), que apontam a alta capacidade de percepção e aprendizado dos bebês por meio do corpo, por exemplo. Partindo desses pressupostos, desenvolvemos atividades sensoriais voltadas para crianças de três meses a três anos de idade. A primeira edição do "Ciência para bebês" foi realizada em 10 de julho de 2022, e recebemos em torno de 40 pessoas, incluindo bebês de idades variadas. Foram desenvolvidas 4 (quatro) oficinas, todas sensoriais e cada uma voltada para uma faixa-etária diferente. A segunda edição foi realizada no dia 29 janeiro de 2023 e, além das oficinas sensoriais desenvolvidas na edição anterior, foram incluídas atividades de música e contação de histórias, esta última em parceria com o Museu de Ciências da Terra. Nesta edição, o público chegou a 254 pessoas, com muitos bebês participando de todas as atividades. Os resultados iniciais apontam que a demanda desse tipo de ação em um museu de ciência, voltada para bebês e suas famílias, é bastante grande, tendo em vista o número expressivo de visitantes na segunda edição, bem como os diversos relatos recebidos pela equipe da Casa (de forma presencial e virtual) de visitantes que mencionaram a escassez de ações em museus e com temática de ciência, voltado para bebês. Foi mencionada também a intenção em retornar em futuras atividades. Acreditamos, portanto, que ações museais voltadas para o público de bebês e suas famílias são muito profícuas, pois despertam o interesse do público-alvo e podem se constituir tanto como ferramentas de ampliação de público, como na construção de uma cultura de visitação a museus, desde a mais tenra idade.

ANÁLISE DO PROCESSO DE COLABORAÇÃO ENTRE A COLEÇÃO UNIVERSITÁRIA DE HISTÓRIA NATURAL DO CURSO DE MUSEOLOGIA (UFPA) E A COLEÇÃO DIDÁTICA EMÍLIA SNETHLAGE (MPEG)

Rayana Alexandra Sousa da Silva (rayanaalexandra02@gmail.com)
Neuza Araujo Fontes Freire (neuzafreire@museu-goeldi.br)

A característica mais proeminente das coleções universitárias é o fato de estarem sob a responsabilidade de uma universidade e direcionadas a um público interno, especializado e sem uma maior orientação ao público externo. Em contrapartida, destacamos as coleções didáticas, as quais destinam-se a um público não especializado, principalmente o escolar, e realiza suas práticas educativas através da experimentação, observação e manuseio dos acervos. Nestes distanciamentos conceituais, que separam as duas tipologias de coleções, buscamos fazer aproximações a fim de promover a valorização do patrimônio paleontológico paraense através do processo educativo. Assim, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar o processo de cooperação entre a Coleção Universitária de História Natural do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará e a Coleção Didática Emília Snethlage do Museu Paraense Emílio Goeldi no âmbito do projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, intitulado: Musealização do geopatrimônio amazônico no Pará: renovando acervos e afetos. Para isso, utilizamos como metodologia, a realização de coletas de campo para extração de fósseis no município de Salinópolis - PA, envolvendo uma equipe multidisciplinar e interinstitucional (de ambas as coleções) e posterior compartilhamento do material coletado, tomando como base a função dada a estes em cada coleção. O projeto objetivava incrementar novos itens aos acervos dessas instituições e com isso viabilizar um processo mais amplo de popularização científica através destes, tangenciado por conhecimentos de ordem geológica, museológica e tradicional e aprimorar processos de aquisição, pesquisa, documentação, conservação e extroversão do mesmo em museus e nas localidades de coleta dos fósseis. Como resultado desta parceria, foi possível incrementar o acervo paleontológico da Coleção Didática Emília Snethlage, que até então era composto majoritariamente por réplicas, e a posterior criação de kits didáticos os quais são comumente emprestados para a realização de tais ações educativas nas escolas de Belém - PA, auxiliam nas ações realizadas no Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, assim como nas aulas de Paleontologia em escolas de Belém-PA. Ainda, a coleção universitária de história natural em questão, por estar mais organizada e seu acervo paleontológico possuir identificações científicas, auxiliou comparativamente nas identificações dos fósseis incorporados ao acervo paleontológico da Coleção Didática Emília Snethlage. Logo, destaca-se que o processo de cooperação estabelecido permitiu a ampliação de ambas as coleções paleontológicas, refinou as informações referente aos acervos da Coleção Didática, o que possibilitou a criação de materiais e ferramentas didáticas para a utilização nas atividades educativas.

PROFESSOR PROTAGONISTA NO MUSEU DE CIÊNCIAS DA VIDA: FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES SUBSIDIADA POR COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Marina Cadete da Penha (marina_cadete@hotmail.com)
Prof. Dr. Athelson Stefanon Bittencourt (athelson@hotmail.com)

O Museu de Ciências da Vida (MCV), Programa de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), primeiro museu de plastinação do Brasil, é um espaço de difusão e popularização científica de temas ligados as ciências da vida. Como museu universitário, desde sua idealização, 2008, dedica-se à educação, difusão e popularização científica. Dentre suas ações, promove interlocuções com professores da educação básica, público significativo nos museus, de modo que, se apropriem de forma plena dos seus conteúdos e possibilidades educativas. Com esse fim, este estudo objetiva o desenvolvimento, por meio de uma pesquisa de doutoramento, de um Programa de Formação Continuada de Professores da Educação Básica (PFCP) no MCV. De modo a subsidiar sua construção, buscou mapear e investigar as ações de formação continuada promovidas por coleções e museus universitários no Brasil, cujos conteúdos dialogassem com o MCV, destacando os motivos pelos quais alguns museus não as desenvolvem. Em pesquisa realizada no ano 2021 na plataforma da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários- RBCMU, dentre os 531 registros, selecionamos 82 museus com conteúdo afim ao do MCV: Anatomia Humana e Animal (MAHA), Zoologia (MZ), História Natural (MHN), Ciências Naturais e outros (MCN). Entre os meses de abril de 2022 e fevereiro de 2023 foi levantado o material que compõe o corpus deste estudo, por meio de questionário encaminhado ao e-mail institucional dos museus. Dos 82 museus, 33 retornaram o questionário, abrangendo assim todo o território nacional, sendo 17 da região sudeste, 5 do sul, 5 do nordeste, 5 do centro-oeste e 1 do norte. E quanto as coleções, 27% de MAHA, 21% de MZ, 30% de MHN e 21% de MCN. Dentre os levantamentos, 23 museus apontam não oferecer ações por motivos, após análise, categorizados como: Insuficiência de recursos humanos e equipe técnica especializada (23%); Falta de interesse/foco institucional e ou da equipe (26%); Insuficiência de recursos financeiros (9%); Falta de estratégia/metodologia institucional (9%); Insuficiência de espaço físico/infraestrutura (9%); Baixa demanda dos professores por formação (4%) e Outros-Em processo de construção (4%), Não respondeu (4%), Museu Temporariamente fechado (4%). Dez museus indicarem oferecer de ações de formação continuada (30%). Dentre esses, o MCN2, apesar de apontar a realização de ações de formação continuada de professores, o que é compartilhado como ação é a capacitação da equipe interna (mediadores). Dentre as ações oferecidas estão: Minicurso (60%), Curso (30%), Palestra (80%), Oficina (50%) e Debate (20%). Destacamos a participação de professores na elaboração das propostas de formação continuada em quatro instituições apenas (40%) e a participação dos professores na avaliação das formações, em apenas quatro museus (40%) O estudo também possibilitou mapear a CH, os objetivos, periodicidade, público-alvo, profissionais que conduzem as ações, estratégias de convite e divulgação e parcerias estabelecidas. Com esses resultados, concluímos que os subsídios levantados promovem interlocuções com a construção do PFCP no MCV, com evidência para promoção/ aproximação, ou a falta dela, dos docentes da educação básica aos museus, como também amplia os estudos sobre a formação continuada de professores em museus universitários no Brasil.

ATUAÇÃO DO MUSEU DE ARTE SACRA DA UFBA JUNTO À COMUNIDADE DO SEU ENTORNO

Priscila Batista Rabelo (rabelo.priscila@yahoo.com.br)
Jucilea de Cerqueira Santos (jleavsantos@hotmail.com)

Esta comunicação é um desdobramento da dissertação defendida em 2020 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU-UFBA) que teve por objetivo analisar as relações estabelecidas entre o Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA) e a comunidade do seu entorno somado às reflexões advindas da atuação profissional cotidiana no referido museu. Os ideais abordados pela nova museologia e os referenciais teóricos e metodológicos que ganharam força a partir da década de 1990 deixaram claro que é papel dos museus, incluídos aí os museus universitários, construir um diálogo com as comunidades nas quais estão inseridos, a fim de promover interação desse público com o patrimônio cultural e criar subsídios para melhor desempenho do papel social. Para compreender em que medida o MAS/UFBA tem feito esta interação, buscou-se refletir sobre a atuação do seu Serviço Educativo, bem como ouvir a percepção da comunidade do seu entorno. Foram entrevistados quatro coordenadores de instituições que estão há longo tempo inseridas na comunidade e se relacionam muito proximamente com os moradores, trabalhadores e frequentadores do entorno. As percepções apresentadas pelos entrevistados sobre o Museu foram bem semelhantes. O público-alvo das quatro instituições é a comunidade do entorno e todos afirmam possuir um ótimo relacionamento com a comunidade e com as demais instituições, relatando a realização de ações em parceria, mas sem a existência de projetos ou programas formalmente instituídos. Todas as instituições declararam ser conscientes da importância dos museus para a sociedade e para a educação e percebem no Museu de Arte Sacra uma instituição de considerável relevância histórico-cultural. Apesar disso, relatam não possuírem uma relação próxima com o Museu. Declararam, também, que este não realiza nenhum projeto de caráter contínuo com a comunidade, embora reconheçam a realização de algumas ações pontuais nos últimos anos, o que, segundo eles, não costumava ocorrer anteriormente. Algo que chama atenção é o fato de que nenhuma das instituições diz ter proposto qualquer projeto para o Museu. Estará isso refletindo um ideal de museu como entidade superior reservada a poucos e à qual devemos esperar que nos dê a honra de um convite, que nos autorize acessá-lo? O Serviço Educativo do MAS/UFBA foi criado na década de 1970 a partir de um projeto pioneiro realizado por alunos e professores do curso de graduação de Museologia da UFBA com o apoio do então diretor do Museu, Valentin Calderón. Desde então, o Serviço tem passado por diferentes fases que variam de acordo com a direção, os recursos materiais e humanos disponíveis e as políticas institucionais. Na última década houve uma reestruturação e este período coincide com os relatos dos entrevistados como o início de algumas atividades socioeducativas. Durante a pandemia de Covid-19 houve a diluição destas atividades que sempre foram realizadas presencialmente e, após a retomada do funcionamento regular do Museu, o Serviço Educativo busca retomar as suas ações e enfrenta o desafio de se readaptar às mudanças vivenciadas pela comunidade.

DESAFIOS NA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E NAS PRÁTICAS DE CONSERVAÇÃO EM UMA CURADORIA COLABORATIVA: ESTUDO DE CASO DAS NOVAS COLEÇÕES DO SETOR DE ETNOLOGIA E ETNOGRAFIA DO MUSEU NACIONAL/UFRJ

Paula de Aguiar (paulaasa91@mn.ufrj.br)

Sob a curadoria do Professor João Pacheco de Oliveira, o Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional/UFRJ (SEE/MN) tem buscado a recomposição das coleções dentro de uma perspectiva dialógica com as comunidades tradicionais. Chamado pelo professor de “projeto de refundação das coleções etnográficas” (p. 18, 2020), o setor tem repensado seus protocolos e procedimentos. Desde 2019, o SEE tem recebido doações fruto das parcerias estabelecidas com os indígenas. Como a Boneca Karajá doada pela Kaimote Kamaiura já em novembro de 2018, se tornando um símbolo da reconstrução das coleções do SEE e a peça número um do acervo. Já em janeiro de 2020 quando o SEE/MN recebeu a Coleção Guarani-Kaiowá - Tekoha em Litígio da liderança e pesquisador indígena Prof. Tônico Benites. Seguindo uma proposta de curadoria colaborativa, Tônico passou dois dias com a equipe do SEE descrevendo as peças e ajudando no preenchimento de fichas catalográficas. Durante seu relato, o Prof. Tônico Benites sugere que se adote o nome ‘Tekoha em Litígio’ a coleção está contando uma história de dor e luta. Um dos itens doados é a borduna de Nísio, Prof. Tônico Benites relata que “Foi utilizado na primeira retomada de Guaiviry. Nísio fez para o primeiro Terra Livre em Brasília (acampamento). Nísio estava com esse instrumento no dia em que foi assassinado”. Relato impactante e é extremamente significativo que esse seja um dos itens escolhidos pelos Guarani Kaiowá para ser doado ao Museu Nacional/UFRJ em seu momento de reconstrução. Como criamos procedimentos e contamos narrativas que respeitem essas memórias? Nosso modelo de documentação está preparado para receber esses relatos, essas dores e lutas? O acervo etnográfico do SEE/MN, aqui representado pela coleção organizada pelo Prof. Tônico Benites, conecta populações, mas também histórias de luta e resistência, o protagonismo na formação e seleção de itens dessa coleção conta a história de um grupo pelo seu direito à vida. E da mesma forma, as práticas museológicas e de conservação adotadas pela equipe curatorial do SEE devem refletir esse compromisso com as alteridades dos povos tradicionais. Desenvolver protocolos, adaptar formatos de documentação e de técnicas de conservação que deem conta do protagonismo das comunidades tradicionais é um desafio para os profissionais de guarda. Essa comunicação pretende refletir, mostrar e problematizar a forma como o SEE/MN tem pensado em novas ações e práticas museais nesse momento de reconstrução da coleção. Pontuando também as atividades com os diferentes coletivos, que estão sendo realizadas pensando nessas novas práticas curatoriais e as adaptações realizadas durante o período pandêmico.

FORTALECIMENTO DA RELAÇÃO ENTRE O MUSEU E O PÚBLICO: EXPERIÊNCIAS DO MUSEU HISTÓRICO E PINACOTECA DA UFV

Michele Micheleti de Mello (michele@ufv.br)
Chirle Aparecida Gomes (chirleapgomes@gmail.com)

O Museu Histórico e Pinacoteca da UFV são espaços de promoção e difusão de conhecimento científico e cultural vinculados à Universidade Federal de Viçosa, que possui a característica de ser uma instituição pioneira em atividades de extensão e cultura na região. A interação com o público possibilita a socialização mais efetiva nesses espaços da UFV pela ampliação da sua utilização pela comunidade e promoção do diálogo universidade-sociedade. Por meio das atividades realizadas pelos espaços, como visitas, eventos de forma geral, além das propostas de atividades educativas, é vislumbrada a realização do potencial dos equipamentos culturais enquanto instrumentos de lazer científico e cultural que contribuem com a melhoria da qualidade de vida de indivíduos e da comunidade. Fascinar e ser didático é o que pretendem esses espaços culturais, além de preservar a história institucional, eles assumem um caráter dinâmico dentro da atual museologia, na medida em que propõem uma linha de trabalho utilizando-se de critérios didáticos funcionais. As atividades desses espaços contribuem para uma visão crítica da evolução histórica do conhecimento gerado nesta Instituição, desde sua origem até os dias mais recentes. Localizados dentro da Universidade, ambos buscam o contato com a comunidade da cidade e região por meio de visitas escolares e elaboração de atividades educativas voltadas a famílias e crianças. Uma das ações desenvolvidas foi a inserção do Dia Mundial do Brincar como projeto extensionista no calendário de atividades do Museu Histórico e Pinacoteca da UFV. A ação propõe a realização de atividades educativas por meio de projetos de extensão desenvolvidos por estudantes e servidores da Universidade Federal de Viçosa. Além do oferecimento de atividades educativas, o objetivo é estabelecer um vínculo dos espaços com as famílias e o público infantil, visando um processo de educação cultural e apropriação dos espaços como ambientes de lazer educativo-cultural. Esta ação, assim como outras, permitem a apropriação do acervo e tema dos espaços culturais pela comunidade local e acadêmica, buscando o fortalecimento do tripé indissociável de Ensino, Pesquisa e Extensão. Durante o período de Pandemia, as práticas dos espaços culturais com o público foram realizadas em formato virtual. Foram oferecidas exposições virtuais com a temática do acervo dos espaços possibilitando a manutenção da relação dos mesmos com a comunidade. Essa prática, após o retorno presencial às atividades, foi mantida, visto que possibilitou o amplo acesso às ações desenvolvidas pelo Museu Histórico e Pinacoteca da UFV. Esse conjunto de ações tem o potencial de promover a formação diferenciada dos membros da equipe que ali atuam e de professores e estudantes da educação básica que visitam e participam das ações promovidas pelos espaços, despertando e ampliando as possibilidades de lazer cultural e científico para a comunidade local e do entorno. O acesso a esses espaços constitui um instrumento de promoção e enraizamento de uma cultura de valorização do patrimônio, da educação e da ciência, contribuindo para o fortalecimento da cidadania.



Sessão IV

Proposições Metodológicas

Eixo temático: Proposições Metodológicas

Na interface entre a universidade e o museu, os híbridos coleções e museus universitários se apropriam, moldam e ressignificam metodologias de investigação e de práticas produzidas tanto no âmbito da academia quanto no campo museal. Processos de pesquisa histórica, historiográfica, antropológica, sociológica, entre outros, alinhados aos processos de musealização, musealidade e/ou patrimonialização, encontram nas coleções e museus universitários acolhida, mas também surgem a partir deles, sendo referência no rigor metodológico de tais práticas. Entretanto, novas metodologias têm surgido na contemporaneidade, tanto no campo científico quanto especificamente no âmbito museal. O foco deste eixo, portanto, é propiciar espaço para conhecimento e difusão de novas práticas e proposições metodológicas.

Quais práticas metodológicas têm permitido a inclusão de novos conhecimentos e saberes externos à universidade e suas coleções e museus? Que proposições metodológicas museais e/ou relacionadas ao papel das novas tecnologias podem ser inventadas e/ou aplicadas às coleções e museus universitários? Quais novas proposições metodológicas de catalogação e documentação têm surgido a partir de reflexões na Museologia, no encontro com novas práticas museais nesses espaços? Quais metodologias surgem ou quais metodologias existentes são transformadas no contexto da pandemia? Quais metodologias de gestão participativa e inclusiva existem no âmbito das coleções e museus universitários? Quais metodologias surgem para minimizar deficiências já conhecidas dos acervos universitários, como de orçamento e de pessoal? Quais metodologias de educação museal, educação patrimonial, educação ambiental, arte-educação, dentre outras, se destacam no contexto das coleções e museus universitários? Quais metodologias existem ou podem existir, de inserção e participação de diferentes coletivos comunitários, indígenas, quilombolas, LGBTTIAP+, entre outros?

REDE DE MUSEUS E COLEÇÕES DA UFPA: UMA METODOLOGIA PARA LEVANTAMENTO DE COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS UNIVERSITÁRIAS, NA AMAZÔNIA

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (j.tarine.lima@gmail.com)

Dentro do seu universo de ação, as universidades têm contribuído para a construção de um patrimônio museológico. No entanto, verifica-se que ainda existem elementos com potencial para serem reconhecidos como patrimônio, mas que ainda não foram identificados e/ou contemplados. O reconhecimento e a valoração desses potenciais patrimônios é vital para a preservação dos mesmos. São diversos os desafios enfrentados para preservar o patrimônio universitário. As coleções da Universidade Federal do Pará (UFPA), em suas mais diversas tipologias, possuem em seus pecúlios, materiais relativos às artes, às ciências, às engenharias, dentre outros campos do conhecimento. Acervos como estes, possuem inerentes às suas práticas, os mais diversos problemas, desde o próprio acondicionamento, passando pela documentação e recuperação da informação, a valoração de seus bens, até a o diálogo interno entre suas partes. É neste contexto de iniciativas, descobertas e valorações que renasce o programa de extensão “Rede de Coleções e Museus da Universidade Federal do Pará”. Desde 2016, iniciativas foram tomadas para a construção da Rede. Este programa está em seu segundo ano e busca por uma visão global dos principais problemas que atingem as coleções museológicas da instituição, desde aquelas restritas a sua gestão, até aquelas que afetam a preservação e divulgação do bem. A Rede pretende minimizar deficiências já conhecidas dos acervos universitários, como de orçamento e de pessoal. De forma que este documento é um relato de experiência profissional que envolve a divulgação de uma metodologia para gerenciamento de coleções universitárias. Mas, antes mesmo de pensarmos em metodologias eficazes de ações museológicas que contribuam para a preservação, autossustentabilidade e valoração destas coleções perante a comunidade amazônida é necessário inventariá-las. Neste ponto não trata-se do inventário dos bens culturais e científicos, mais sim das próprias coleções, que por diversas vezes são invisíveis aos próprios alunos que convivem nos edifícios que as abrigam. A partir de uma análise profunda da real situação destas coleções, está sendo possível discutir uma Política de Gestão beneficiando todos aqueles que interagem com os acervos e permitindo multiplicar a interação da sociedade em atividades acadêmicas. A sustentação empírica desta pesquisa provém do trabalho acadêmico realizado, nos formatos de recenseamento das coleções, recolha e análise documental, análise de reservas técnicas e entrevistas com os curadores. O levantamento obtido no primeiro ano do programa permitiu confirmar se a metodologia utilizada foi eficaz no diagnóstico destas coleções. Somente com este diagnóstico é que será possível, durante o ano corrente, consolidar um Sistema de Museus e Coleções da UFPA junto a Pró-Reitoria de Extensão. É este diagnóstico que se visa discutir aqui, mostrando os primeiros resultados positivos e negativos de sua aplicação. Práticas museológicas como as evidenciadas aqui por meio da metodologia de inventário das coleções e, posteriormente, diagnóstico das mesmas permitem a inclusão de novos conhecimentos e saberes externos às disciplinas que auxiliam diretamente na curadoria delas. É neste contexto que a museologia assume papel vital para auxiliar os processos de gestão participativa, inclusiva e documentação.

POR DENTRO DE UM MUSEU UNIVERSITÁRIO: A ATUAÇÃO DO MUSEU DE ANATOMIA POR DENTRO DO CORPO - UFRJ

Ludmila Ribeiro de Carvalho (ludmilarbc@gmail.com)

Museus universitários são instituições culturais que possibilitam conexões entre o ensino, o saber científico e a sociedade, constituindo um espaço educacional não formal, e que permitem maior compreensão da natureza humana. No Brasil, os museus surgem antes mesmo das universidades e seus itinerários se interligam nesta missão educativa e de preservação da memória. No entanto, a maioria dos museus universitários brasileiros surge no momento da criação das universidades ou posteriormente, a partir de coleções doadas ou formadas pelas pesquisas universitárias (ALMEIDA, 2001, p.51). Até hoje, a preservação de objetos científicos em desuso e a produção acadêmica impulsionam muitas destas coleções e museus. São estas “iniciativas pontuais que denotam atitudes preservacionistas com o objetivo de impedir o descarte e assegurar para o futuro a guarda de objetos e conjuntos de objetos remanescentes do ensino e da pesquisa” (Handfas, Granato e Lourenço, 2016, p.47). Com esse propósito, através de uma ação extensionista, foi criado em 2017 o denominado “Museu de Anatomia Por dentro do Corpo”, uma coleção visitável localizada no Laboratório Anatômico do prédio do Centro de Ciências da Saúde no Campus Ilha do Fundão da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, Brasil. Esta coleção é acessível ao público mediante agendamento e tem entrada gratuita, promovendo ao visitante o contato com o ambiente acadêmico. Neste espaço, o visitante pode visualizar como somos por dentro do corpo, percorrendo vitrines com peças anatômicas humanas reais, dentre ossos, músculos e órgãos. Além deste material biológico, o tema “Anatomia Humana” é apresentado através do acervo de fotografias artísticas, pinturas, modelos didáticos e esculturas em cera (ceroplastia) do século XVIII. No contexto atual, os museus universitários, antes voltados historicamente para um público restrito ao espaço acadêmico, passam a ser mais acessíveis e buscam metodologias de educação museal para estimular o diálogo com públicos diversos. O uso de jogos didáticos e dinâmicas proporcionam ao público do “Museu de Anatomia” a experiência sensorial de poder tocar em peças anatômicas humanas que são plastinadas (preservadas com resina) e, por isso, podem ser manipuladas com segurança, garantindo uma experiência única de sentir, visualizar e dimensionar de forma palpável partes do nosso corpo, possibilitando a troca de experiências e de conhecimentos que envolvem ativamente o visitante no descobrimento de como somos por dentro do corpo. O objetivo dessas atividades é de, além de proporcionar uma ação educativa, deixar o público mais à vontade para interagir com os mediadores e com o acervo do museu, dialogando ao longo de toda a visita, compartilhando assim suas experiências e saberes e construindo juntos o conhecimento sobre o corpo humano de forma prazerosa e divertida. O processo de constituição desta coleção visitável em museu está em formação, necessitando adequação de estruturas e elaboração do plano museológico, todavia, em 3 (três) anos de atividades presenciais, o espaço atendeu mais de 5300 pessoas e contribuiu para a formação de 81 alunos extensionistas que atuam na recepção e interlocução com o público, além do trabalho de divulgação que é realizado semanalmente nas redes sociais (@pordentrodocorpo).

PARA UM MUSEU VIVO: O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO DO MAP/UFPI

Vinícius Melquíades dos Santos (vms@ufpi.edu.br)
Renata Larissa Sales Quaresma Lage (renatarlarissa@ufpi.edu.br)

O Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) completa dez anos em 2023. Seu surgimento, no entanto, está ligado a um processo de mais de quarenta anos que nos remete ao início da arqueologia no Piauí e às pesquisas de Niède Guidon. Em 2012, com a inauguração do segundo setor do Centro de Ciências da Natureza da UFPI (CCNII) houve a construção de um prédio para a instalação do Museu de Arqueologia, almejado desde a década de 1970, e que logo foi ampliado para Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP) devido à importância que a Paleontologia conquistou dentro da UFPI e do Piauí. O MAP/UFPI é um Órgão Suplementar da Universidade Federal do Piauí ligado à Reitoria, está inserido no Sistema do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) sob o número SNIIC ES-8396 e se situa no Campus Ministro Petrônio Portela, na cidade de Teresina, capital do estado do Piauí. Em seu Regimento Interno (2013) consta que se trata de uma instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público, que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação patrimoniais, mediante desenvolvimento de ações educativo-culturais. Caracteriza-se, fundamentalmente, por seu caráter científico, universitário, pedagógico e dinâmico, buscando assegurar a eficiência e eficácia de sua operacionalidade. Sua estrutura organizacional é interdisciplinar objetivando a pesquisa, o intercâmbio cultural e a extroversão dos conhecimentos acadêmico-científicos, buscando uma atuação fora dos muros da universidade e priorizando a extensão e troca entre a universidade e os coletivos e as comunidades que compõem a sociedade. Incentivados e inspirados pelos 10 anos de vida do MAP, encontra-se em andamento uma revisão crítica de sua historicidade, junto à elaboração de um Plano museológico participativo (PLAMPA-MAP/UFPI) que, por sua vez, se baseia na nova definição de museu estabelecida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 2022, nas premissas de gestão e planejamento museológico presentes na legislação e bibliografia da área, e nas propostas da Sociomuseologia, Museologia crítica e/ou social. O Plano museológico é um documento de gestão e planejamento exigido por legislação e de eficácia comprovada pela bibliografia especializada. Sua elaboração e implementação, no entanto, estão ligadas à capacitação profissional dos funcionários e das instituições, bem como a um processo constante de análise, revitalização e atualização dos procedimentos técnicos e científicos envolvidos na cadeia operatória dos processos de musealização (salvaguarda [conservação e documentação] e comunicação [expositivas e educacionais]), sempre mediados e permeados por pesquisa. Seu objetivo vai muito além de um simples documento, carregando a responsabilidade de devolver os estudos museológicos ao seu lugar enquanto coração pulsante dos museus. Isto posto, este trabalho tem como objetivo divulgar e compartilhar as experiências relacionadas à elaboração de um Plano museológico participativo, bem como debater as metodologias propostas e empregadas, além dos resultados alcançados até o momento e as expectativas para o futuro.

GESTÃO INCLUSIVA E ACESSIBILIDADE DIGITAL NOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Ana Cecília Rocha Veiga (anacecilia.digital@gmail.com)

A nova definição de museu, divulgada pelo International Council of Museums (ICOM), reforça a importância de que estas instituições sejam acessíveis e inclusivas, fomentando ainda a diversidade e a sustentabilidade. Portanto, é imprescindível que os museus contemporâneos adotem abordagens de vanguarda em seus processos gerenciais, em consonância com as novas tendências mundiais e com as complexas demandas e obstáculos que a contemporaneidade nos impõe. É aí que a Gestão Inclusiva pode assumir um papel protagonista e catalisador da inovação. Gestão Inclusiva é um termo abrangente que reflete a constante busca por processos de trabalho e de gerenciamento que considerem a riqueza da nossa diversidade, contemplando maiorias, minorias e seus coletivos. Ou seja, quando focamos em uma gestão inclusiva, nosso alvo é a universalidade, ainda que saibamos dos inúmeros desafios que essa ambiciosa abordagem representa. No intuito de promover o debate sobre o termo, pretendemos aqui apresentar reflexões, soluções e exemplos práticos de como os museus universitários podem adotar uma Gestão Inclusiva em seus processos. Para tanto, realizaremos um recorte neste termo amplo, enfatizando um aspecto crucial da gestão inclusiva, que consiste na acessibilidade digital. Em especial, daremos enfoque para dois assuntos: sustentabilidade financeira e tecnologias da informação e comunicação. No primeiro tema, sustentabilidade financeira, apresentaremos como os softwares livres e a Cultura Open podem contribuir para a acessibilidade socioeconômica, bem como para a divulgação extramuros dos acervos abrigados nos museus universitários. A importância de nos preocuparmos com os recursos financeiros fica evidente pelo fato de que os museus universitários integram, tantas vezes, universidades públicas, cujos orçamentos com frequência são alvo de inúmeros cortes sem aviso prévio. Além disso, como nos revela a pesquisa TIC Cultura (CETIC.br), parte significativa dos museus brasileiros sobrevive com recursos extremamente escassos e, em alguns casos, recurso oficial nenhum. No segundo tema, procuraremos demonstrar como as tecnologias da informação e comunicação podem atuar como tecnologias assistivas, contribuindo para a inclusão das pessoas com deficiência. Não somente por meio da comunicação museal voltada para o público visitante, mas também garantindo a participação de pessoas com deficiência nos processos de construção do museu: da curadoria ao discurso, das rotinas aos projetos especiais, da sala de aula às exposições no museu, da conservação dos acervos aos softwares de documentação, do presencial ao virtual. Ou seja, na gestão como um todo. A importância de garantir a acessibilidade para as pessoas com deficiência fica evidente quando constatamos que aproximadamente um quinto da população brasileira declarou-se como portadora de pelo menos uma das deficiências listadas pelo IBGE. Tendo em vista a função social dos museus, associada ao papel reforçado que estas instituições assumem ao integrarem uma universidade, não podemos nos furtar de lidarmos com esse problema de frente. No intuito de ilustrar as proposições metodológicas de implementação da Gestão Inclusiva em museus universitários, apontaremos estudos de caso e projetos conduzidos tanto pelo nosso laboratório na UFMG, o LavMUSEU, quanto por outras instituições universitárias no Brasil e no mundo.

GESTÃO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO DO MAE-UFPR

Sady Pereira do Carmo Junior (sady.carmojr@ufpr.br)

Leonardo Correia Marcoccia (leo.cmarcoccia23@gmail.com)

As coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE/UFPR), estimadas em aproximadamente 70 mil peças, foram formadas principalmente por pesquisas pioneiras da arqueologia nacional nas décadas de 1950 e 1960, constituindo elementos diversos da cultura material pretérita, especialmente de sítios do litoral paranaense. Entretanto, no curso histórico dessas coleções, os processos que envolvem as dinâmicas de funcionamento institucional, falta de equipe técnica especializada e as práticas museológicas ou sua ausência, resultaram em alterações e perdas informacionais, as quais materializaram um cenário de desafios para a identificação e gestão dos contextos documentais e arqueológicos. Objetivando valorizar e organizar o acervo arqueológico salvaguardado no MAE/UFPR, criou-se o projeto de extensão "Gestão do Acervo Arqueológico do MAE-UFPR", no qual, ao longo dos últimos anos, foram desenvolvidas diversas ações curatoriais, dando vazão a ações de organização, conservação, pesquisa e extroversão. A atuação de bolsistas e voluntários no projeto, o qual está atualmente em andamento, permitiu expandir a atuação interna do museu, e, nesse sentido, foram pensadas atividades e políticas de gestão que permitissem a implementação de um banco de dados das coleções arqueológicas em consonância com as demais áreas e acervos do MAE/UFPR. Contudo, o processo exigiu a elaboração de uma proposta metodológica que contemplasse os desafios informacionais e, concomitantemente, oferecesse um modelo operativo aplicável às coleções arqueológicas salvaguardadas e futuras. Para a materialização dessa proposta, entendeu-se a inviabilidade de dissociar as práticas museológicas de gestão dos conhecimentos arqueológicos e históricos que envolvem as peças e o museu. Nesse sentido, para concatenar essas miríades informacionais foi utilizada como teste a coleção arqueológica do Sambaqui do Guaraguaçu, para a qual foram desenvolvidas atividades de pesquisa (documental e bibliográfica) não exaurientes sobre o sítio arqueológico e suas peças salvaguardadas, reunindo e dispondo os dados em planilhas e fichas catalográficas. Por sua vez, as informações foram agregadas partindo de levantamentos bibliográficos sobre o sítio, registros governamentais de patrimônio, dados históricos e geográficos, informações internas de documentação e consultas com pesquisadores relacionados ao sítio. Ademais, seguiu-se com o trabalho de curadoria do acervo, o qual compreende as atividades de manipulação, acondicionamento, identificação e catalogação das peças da coleção, atualizando as fontes de dados gerados anteriormente. Enredou-se, portanto, um plano extenso de informações que associam a pesquisa às práticas museais e às peças arqueológicas, configurando um banco de dados o qual está atualmente sendo refinado e replicado na plataforma Tainacan de repositório virtual, objetivando a disponibilização de informações para as comunidades externas ao museu. Com o resultado será possível gerar um controle das peças que compõem as coleções, as quantidades, contextos arqueológicos, características e atributos dos vestígios. Assim sendo, as práticas metodológicas que permitem a construção desse banco de dados, mobilizam dimensões multidisciplinares, mesclando atividades de museologia e arqueologia, em interação com dados geográficos, históricos, pedagógicos, extensionistas e preservacionistas. Por fim, essa perspectiva, mais voltada à extroversão do conhecimento, busca, em especial, reconectar os objetos aos seus contextos originais e documentações arqueológicas e museológicas, visando oferecer novas possibilidades para sua conexão com diferentes grupos sociais.

SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS DE AGENDAMENTO DE GRUPOS: FONTE PARA APERFEIÇOAR AÇÕES EDUCATIVAS

Adriana Mortara Almeida (mortaraalmeida@gmail.com)

Rayssa Soares Nunes (rayssasoares.n@gmail.com)

O trabalho é uma descrição e análise dos dados das visitas que foram agendadas no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais, nos anos de 2018 e 2019. A partir da análise empreendida, foi possível evidenciar as especificidades do público visitante. Como fonte de pesquisa foram utilizados os registros do Setor de Agendamento, que incluem as agendas, os termos de compromisso, entre outros. Os dados levantados foram categorizados, organizados, tratados e interpretados. Essa prática, se for contínua, permite o mapeamento de públicos do museu ao longo do tempo, construindo um desenho de quem são os/as visitantes do MHNJB. A análise dos dados existentes permitiu o aperfeiçoamento do formulário de agendamento do MHNJB, com coleta de dados mais precisos. Consideramos que o formulário de agendamento é um instrumento valioso de registro de dados de visitantes de museus, no caso específico de grupos organizados que solicitam visitar a instituição. Ao registro do agendamento se completa o registro de dados no dia da visita do grupo, conformando a presença do grupo e informando o número exato de participantes. São nessas ações cotidianas que se tornam possíveis a coleta de dados sobre públicos do museu. Os resultados indicaram que 82,2% das instituições que solicitaram a visita a realizaram efetivamente. A procura maior pelo MHNJB é pelo público escolar, 86,5%, com destaque para as instituições de ensino público e para os alunos que estão matriculados no Ensino Fundamental 1 (cerca de 45%), seguidos de estudantes do Fundamental 2 (25%). A maior parte do público que visita em grupos agendados é oriunda da Região Metropolitana de Belo Horizonte (cerca de 90%), sendo a atividade mais solicitada a “Trilha/Circuito da História Natural”. No âmbito das instituições não escolares, o segmento da iniciativa privada foi o que mais compareceu, sendo a atividade mais solicitada a “Trilha/Circuito Jardim Botânico”. Tanto a visita do público escolar quanto a do público não escolar estão concentradas durante os dias da semana (terça a sexta-feira) e no turno da tarde. Os objetivos de visita declarados foram categorizados de maneira a aprofundar o entendimento das demandas desses públicos. Os dados apurados são úteis para a gestão do MHNJB, uma vez que possibilitam identificar possíveis demandas e propor ações destinadas aos visitantes, após conhecer suas motivações e expectativas quando realizam a visita. É importante lembrar que, no caso aqui apresentado, trata-se apenas dos públicos que fazem agendamentos prévios para visitas em grupos. O uso de instrumentos de registro de públicos adequados são ferramentas potentes para sabermos para quem estamos trabalhando, para quem servimos e a partir daí, desenvolver ações para inclusão daqueles públicos que não estão presentes nas nossas instituições.

EXPLORANDO A PLURALIDADE DE MUNDOS INDÍGENAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA EXPOSIÇÃO "MUNDOS INDÍGENAS"

Karenina Vieira Andrade (andrade.karenina@gmail.com)

Deborah de Magalhães Lima (deb.m.lima@gmail.com)

A exposição "Mundos Indígenas", em cartaz no Espaço do Conhecimento UFMG, apresenta objetos, imagens e cantos relacionados aos mundos de cinco povos indígenas: Yanomami, Ye'kwana, Xakriabá, Tikmu ~'u ~n e Pataxoop. Os curadores indígenas escolheram cuidadosamente esses itens para passar uma mensagem aos brancos e serem melhor conhecidos. Cada mundo é apresentado a partir de um conceito central, sendo eles: Në röpe (Yanomami), Weichö (Ye'kwana), Corpo-território (Xakriabá), Yäy hã m ~iy (Maxakali) e O Grande Tempo das Águas (Pataxoop). A exposição adota a proposta de "um conceito, nenhuma tradução", o que pode ser desafiador para a compreensão dos recados formulados pelos curadores indígenas. Quando se busca correspondência de termos em mundos que não compartilham a mesma base de realidade, a falta de significado comum pode levar a uma tradução inadequada. Por isso, é importante mudar a premissa de conhecimento, reconhecer a pluralidade de mundos e operar com outra forma de apreensão. Para compreender outros mundos, é preciso colocar-se na posição de um estrangeiro e estar aberto a novas perspectivas. Os mundos apresentados na exposição mostram totalidades distintas, com suas próprias concepções de verdade e perspectiva. A divergência entre esses mundos é acentuada pelo reconhecimento do que é, em cada um deles, conceitualmente admissível como existente. O mundo moderno tende a subestimar essa divergência, incorporando outros mundos em seus esquemas de conhecimento. Mas é importante respeitar a soberania de outras realidades existenciais e controlar os equívocos na tradução para garantir a compreensão adequada dessas mensagens e conceitos. A exposição "Mundos Indígenas" nos convida a explorar e respeitar a pluralidade de mundos e suas diferenças fundamentais. Davi Kopenawa propõe que os brancos acompanhem os Yanomami no caminho de Në Röpe – honrando a potência geradora presente nos solos; Viviane Cajusuanaima Rocha pede respeito ao Weichö de cada povo, em especial o jeito Ye'kwana de viver e se relacionar com os outros povos; Célia Xakriabá chama a atenção para o entendimento Xakriabá do território como corpo e espírito; Isael e Sueli Maxakali expressam resistência existencial ao apresentarem o conceito Yäy hã m ~iy da transformação como o mote central de sua realidade; e Kanaty e D. Liça convidam aprender com os Pataxoop a importância de ouvir a Natureza e honrar todos os seres, fenômenos e dimensões espirituais que compõem a existência. A exposição aposta na experiência interativa, de modo a proporcionar uma aprendizagem lúdica especialmente junto ao público infantil, uma vez que o Espaço do Conhecimento UFMG recebe semanalmente grupos escolares por meio do agendamento de visitas mediadas. Deste modo, a exposição tanto ajuda a desconstruir ideias equivocadas sobre os mundos indígenas junto ao público adulto quanto aposta na formação de uma nova geração que seja apresentada a informações qualificadas sobre os mundos indígenas do presente.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA DENTRO E PARA FORA DA REDE DE MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIAS E CULTURA DA UFMG

Cristofane da Silveira Queiroz (cristofanequeiroz@gmail.com)

Rúbia Fonseca (rubiafonseca@hotmail.com)

Este trabalho apresenta uma proposta de articulação entre ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação realizadas pelos espaços integrantes da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG e ações de formação em extensão ofertadas pelos colegiados de cursos de graduação da universidade. A proposta foi desenvolvida a partir da publicação da Resolução nº 10/2019 do CEPE/UFMG, que estabeleceu diretrizes curriculares para a integralização de atividades de Formação em Extensão Universitária nos cursos de graduação da instituição. A Rede de Museus é formada por 25 espaços que abrangem várias áreas do conhecimento e que se situam nos municípios de Belo Horizonte, Montes Claros e Tiradentes, em Minas Gerais. A UFMG possui 91 cursos de graduação. Pressupomos que a universidade produz saberes de ponta que são passíveis de serem utilizados pela própria instituição, como tecnologias assistivas e de educação especial e práticas de conservação preventiva. O programa de extensão da Rede de Museus conta com 57 atividades extensionistas vinculadas, das quais 26 encontram-se em andamento. Elas se associam à extroversão do patrimônio científico-cultural da universidade, com atividades práticas e imersivas calcadas nas diretrizes extensionistas. A extensão não é estranha à Rede. O diferencial dessa proposta é a ampliação da atuação extensionista nos bastidores da própria Rede de Museus, que tome suas necessidades como objeto de atuação, que seja capaz de contribuir com a gestão participativa e inclusiva, de minimizar deficiências já conhecidas dos acervos universitários e de fomentar novas metodologias de divulgação científica e de educação museal. Trata-se de uma oportunidade para os cursos de graduação, que podem propor ações de extensão nos espaços museais, e uma oportunidade para os museus e coleções, que podem se beneficiar de expressivo aumento da participação orientada de alunos de graduação para a realização de atividades prioritárias e atividades em que há carência de pessoal, como protocolos de documentação museal, conservação preventiva e restaurativa, planejamento museal, comunicação social, atividades educativas, entre outras propostas que podem advir de cursos e áreas que não se relacionam diretamente com os museus e coleções. Para efetivar essa proposta, a Rede de Museus está estruturando um edital de fluxo contínuo para regulamentar a entrada de propostas dos colegiados de curso e a adesão dos espaços integrantes, um evento de difusão da iniciativa, uma plataforma de oportunidades e gestão das atividades e um possível edital de fomento. A Rede também receberá propostas e discentes de outras instituições universitárias e discentes de pós-graduação e fomentar as parcerias interinstitucionais. Embora a extensão conclame a universidade prioritariamente a sair de seus muros, a heterogeneidade dos espaços museais da UFMG tornam a Rede de Museus um campo fértil para a formação extensionista de estudantes de graduação e também de pós-graduação, uma vez que, no enfrentamento de desafios e na busca por soluções, possibilita a interação entre profissionais, professores e estudantes de diferentes cursos e a áreas do saber, indissociável do ensino, com geração e compartilhamento de conhecimentos e interação dialógica com o público interno e externo visando a transformação social.

UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM ACESSIBILIDADE CULTURAL NO MUSEU DA GEODIVERSIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (damiane@igeo.ufrj.br)
Aline Rocha De Souza Ferreira de Castro (alinecastro@igeo.ufrj.br)

A Declaração Internacional de Direitos Humanos afirma que “todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios” (ONU, 1948, Art. 27), incentivando que as instituições culturais procurem se adequar para receber todos os tipos de público. O novo conceito de museus estabelecido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2022) trouxe os termos acessível e inclusivo com o mesmo intuito. O Museu da Geodiversidade (MGeo), vinculado ao Instituto de Geociências (IGEO/UFRJ), vem realizando ações de acessibilidade e inclusão para pessoas com deficiência. O MGeo tem como missão “preservar, pesquisar, divulgar e dialogar com outros setores da sociedade, através de exposições e outras ações educativas e de popularização, o Patrimônio Geocientífico do IGEO/UFRJ de forma acessível e inclusiva” (UFRJ, 2020, p. 11). Ao buscar meios para atender a sua missão, o museu promove diversas ações de extensão, local onde encontrou os subsídios e apoios necessários para fomentar suas ações inclusivas. Além disso, mesmo com pouco tempo de existência, já é tema de estudo de diversos trabalhos de graduação e pós-graduação, como este que será focado aqui. O objetivo é apresentar parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado realizada em 2022 no âmbito do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social e do MGeo, ambos da UFRJ, que promoveu a criação, o desenvolvimento, a aplicação e a sistematização do curso de extensão “Aprendendo a lidar com a diversidade: Acessibilidade Cultural e Educação Ambiental para o público com Deficiência Intelectual”. Este estudo se caracterizou como uma pesquisa social com abordagem qualitativa e levou em consideração os atores sociais envolvidos, a inserção das pesquisadoras como agentes participantes do processo e a proposição de que a acessibilidade e inclusão estão diretamente relacionadas com a formação desses atores. Foram ofertadas 50 vagas, 30 para o público externo à UFRJ e 20 para o público interno. O curso recebeu 468 inscrições de 22 estados, do Distrito Federal e 2 (duas) de Portugal, sendo 52 candidatos selecionados. O principal produto da pesquisa foi a oferta de uma turma do curso em 2022 e a sistematização de uma proposta didática e metodológica voltada para a formação de educadores museais, demais profissionais de museus, docentes da educação básica de ensino e estudantes do ensino superior. Através desta experiência, demonstra-se que os museus universitários também são importantes agentes para a promoção de ações de ensino, pesquisa e extensão, além de apresentar reflexões sobre a formação continuada de profissionais que atuam em museus, escolas e espaços culturais para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual.

REFERÊNCIAS

ICOM. Nova Definição de Museu. República Checa: Praga, 2022. Disponível em: <http://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 24 fev. 2023.

ONU. Declaração Internacional de Direitos Humanos. 1948. Disponível em: tinyurl.com/5x3e24bx. Acesso em: 02 mar. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ. Plano Museológico do Museu da Geodiversidade. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: tinyurl.com/3tdm6h63. Acesso em: 30 fev. 2023.

MEMÓRIA E IDENTIDADE NOS DEPOIMENTOS ORAIS DO INSTITUTO DE BIOFÍSICA CARLOS CHAGAS FILHO

Rafaella Magalhães Carvalho (rafaellamgcarvalho@gmail.com)
Ana Beatriz Salviano de Souza (salvianodesouzaab@gmail.com)

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento que busca reconstruir a memória do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através de entrevistas com pesquisadores ainda ativos na casa. Como forma de preservar sua história e, conseqüentemente, de parte da história da pesquisa científica no Brasil, o Instituto conta com o seu próprio museu universitário, o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF). No entanto, o IBCCF e, sobretudo, o EMCCF não dispõem completamente dos documentos escritos relacionados à sua criação e ao seu desenvolvimento. Portanto, a memória presente no discurso dos pesquisadores que ainda o integram constitui um elemento essencial para a construção da identidade, memória e história do Instituto e do seu museu. Para tanto, na análise dos depoimentos, será utilizada a metodologia da História Oral, que se relaciona com a temática “proposições metodológicas”. Segundo Ferreira (2002), durante o século XX ocorreram importantes transformações no campo da história em geral, dentre as quais o advento da chamada história do tempo presente permitiu que os depoimentos orais fossem um dos focos do trabalho do historiador (FERREIRA, 2002, p. 323-324). Com isso, o papel do indivíduo no processo social ganhou espaço e voz, independentemente da posição que ocupa social e politicamente, e assim pouco a pouco as desconfianças quanto à utilização do testemunho oral foram sendo restringidas (FERREIRA, 2002, p. 329). Auxiliando como base teórica na condução da análise dessas entrevistas está Halbwachs (apud POLLAK, 1989), que ressalta as funções positivas desempenhadas pela memória comum, que reforça a coesão social pela adesão afetiva ao grupo. Essa adesão ou ruptura dos indivíduos em relação à memória diz respeito ao processo de negociação existente na construção dessa memória coletiva e no próprio sentido de identidade. Esse tipo de debate auxiliará na definição do roteiro da entrevista e na análise da narrativa construída pelos entrevistados, de modo a perceber os pontos de consonância entre as falas e os significados do que é expresso e do que é silenciado. Contribuindo também para essa pesquisa, as autoras Barradas e Ferreira (2017) trabalham com o conceito de memória institucional, afirmando que ela possui como objetivo dar credibilidade à história de uma instituição, contribuindo para a conformação de uma identidade institucional que busca perpetuar-se (BARRADAS; FERREIRA, 2017, p. 59). Logo, de acordo com as pesquisadoras, a memória institucional é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, independente da intencionalidade dos atores envolvidos, e, assim, há uma ligação fenomenológica entre a memória e esse sentimento, que acaba definindo uma cultura organizacional (BARRADAS; FERREIRA, 2017, p. 59-60). Portanto, este trabalho objetiva operar com o depoimento dos pesquisadores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, de modo a reconstruir a memória da Instituição. Com isso, espera-se não só preencher lacunas existentes pela ausência de documentação textual como também identificar a existência ou não de uma identidade comum ao corpo social de pesquisadores do IBCCF, analisando o ponto de vista subjetivo de cada um deles.

O NÓ DE UMA REDE: O ACERVO DE HISTÓRIA NATURAL DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Sue Anne Regina Ferreira da Costa (suecosta@ufpa.br)

Este trabalho é uma apresentação das práticas colaborativas e de extroversão presentes na Reserva Técnica do Laboratório de Conservação Preventiva do Patrimônio Móvel, do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará, como forma de compartilhar o sistema em rede, a qual atua para formação de acervo e extroversão. Pensada desde o surgimento do curso como um espaço que possibilite aulas práticas que permitam a realização, o mais próxima da realidade, de atividades em curadoria em Reserva Técnica, após o aporte financeiro em 2018, que possibilitou reforma e ampliação de espaço, passou a abrigar diferentes tipos de acervos, para fins como pesquisa, educação e extensão. Entre as tipologias encontra-se a coleção de História Natural, atualmente composta por 669 registros, de exemplares fósseis oriundos da Formação Pirabas, unidade geológica presente no nordeste do estado. Em proporção são 136 paleovertebrados, 527 paleoinvertebrados e 6 exemplares paleobotânicos. A constituição desse acervo dá-se pelas parcerias com empresas privadas de consultoria ambiental, que necessitam salvaguardar espécimes, provenientes de planos de resgate. E atualmente estamos em processo de acordo com outros laboratórios institucionais, como por exemplo, o laboratório de Ecologia (LabEco), do Instituto de Ciências Biológicas, para salvaguardar o material proveniente das pesquisas desenvolvidas no mesmo. Esses espécimes já foram utilizados para fins científicos, em artigos publicados; colaboram para o desenvolvimento de aulas práticas, com o empréstimo de espécimes para cursos de graduação, assim como para ações em parcerias com a Coleção Didática do Museu Paraense Emílio Goeldi, em escolas públicas e feiras científicas ocorridas em espaços abertos. Neste último caso, a parceria está atrelada ao projeto de extensão “(Com)Ciência coletiva”, em que usamos a formação de acervos de História Natural para trabalhar junto ao público, narrativas outras relacionadas aos espécimes. A partir do título “Como as coleções contribuem para nossa convivência com a Natureza ?” apresentamos os espécimes, orgânicos e inorgânicos não como objeto de serviço à humanidade, não são ressaltadas a “importância” econômica ou prática destes, pois prezamos por um olhar que entende o valor intrínseco dos seres vivos que compartilham o espaço-tempo do planeta, em torno de uma rede, apresentada como a biodiversidade, e de como esta rede é fundamental para a manutenção da vida, pois assegura as condições ambientais para a nossa existência, ou seja, aplicamos uma visão de mundo não eurocentrada, e sim uma perspectiva descolonizada que desloca o ser humano do protagonismo biológico, para ocupar um espaço de mediador consciente e comprometido com a melhor convivência, para sobrevivência de todos.

DESAFIOS DE IMPLEMENTAÇÃO DE PROCESSOS SISTEMÁTICOS DE REGISTRO DE PATRIMÔNIO GEOESPELEOLÓGICO DE CAVIDADES EM FORMAÇÃO FERRÍFERA BANDADA, SERRA DOS CARAJÁS

Antonio Emidio de Araujo Santos Junior (emidiosantos@unifesspa.edu.br)

A região amazônica não possui linha de pesquisa específica estabelecida e satisfatoriamente desenvolvida em patrimônio Geoespeleológico de cavernas em depósitos de formações ferríferas. Durante os últimos anos, as atividades de mineração tem se intensificado nos depósitos de minério de Ferro da Serra de Carajás, estado do Pará. Mais de 2000 cavernas ocorrem associadas as estes depósitos, o que gera desafios para órgãos ambientais durante o processo exploratório. Neste sentido, a fim de minimizar os impactos ambientais e sociais, diversos projetos de pesquisa foram desenvolvidos na região a fim de emitirem pareceres técnicos científicos de acordo com a: Geologia, Biologia, Antropologia, dentre outros. Estes procedimentos proporcionaram a geração de critérios exploratórios de minério de ferro mais adequados. Porém, observou-se a necessidade de armazenamento de amostras de espeleotemas provenientes das cavernas de Formação Ferrífera Bandada (FFB) de Carajás em locais adequados, a fim de preservar a historicidade geoespeleológica da FFB. O tema inovador incentivou desenvolvimento de projeto de pesquisa (p.e. Levantamento Geoespeleológico da Unidade Geoespeleológica de Carajás, Província Mineral dos carajás (VALE - UFPA/UNIFESSPA), implementação do espaço físico “Museu de Espeleologia e Geologia”, Faculdade de Geologia (FAGEO), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e coleta de material, gerando um acervo geoespeleológico significativo para a região. Nesse sentido, surgiu a necessidade de se desenvolver protocolos de registro patrimonial adequados para o acervo geoespeleológico do Museu. O processo de catalogação de amostras de espeleotemas em formações ferríferas, de acordo com sua forma e química mineral, é ainda pouco estabelecido, o qual, em parte, utiliza nomenclaturas de outras classes de padrões espeleogenéticos, p.e. rochas carbonáticas. Por isso, o desenvolvimento e adequação de metodologias de registro de patrimônio Geoespeleológico de cavidades em Formação Ferrífera Bandada, tecendo considerações a respeito de sua gênese e evolução para fins patrimoniais, e respeitando o estatuto do Museu de acordo com a lei federal N° 11.904, de 14 de janeiro de 2009, necessitam de cautela para não gerar equívocos com relação ao patrimônio Geoespeleológico, e dados ineficientes relacionados suas características intrínsecas. Concomitantemente, está sendo iniciada a elaboração de plano de Musealização da coleção didático/científica de acordo com o estatuto dos museus N° 11.904, de 14 de janeiro de 2009. O Plano Museológico visa estabelecer a sistematização do trabalho e diretrizes de funcionamento do acervo patrimonial de espeleotemas, desenvolvidos em depósitos de Formação Ferrífera Bandada oriundo de Projetos de pesquisa desenvolvido na região e áreas adjacentes. O conteúdo geoespeleogenético será organizado em inventários museológicos que contribuirão para o desenvolvimento social e cultural na região sul e sudeste do Pará.

MUSEU COMO CAMPO DE ESTÁGIO PARA OS CURSOS DE LICENCIATURA: NOVA METODOLOGIA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO

Renata Swany Soares do Nascimento (renata.nascimento@ufrn.br)
Maria Eduarda Lacerda Cavalcanti Denes (duda_clacerda@hotmail.com)

O Museu de Ciências Morfológicas (MCM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) é um espaço de divulgação científica, museal, ensino, pesquisa e extensão universitária na área de Morfologia Humana e Animal. Por tratar-se de um espaço de educação não formal recebe, entre seus visitantes, alunos de diferentes níveis de ensino, que vai do infantil à pós-graduação, de escolas públicas e particulares, refletindo-se assim como importante alternativa de campo de estágio para os alunos dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, Física e Química. O objetivo deste trabalho é apresentar dados a respeito da atuação de alunos destes cursos no desenvolvimento do estágio obrigatório de docência nas dependências do MCM. A escolha do MCM pelos estudantes ocorreu a partir da apresentação dos professores coordenadores de estágios como possível campo de atuação com ênfase na educação não formal. Em seguida, após definição dos interesses, formaram-se grupos de trabalho que estabeleceram temas a serem abordados nas intervenções, com base no estudo feito inicialmente sobre a história, missão e infraestrutura do MCM, perfil dos visitantes, contextualização das salas de exposição e preparação e manutenção do acervo biológico. Participaram da ação 30 estagiários, licenciandos dos cursos de Química, Física e Ciências Biológicas, que desenvolveram projetos relacionados aos seguintes temas: Anatomia humana e Biomecânica muscular, Evolução, Morfologia, Ludicidade em exposições museais, Concepções alternativas, A Química nos animais, Elementos químicos na Plastinação, o Formol na conservação de peças, Formação docente, Acessibilidade em Museus e Educação ambiental. A execução dos projetos proporcionou a realização do evento intitulado “Workshop de Ciências, Tecnologia e Cultura do Museu de Ciências Morfológicas”, o qual contemplava o público visitante do museu, seja avulso ou escolar, assim como a equipe de estudantes-mediadores. O público escolar distribuiu-se entre alunos de ensino fundamental I e II, ensino médio e graduação de diferentes cursos do Centro de Biociências. Dentre as metodologias de ensino aplicadas pelos grupos de intervenção destacam-se a aplicação de jogos, exposições teóricas, divulgação de vídeos temáticos, e realização de práticas e oficinas. A execução da ação permitiu desenvolver estratégias para efetivar atividades de divulgação científica e popularização da ciência, bem como a experimentação, por parte dos alunos da licenciatura, de aspectos educacionais relacionados à educação não formal. Ressalta-se também a natureza interdisciplinar e o alcance do projeto proposto, que, de acordo com o propósito das ações de extensão, deve propiciar a integração entre a Educação Básica e o Ensino Superior, e a comunidade, levando em conta aspectos científicos, culturais, artísticos e educacionais.

MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS DA UFRN: AMBIENTE FACILITADOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Simone Almeida Cavilan (gavilansimonealmeida@gmail.com)

Silmara Rossi (smara.rossi@gmail.com)

Os museus de Ciências constituem importantes espaços não formais de ensino ao proporcionarem condições para a compreensão da ciência a partir das experiências vivenciadas durante as visitas. Destaca-se ainda que podem se tornar extensões da sala de aula e, portanto, propícios para o enriquecimento e apropriação, pelos alunos, dos conteúdos já discutidos com os professores. Dessa forma, é necessário que os museus se disponham a contribuir cada vez mais para a melhoria da atuação do profissional da educação ao proporcionar um ambiente de experiências aos seus educandos. Sendo assim, o propósito deste trabalho foi avaliar o papel educacional do Museu de Ciências Morfológicas (MCM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com ênfase nas visitas escolares em 2019. Para a realização deste trabalho, o acompanhamento das ações educativas foi realizado ao final das visitas por meio da aplicação de questionários aos professores, e através de registro escrito pelos estudantes. Foram analisados dados quantitativos e qualitativos de questionários aplicados aos professores, e comentários dos estudantes em quadro de opinião. Ao longo de 2019, o MCM-UFRN atendeu 124 instituições escolares, públicas e particulares, totalizando 4.443 visitantes desse segmento. Esses visitantes foram subdivididos de acordo com as etapas do ensino formal: infantil, fundamental I (anos iniciais), fundamental II (anos finais), médio, técnico e superior. Vinte e dois professores responderam ao questionário sobre a forma como tomaram conhecimento sobre o MCM-UFRN, a relevância da exposição como complemento às aulas formais, a atuação dos monitores, a adequação do acervo e as sugestões para melhorias no Museu em diversos aspectos. Quanto à informação sobre a divulgação do MCM-UFRN, 63,6% dos visitantes respondeu que ocorreu através da indicação de estudantes ou servidores da UFRN, seguido pelo acesso ao site do MCM (27,3%). A maioria dos professores (95,5%), respondeu que a contribuição do MCM é muito relevante para suas aulas, complementando principalmente as lacunas em relação às aulas práticas. A atuação dos monitores, bem como a metodologia utilizada nos guiamentos e intervenções, foi avaliada como excelente (81,8%). Todos os visitantes entrevistados (100%) descreveram o acervo e a infraestrutura do MCM como adequados, porém sinalizaram a necessidade de melhoria de alguns aspectos estruturais. A interação a partir da utilização de um quadro para que os visitantes expressem suas opiniões, aproxima o público da instituição tornando-se um recurso que facilita a avaliação do museu. As opiniões registradas no quadro eram, em sua maioria, comentários positivos sobre o museu, destacando a sala de Anatomia Humana como uma das mais atrativas pelo público e ressaltando a facilidade no processo ensino-aprendizagem através da metodologia utilizada. Destaca-se assim o papel educacional e social do MCM-UFRN como importante espaço que promove experiências educativas, assim como proporciona ao público a aquisição de conhecimento científico, bem como tornam-se locais de popularização das ciências.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO: O PLURAL DE CONHECIMENTO E PESSOAS NO MUSEU DA GEODIVERSIDADE

Thaís Botelho da Silva (thbotelhosilva@gmail.com)
Christiano dos Santos Barbosa (christiano2506@icloud.com)

Criado em 2007, o Museu da Geodiversidade (MCEO) está vinculado ao Instituto de Geociências (IGEO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse museu universitário detém um rico acervo que se destaca por tratar de coleções que abrangem diferentes campos do conhecimento como a mineralogia, a paleontologia e a geologia, e formam um patrimônio constituído por fósseis, rochas, pinturas de paleoarte, equipamentos científicos, entre outros, que contribuem para a pesquisa e possuem um caráter interdisciplinar. Nesse sentido, vale ressaltar a participação do museu em atividades acadêmicas para a divulgação de seus trabalhos e possibilidade de diálogo com outras instituições de pesquisa. A catalogação do acervo geocientífico é feita a partir da junção de um grupo formado por graduandos, extensionistas e bolsistas, de distintas áreas do conhecimento, como: Conservação-Restauração, História, Museologia e Geologia, assim, obtém na equipe conhecimento multidisciplinar, fazendo com que o conjunto se complemente nos divergentes âmbitos, acrescentando na formação dos estudantes ao conhecer diferentes campos do saber. Com a doação da coleção de slides, antes utilizados de forma didática na universidade, se iniciou o trabalho à nova coletânea do acervo, tornando indispensáveis as tarefas realizadas pela reserva técnica, como: a conservação preventiva e a pesquisa em torno dos itens, resultando na organização adequada das peças. Assim, esses afazeres contam com métodos tecnológicos recentes na documentação, feita por meio de plataformas digitais, mecanismos aderidos durante a pandemia, na qual foi a principal forma de inventariar a nova coleção, doada pelo professor Ismar de Carvalho, do Departamento de Geologia da UFRJ. Com o avanço da tecnologia, novos recursos surgem para a divulgação do trabalho feito no museu, por meio das redes sociais, aproximando mais o público e a comunidade universitária do conteúdo científico produzido. Além disso, diferentes formas de pensar resultam em pesquisas antes não realizadas, como as feitas pelo museu sobre antigos equipamentos científicos (hoje obsoletos) em seu patrimônio, que provocam a reflexão sobre como eram feitos os estudos antes e em como o sujeito se situa na História, visto que, no futuro, os objetos usados hoje para pesquisa serão antigos e poderão ser estudados. Com sua exposição de longa duração passando por reformas, o Museu da Geodiversidade tem como prioridade a ser realizada, na infraestrutura do prédio, a de ampliar a acessibilidade para pessoas com deficiência, seja com a presença de rampas para quem usa cadeira de rodas ou objetos disponíveis ao toque para deficientes visuais, tornando a experiência e o aprendizado no museu mais democrática. Outra questão importante é a troca de conhecimento que pode existir entre o museu, que contém um acervo de animais fossilizados, além de minerais, pertencentes a exposição “Memórias da Terra”, com grupos coletivos como quilombolas e indígenas, considerados preservadores naturais de suas terras, no intuito de contribuir na conservação do acervo de minerais e rochas para promover a conscientização ambiental e a História Natural. Em perspectivas futuras, o Museu busca tornar suas pesquisas mais abrangentes, procurando dialogar com o plural de coletivos presentes na sociedade e as distintas áreas do conhecimento.

OUTRAS MÉTRICAS PARA A RELAÇÃO ENTRE O MUSEU UNIVERSITÁRIO DE ARTE E OS ARTISTAS DO CIRCUITO

Sylvia Helena Furegatti (sylviaf@unicamp.br)

Partindo dos tensionamentos espacial e conceitual formulados pelas vertentes da arte contemporânea em sua relação com o museu de arte, esta investigação propõe-se a analisar os posicionamentos adotados na atualidade pelo museu de arte universitário em suas variantes interfaces com projetos e artistas visuais de trajetória ascendente ou já bastante bem reconhecida no circuito vigente. Visa-se ponderar sobre a possibilidade do museu universitário conduzir, por suas características próprias, tais como: estreita ligação com a pesquisa; relativa limitação orçamentária e forte capacidade propositiva para a inovação e o experimentalismo de projetos curatoriais e artísticos, que nele possamos reconhecer a existência de políticas indiciais ou bem instauradas como dispositivos regeneradores do campo museal e da própria criação artística. Com a aproximação cada vez mais evidenciada de artistas do circuito e a Universidade Pública brasileira, por meio de sua vinculação como estudantes dos Programas de Pós-Graduação; bolsistas de agências de fomento; docentes e pesquisadores gestores de museus, ao lado das atuais preocupações que orientam a instituição museológica hoje, sugere-se que alcançamos um patamar histórico e crítico de certo amadurecimento para esta análise que encontra respaldo nas teorias de importantes estudiosos como: Claire Bishop (2013), Corrine Glesne (2012), Cuauhtémoc Medina (2017), Néstor Garcia Canclini (1998), Walter Zanini, Aracy Amaral, Maria Cecília França Lourenço dentre outros autores, protagonistas diretos ou indiretos de casos exemplares para a modelagem de novas formas de interação entre esses agentes e o circuito artístico vigente. Dedicando-se ao plano assumido pelo Museu de Artes Visuais da Unicamp como “museu laboratório” (Glesne, 2012) e a partir de projetos expositivos realizados por esta instituição ao longo dos anos 2017 e 2022, a proposta para este estudo considera o histórico geral do próprio MAV Unicamp, que completou dez anos de existência em 2022, sua constituição no tempo e no lugar do campus universitário da Unicamp, a serem somados à análise do histórico de constituição e projetos pontuais, desempenhados por outros museus universitários brasileiros, tais como o MAC USP (São Paulo), o MUnA (Uberlândia - MG) e CAL UNB (Brasília). Busca-se assim compilar elementos de uma constelação de programas, editais, processos curatoriais e políticas de integração extramuros trabalhados pela Universidade por meio desses organismos culturais e museológicos, como vetores de ajustamento das distâncias entre a escola e o circuito de artes, entre o museu universitário e a pesquisa poética ou técnica destinada à atualidade da arte contemporânea. Ao evidenciar a reestruturação das distâncias entre museu e circuito, espera-se encontrar nas contaminações produzidas pela sistematização dos estudos poéticos de parte dos artistas visuais vinculados à estrutura acadêmica brasileira, a propositura de novas metodologias de projeto desempenhadas por esse tipo de museu: universitário; de arte; atuante no Brasil.

ACESSIBILIDADE DIGITAL NO MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS

Christina da Silva Camillo (christina.camillo@ufrn.br)

Tayani Zaniol (tayanizaniol@hotmail.com)

Uma das tarefas mais significativas da inclusão social, no que se refere a educação, é possibilitar a cada indivíduo a oportunidade de adquirir conhecimento sobre a ciência, assegurando condições de entendimento congruentes, de modo a ampliar seu leque de referências. Nessa perspectiva, o Museu de Ciências Morfológicas (MCM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) vem desenvolvendo ativamente inúmeros projetos para aproximar a sociedade da ciência, com destaque para educação inclusiva através do desenvolvimento do projeto intitulado: acessibilidade digital no museu de ciências morfológicas. Este trabalho tem como objetivo disseminar os conhecimentos a respeito da morfologia dos seres vivos, transpondo as barreiras do acesso à informação aos mais variados públicos. Vale salientar que o estudo da morfologia humana e animal agrega o conhecimento sobre conteúdos macroscópicos e microscópicos dos órgãos e sistemas que compõem os seres vivos e que são contemplados através do estudo da anatomia, da embriologia e da histologia. O MCM é um ambiente rico para trabalhar junto aos discentes e docentes da UFRN, o aprimoramento de suas habilidades curriculares para prática profissional, além de possibilitar a interação e aprofundamento das relações entre a educação básica e o ensino superior. Com sua dimensão comunicativa e educativa, o museu não pode descuidar de sua relação com o público, e, por isso, entende-se que é imprescindível que a política cultural, educativa e social dos museus alcance diferentes segmentos da sociedade, visando a uma maior inclusão social. Assim, está em fase de implementação um sistema de comunicação virtual acessível que reflita na descrição das salas de exposição do MCM e possibilite uma informação dinâmica sobre o conteúdo de cada ambiente para os visitantes com deficiência visual, auditiva, intelectual e comunidade em geral, através de um QR CODE posicionado na frente de cada peça disponibilizada nas salas de exposição, tornando a linguagem acessível para a diversidade de público atendida diariamente no museu. Para além do QR CODE, a equipe visa acompanhar os resultados e adequar ou implementar novas ferramentas que possam incrementar a acessibilidade comunicacional tendo como foco o principal objetivo do projeto: promover a acessibilidade. Assim, esperamos que a proposição metodológica promova a integração da informação transmutada à uma rica linguagem acessível, aliando a tecnologia, a acessibilidade e a ciência em um compasso alinhado a realidade do público visitante do Museu de Ciências Morfológicas. Vale salientar que este projeto faz parte do Programa Estruturante em Acessibilidade em ambientes culturais do Plano de Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, o qual se vincula ao Programa Mais Cultura nas Universidades, desenvolvido pelo Ministério da Cultura.

GESTÃO DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS E GESTÃO DE RISCOS: CONSTRUINDO FERRAMENTAS DE TOMADAS DE DECISÃO E IMPLEMENTAÇÃO POLÍTICAS

Vivianne Ribeiro Valença (vivianne.valenca@gmail.com)
Emanuela Sousa Ribeiro (emanuela.ribeiro@ufpe.br)

Este trabalho tem como foco as atividades relacionadas à gestão de bens culturais preservados no âmbito de instituições públicas federais, principalmente no que se refere as metodologias de gestão de risco em museus universitários. O projeto “Gestão de museus universitários e gestão de riscos: tomadas de decisão e implementação políticas para conservação e proteção patrimonial” é desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e em articulação com a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e o Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST e financiado pelo CNPq. A pesquisa objetiva desenvolver e disponibilizar ferramentas de autodiagnóstico para museus universitários que permitam avaliar, hierarquizar e padronizar demandas de museus com diferentes níveis de institucionalização, a fim de subsidiar tomadas de decisão e implementação de medidas para a conservação e proteção patrimonial, tal como definido nas determinações do Acórdão TCU nº1.243/2019 que versava sobre o levantamento dos museus e verificação das condições estruturais e de manutenção. Para tanto, nos utilizamos como ferramenta de análise e metodologia para o desenvolvimento da pesquisa, os estudos sobre os diferentes aspectos da governança que vêm sendo realizados pelos órgãos de controle externo no Brasil desde a redemocratização, em especial dos Tribunais de Contas e as Controladorias federais e estaduais, que estabelecem metodologias para a gestão de diversos aspectos das políticas públicas de cultura, as quais vêm sendo utilizadas pela Museologia mais recentemente como o IBRAM, ICCROM, IBERMUSEUS. Ainda, utilizamos dos dados produzidos pelos diversos estudos e diagnósticos desenvolvidos nos últimos 5 (cinco) anos por agentes de políticas públicas como: MEC e ANDIFES. Esta pesquisa também se apoiará em um conjunto de ferramentas de análise apresentadas pelo TCU (BRASIL, 2013), assim como o diagnóstico de museus universitários federais produzidos em decorrência do Acórdão TCU nº1.243/2019. Neste sentido, as etapas metodológicas consistem em: Revisão de literatura nacional e internacional em estudos de gestão pública, estabelecimento de três padrões de institucionalização dos museus universitários, e o desenvolvimento de um modelo de matriz de risco e modelagem do processo de autodiagnóstico a ser aplicado como estudos-piloto em museus da UFMG e UFPE. Por fim, prevemos como resultado e produto a disponibilização gratuita das ferramentas de aplicação da metodologia para todos os interessados, articulando-se com outras plataformas e ferramentas coletivas já existentes. Nessa perspectiva, buscaremos contribuir com o desenvolvimento das capacidades de gestão das universidades federais brasileiras e seus museus, permitindo aos gestores acessarem uma ferramenta de alto impacto na tomada de decisão nas instituições.

PATRIMÔNIO CULTURAL CIENTÍFICO DO ESPAÇO MEMORIAL CARLOS CHAGAS FILHO: INVENTÁRIO VOLUME I

Erika Negreiros (erikanegres@biof.ufrj.br)

Ellen Luiza da Silva Ribeiro (ellenluiza.sribeiro@gmail.com)

No protagonismo em estabelecer articulações transdisciplinares, o Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) integra o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF), museu universitário de Ciência e Tecnologia que atua em atividades de Divulgação Científica e Extensão para garantir a preservação da memória, do legado científico-cultural e da História da Ciência de seu Instituto, bem como da UFRJ. O EMCCF possui um importante Patrimônio Cultural Científico composto pelo escritório musealizado de Carlos Chagas Filho e um diversificado acervo bibliográfico, documental, audiovisual, artístico e de instrumentos científicos históricos, que constitui um rico apanhado da memória e história do IBCCF, da UFRJ e, conseqüentemente, da Ciência Brasileira. A vocação do EMCCF ampliou-se e alastrou-se para além da memória de Carlos Chagas Filho, encerrando a missão de preservar e divulgar o patrimônio material e imaterial do IBCCF e promover a educação patrimonial por meio de atividades variadas de reconhecimento de seu acervo como patrimônio cultural histórico-científico da sociedade brasileira. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar o processo de desenvolvimento do primeiro volume do “Inventário do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho”, que será composto por parte do acervo de instrumentos científicos, com versão impressa e digital com acesso através do site do EMCCF. Como desenho metodológico, o processo para a construção do inventário será dividido em três fases: seleção, pesquisa e produção audiovisual (fotografia). A seleção das peças será baseada em dois fatores: peças em exposição no museu e com a catalogação estabelecida. A pesquisa será dividida em três fases: 1) Análise das fichas catalográficas que possuem as informações obtidas pela história oral de Cezar Antonio Elias, que foi professor do IBCCF e curador do EMCCF, responsável pela guarda e preservação do acervo de instrumentos científicos do museu. As fichas possuem a descrição física do objeto, função e detalhes da conservação; 2) Análise dos catálogos de cada objeto, referências importantes para a pesquisa, com o intuito de complementar as informações já adquiridas pelas fichas; 3) Análise de dados e informações via internet, a fim de encontrar outros locais que possam ter o mesmo objeto selecionado para compor o inventário. A produção audiovisual será realizada por sessões de fotos das peças selecionadas, tratamento digital e diagramação das imagens para a versão final. A publicização do Inventário pode ser uma forma de democratização do patrimônio de ciência e tecnologia e a possibilidade de divulgação para suscitar interesse por pesquisas relacionadas à história da ciência no Brasil. Espera-se que essas atividades possam revelar à sociedade brasileira o que é desenvolvido pela universidade pública, bem como sua relevância científica e social.

OBJETOS SENTIDOS: UMA EXPOSIÇÃO PENSADA PARA O FORMATO DAS REDES SOCIAIS

Pedro Emídio Felipe Lima (pedro.emidio.096@ufrn.edu.br)
Guilherme Augusto da Cruz Costa (guilherme.costa.121@ufrn.edu.br)

Faremos uma análise da exposição virtual *Objetos Sentidos*, de 2022, do Museu do Seridó, curadoria Tiago Tavares e Silva, e suas implicações teóricas, metodológicas e políticas. Ela consiste em uma pequena seleção de peças, cada uma comentada por um membro da equipe do Museu dentro de três diferentes módulos, “Infância”, “Lugares” e “Futuros”. Os registros fotográficos com as considerações de cada participante foram postados nas redes sociais do MDS/UFRN, sempre se atentando aos processos de conservação preventiva. Há objetos que reativam nossas memórias através dos nossos sentidos. O objeto não é mais algo em si mesmo, mas um caminho pelo qual passa a educação patrimonial, uma chave explicativa das sociedades, comunidades e pessoas. Porém, sendo uma chave, é um instrumento, por isso precisa ser corretamente usada para que haja o processo educacional e comunicativo que é próprio dos museus. O museu, considerado aqui como sua equipe interdisciplinar, comunica uma história/memória/identidade de uma dada sociedade a partir, embora não necessariamente, de um objeto. É um tipo de leitura, um tipo específico que os museus usam: ler o mundo usando objetos que sociedades, ainda que dentro de poderes em tensão, julgam serem dignos de preservação e divulgação. É nesse sentido, inspirado na “palavra geradora” de Paulo Freire, que Francisco Régis Lopes Ramos desenvolve, em seu livro *A danação do objeto* o conceito de Objeto Gerador cujo objetivo central é “perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano”. Eles são gatilhos de memória disparados pelos nossos sentidos, são portais que nos levam a outros tempos, outras circunstâncias. O que está em jogo, portanto, não é a história dos objetos do museu, mas das pessoas. E não só da equipe do MDS, mas de seu público. Os membros da equipe foram também facilitadores, pois toda comunidade foi convidada a essa experiência sensorial trazida pelos objetos que a cercam ou até pelos do Museu, pois um mesmo objeto suscita diferentes memórias individuais. O que se pretende com a exposição é: a) promover o debate acerca das relações entre memória individual, memória coletiva local e identidade cultural; b) fortalecimento da relação museu-comunidade através da exposição mediada e das ações educativas a ela vinculadas; c) consolidação da presença institucional nos meios virtuais, democratizando o acesso às ações e ao acervo do Museu. Assim, entendemos que as redes sociais online não apenas podem servir de divulgação de ações ou postagens buscando engajamento, mas que são meios viáveis de se fazer uma exposição integral, com discurso, mediação e estética próprios.

APRENDENDO DE FORMA DIDÁTICA: ACERVO DE VERTEBRADOS FÓSSEIS DA COLEÇÃO DE HISTÓRIA NATURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Sonia Leticia Cordovil de Sousa (sonia.sousa@icb.ufpa.br)

Erika Mourão (mouraoeli31@gmail.com)

Através da educação não formal é possível trabalhar com temas que, por diversas dificuldades, as escolas não abordam. Nesse sentido, as coleções universitárias e museológicas se tornam mediadores essenciais para o conhecimento científico, através de grupos de profissionais interdisciplinares. Com base no exposto, salientamos a coleção de História Natural, integrada ao curso de Museologia da Universidade Federal do Pará. A coleção conta com 669 exemplares fósseis de invertebrados, vertebrados e de botânica registrados nas diversas localidades fossilíferas da Formação Pirabas, no estado do Pará. Abordaremos o acervo de vertebrados, especificamente os exemplares fósseis de Elasmobrânquios, chamados também de peixes cartilaginosos, representados pelos tubarões e arraias. Nesse acervo, os exemplares encontrados são fragmentos de “dentes” fósseis de arraias do gênero *Myliobatis* e dentes fósseis isolados de tubarões de diferentes gêneros biológicos como: *Carcharhinus*, *Sphyrna*, *Hemipristis*, *Galeocerdo*, *Isurus* e *Ginglymostoma*, que devido à dificuldade de preservação das estruturas corporais desses animais sobram apenas os dentes como registros fossilíferos. O objetivo do trabalho é produzir kits didáticos que sirvam de subsídio na extroversão do conhecimento científico, comunicando assim, de forma lúdica, a coleção universitária auxiliando na democratização dos patrimônios salvaguardados. As amostras passam por processos de musealização com a preparação dos exemplares através do processo de coleta, triagem e documentação. Para comunicar, é realizada uma seleção dos exemplares que farão parte do kit; posteriormente é realizada a limpeza mecânica com auxílio de trinchas de cerdas macias e espátulas de inox. Na documentação é feita a medição e lastreamento do número de registro no material que, em seguida, é fotografado e terá uma ficha de identificação preenchida com os dados no Tainacan, que é um software gratuito disponível nas plataformas digitais, onde o público de qualquer parte do país venha a ter acesso a coleção universitária através da internet. Por fim, o exemplar é armazenado em polietileno para a sua conservação, a fim de que não ocorra perda do material. Sendo assim, 37 fósseis de tubarões e arraias foram registrados na coleção, sendo 14 deles destinados a compor o kit didático. O kit foi elaborado a partir de uma caixa com divisórias de plástico, forrada com polietileno expandido que foi moldado, com auxílio de estilete, ao formato dos dentes para que eles ficassem fixados. Além do kit, foram elaboradas ilustrações que serviram para mostrar como os animais eram quando vivos e foram feitas também 2 (duas) réplicas em tamanho ampliado de 7 centímetros, (1) uma de dente de tubarão e outra de dente de arraia, de massa para biscoito com o intuito de possibilitar o manuseio por um público de crianças e de pessoas com deficiência visual, uma vez os fósseis são pequenos e correm risco de perda. Partindo disso, podem ser realizadas ações de extroversão que sejam inclusivas e democráticas, oferecendo acesso a coleção universitária para o público externo ao meio acadêmico. Ressaltando a importância das etapas do processo de musealização que possibilitam o acesso às coleções universitárias, que fomentam a pesquisa, o ensino e extensão, criando vínculos entre a sociedade e seu patrimônio musealizado.

O USO DE INCLUSÃO EM RESINA E RÉPLICAS ÓSSEAS PARA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA TEMÁTICA DA EVOLUÇÃO DAS NADADEIRAS DOS CETÁCEOS

Ana Bernadete Lima Fragoso (anafragoso@uern.br)

Rysónely Maclay de Oliveira (rysonely@gmail.com)

Coleções osteológicas de mamíferos marinhos têm sido fonte de pesquisas e de divulgação científica sobre a vida destes animais. Embora o número de acervos nas instituições do país tenha aumentado desde a década de 1990, o público em geral, ainda têm pouco acesso a exposições contendo este tipo de material. Os cetáceos são mamíferos com ancestrais ungulados que retornaram ao ambiente marinho. A transição da vida terrestre para a vida aquática durou milhões de anos. Por conta das adaptações anatômicas e fisiológicas, o grupo tem sido utilizado como exemplo dos processos evolutivos em tetrápodes. A comparação dos elementos ósseos da pata de um tetrápode com os de uma nadadeira peitoral de cetáceo, geralmente, é utilizada como exemplo de adaptações do grupo à vida aquática. No Brasil ocorre cerca de 46 espécies de cetáceos, desde a baleia-azul (*Balaenoptera musculus*) até golfinhos menores como o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*). O boto-cinza (*Sotalia guianensis*) por conta de seu hábito costeiro, é uma das espécies de cetáceos que mais encalha na costa brasileira. Mas, mesmo assim, há pouca informação acerca das adaptações evolutivas que esta espécie de delfínídeo possui em seus membros anteriores transformados em nadadeiras. Este trabalho teve como objetivo utilizar novos métodos de fácil acesso para elaboração de moldes educativos para divulgação científica na temática da evolução dos cetáceos. O molde foi baseado em ossos da nadadeira peitoral de um boto-cinza depositado no acervo científico do Laboratório de Monitoramento de Biota Marinha-Projeto Cetáceos da Costa Branca, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O exemplar foi encontrado morto na costa setentrional potiguar durante monitoramento periódico. A peitoral foi coletada durante a necropsia do indivíduo e radiografada, após ser armazenada congelada. Os ossos foram limpos dos tecidos moles através do processo de maceração. Foram feitos moldes dos ossos do úmero, rádio, ulna, carpos, metacarpos e falanges com massa preparada com polvilho e cola de secagem rápida. Os moldes foram preenchidos com massa do tipo biscuit. As réplicas dos elementos ósseos foram colocadas num apoio transparente sobre a radiografia para que os espaços entre os elementos fossem respeitados. Posteriormente, foi realizado o processo de inclusão com resina cristal transparente até a total cobertura de todas as réplicas. Após secagem da resina, a peça foi lixada para acabamento, de modo que ficasse transparente e as réplicas dos ossos ficassem visíveis. A moldagem dos ossos com esta massa de confecção simples e fácil permite a reutilização dos moldes e confecção de várias réplicas com o mesmo molde. O método também impede que os ossos sejam danificados durante o processo de inclusão em resina. A visualização da estrutura interna óssea da nadadeira permite uma melhor visualização dos elementos, além da comparação em termos de posicionamento, proporção e tamanho com ossos que compõem uma pata anterior de tetrápode. O uso do método permite trabalhar questões ligadas a anatomia, morfologia, osteologia, evolução e conservação com um público de idade variada sem conhecimento prévio sobre o assunto.

CINEMA NO MUSEU: DIÁLOGOS ENTRE A ARTE AUDIOVISUAL E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA UMA FORMAÇÃO CULTURAL

Danielle Cristina Pereira (danielleadm.pereira@gmail.com)
Antônio Fernandes Nascimento Junior (antoniojunior@ufla.br)

Os museus de ciências são espaços não formais de educação que têm um papel de extrema importância na formação cultural dos(as) cidadãos(ãs), pois além de aproximar a sociedade das ciências, permitem um diálogo entre a cultura, a arte, a história, o conhecimento científico e a população. Esses museus, além de contribuir para uma aproximação entre cidadãos e o pensamento científico, também podem contribuir para a formação de um olhar crítico e a tomada de decisões que visam beneficiar toda a sociedade. Por isso, o objetivo deste trabalho é trazer o diálogo entre o cinema e a divulgação científica que vem sendo promovido ao longo dos últimos 12 anos no Museu de História Natural (MHN), da Universidade Federal de Lavras (UFLA). O MHN é construído para que haja uma interação entre a formação científica (com acervos, visitas e minicursos) e a formação cultural, tendo como ideia a interação entre a própria universidade, as escolas e a população de Lavras e região. Com isso, o MHN acaba por promover encontros entre a arte cinematográfica e a sociedade, onde são exibidos diversos filmes seguidos por debates que envolvem as relações entre sociedade, história, filosofia, ciências, cultura, ideologia e política. Neste trabalho, vamos dar destaque às mostras de cinemas que acontecem desde 2008. Uma delas é o “Cinema Com Vida” que tem como viés apresentar clássicos do cinema e levantar discussões a partir da estética e tema das obras. Já o “Cinema Com Ciências” tem como foco filmes que tratam da história, filosofia e epistemologia da ciência, onde os(as) participantes têm a oportunidade de levantar questões sobre a importância das ciências para a sociedade e como se dá essa relação. O “Cine Com Memória” é feito para exibição de filmes de uma determinada época para trazer à memória grandes obras que permitem reflexões sobre a arte e sua relação com a história e a sociedade. Neste caso, a primeira mostra ocorreu em 2022, tendo três dias de exibições. A ideia foi apresentar obras da década de 1920, fazendo com que a arte pudesse despertar o encantamento, por meio da estética, e a reflexão dos(as) participantes. Os eventos têm como objetivo fazer com que a população possa ter acesso a uma formação cultural que muitas vezes é negada, permitindo um diálogo mais amplo e aprofundado sobre arte, cultura e ciência em espaços não formais, onde cada pessoa pode apresentar suas percepções sobre os mais variados assuntos apresentados nas obras. Essa iniciativa faz com o ambiente museológico se torne mais interessante, promovendo interação social, educação por meio da arte e sensibilidade sobre os temas que são abordados nas rodas de conversas que ocorrem após a exibição de cada filme. Assim, é possível oferecer um espaço mais completo, onde ciências, arte e educação dialoguem com a população.

Programa das Apresentações

29 de agosto

Terça-feira

Sessão I

Local: UNIRIO - Auditório Vera Janacopulus

Horário	Título/Autores
14h00 - 14h12	Os museus da Universidade Federal de Pelotas na formação dos estudantes do Curso de Museologia da UFPel. Carla Rodrigues Gastaud
14h12 - 14h24	OCerâmica: Recurso Educativo para noções de Conservação Preventiva no MHNJB/UFGM. Jesulino Lucio Mendes Braga, Susan Vieira Barnes
14h24 - 14h36	Os museus da Universidade Federal de Pelotas na formação dos estudantes do Curso de Museologia da UFPel. Carla Rodrigues Gastaud.
14h36 - 14h48	Conservação e interdisciplinaridade: a importância de projetos em um museu universitário. Gabriele Batista Melo da Silva; Maria Victoria do Nascimento
14h48 - 15h00	Trapiches na Amazônia: percursos de um museu no Baixo Tocantins- Pará-Brasil. Jones da Silva Gomes
15h00 - 15h12	Materioteca UEPA como museu universitário - atuações de um acervo de materiais. Lauro Arthur Farias Paiva Cohen; Nubia Suely Silva Santos
15h12 - 15h24	A conservação da fotografia na preservação da memória científica. Caroline Pinho Leal; Patrícia Danza Greco

29 de agosto

Terça-feira

Sessão I

Local: UNIRIO - Auditório Vera Janacopulus

Horário	Título/Autores
16h00 - 16h12	Sistematização e análise de dados de agendamento de grupos: fonte para aperfeiçoar ações educativas Adriana Mortara Almeida; Rayssa Soares Nunes
16h12 - 16h24	Ações do Museu de História Natural da Universidade Federal de Lavras na ampliação dos espaços de formação inicial e continuada de professoras e professores de ciências José Sebastião Andrade de Melo
16h24 - 16h36	A era da pós-verdade em ambiente escolar: o papel da Divulgação Científica no combate à desinformação Fernanda Menescal dos Santos; Thaís Patrícia Mancílio da Silva
16h36 - 16h48	Rede de museus e coleções da UFPA: uma metodologia para levantamento de coleções museológicas universitárias na Amazônia Jéssica Tarine Moitinho de Lima
16h48 - 17h00	Coleções e comunidades de interesse do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas: relações com a agenda 2030 Thiago Giordano de Souza Siqueira
17h00 - 17h12	Moldagens no acervo do Museu de Arte Sacra da UFBA: considerações sobre uma coleção esquecida Elis Marina Mota
17h12 - 17h24	Perspectivas da gestão de um acervo universitário de moda da Amazônia: a experiência da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA Paola Haber Maués; Manuely dos Santos Moraes

29 de agosto

Terça-feira

Sessão II

Local: UFRJ - Auditório Casa da Ciência

Horário	Título/Autores
14h00 - 14h12	Patrimônio Cultural Científico do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho: Inventário Volume I Erika Negreiros; Ellen Luiza da Silva Ribeiro
14h12 - 14h24	Efeitos colaterais do progresso: como a democratização da informação pela Internet nos levou à desinformação Thiago Antonio Oliveira da Costa; Milena Sant´Anna Pereira
14h24 - 14h36	Museu de Ciências Morfológicas da UFRN: ambiente facilitador no processo ensino-aprendizagem Simone Almeida Gavilan; Silmara Rossi
14h36 - 14h48	A formação da coleção Ewald Janssen do Museu Antropológico da UFG Adelmar Santos de Araújo
14h48 - 15h00	A Rede de Museus da UFPel e a construção de política para os acervos universitários Noris Mara Pacheco Martins Leal
15h00 - 15h12	O Fórum Permanente de Museus Universitários, a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários e a construção histórica de uma Pauta Unificada Maurício Candido da Silva
15h12 - 15h24	Experiência para fora das paredes do museu: higienização e acondicionamento da coleção bibliográfica do Prof. Cezar Antônio Elias Maria Clara Saldanha de Menezes Castilho; Luiza Arêas Fidalgo

29 de agosto

Terça-feira

Sessão II

Local: UFRJ - Auditório Casa da Ciência

Horário	Título/Autores
15h30 - 15h42	Outras métricas para a relação entre o Museu Universitário de Arte e os artistas do circuito Sylvia Helena Furegatti
15h42 - 15h54	Ecomuseu Ilha Grande: contradições, ações, desafios e conflitos de um "ecomuseu universitário" Gelsom Rozentino de Almeida
15h54 - 16h06	Muaran formas e desafios para extensão universitária: antes e durante a pandemia Mariana Brauner Lobato; Pedro Luís Machado Sanches
16h06 - 16h18	A Quinta da Boa Vista como museu: uma construção coletiva com as escolas Anejandra Rodrigues de Oliveira; Andréa Costa
16h18 - 16h30	O uso de oficinas de conservação e restauração como mecanismo de educação patrimonial e divulgação científica nas escolas Tatiane Siqueira da Silva de Oliveira; Beatriz Araújo Dias
16h30 - 16h42	40 anos depois... para que(m) ainda serve o Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia Amélia Pereira Costa; Marcelo Cunha
16h42 - 16h54	Uma experiência formativa em acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos; Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro
16h54 - 17h06	No escurinho da Cúpula Kwarahy: planejando ações em um museu na Amazônia Dina Carla da Costa Bandeira; Alice dos Santos Sousa
17h06 - 17h18	"Frente e Verso da Independência - história em 360°" - museu, educação e história em uma perspectiva decolonial Fernanda Silva Monteiro; Elaine Barros
17h18 - 17h30	"Ciência para bebês": um relato de experiência da Casa da Ciência da UFRJ Lívia Mascarenhas; Elaine Barros

29 de agosto

Terça-feira

Sessão III

Local: CBPF - Auditório - 6º Andar

Horário	Título/Autores
14h00 - 14h12	Diversidade de vozes, múltiplos saberes: experiências museais na UNIRIO por meio das exposições curriculares Luciana Menezes de Carvalho; Julia Nolasco Leitão de Moraes
14h12 - 14h24	O museu universitário como espaço de aprendizagem: perspectivas pedagógicas em foco Tamara Evangelista; Ana Luísa de Mello Nascimento
14h24 - 14h36	A importância da relação dos museus universitários com outros ambientes da universidade: um estudo de caso do espaço Memorial Carlos Chagas Filho com os laboratórios parceiros do Instituto de biofísica Carlos Chagas Filho Marcelly de Paula Silva Alves; Gabriella Mendes
14h36 - 14h48	Notas sobre os projetos de acessibilidade do Museu de Arte Murilo Mendes Carmem Lúcia Altomar Mattos
14h48 - 15h00	Memória e Identidade nos depoimentos orais do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho Rafaella Magalhães Carvalho; Ana Beatriz Salviano de Souza
15h00 - 15h12	Para que(m) serve(m) as exposições de paleontologia dos museus universitários brasileiros diante das mudanças climáticas? Josiane Kunzler
15h12 - 15h24	Diversidade e inclusão: o plural de conhecimento e pessoas no Museu da Geodiversidade Thais Botelho da Silva; Christiano dos Santos Barbosa

29 de agosto

Terça-feira

Sessão III

Local: CBPF - Auditório - 6º Andar

Horário	Título/Autores
16h00 - 16h12	"Murilo Mendes - o olho armado": a pesquisa do Prof. Arlindo Daibert para a preservação da memória do poeta Murilo Mendes no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) Valtencir Almeida Passos
16h12 - 16h24	O MAV como agente transformador no cotidiano e cultura de Campinas Marina Victória Santos de Almeida
16h24 - 16h36	Entre olhares e experiências no Museu de Arte da UFC Vitória Stephani de Oliveira Costa Teixeira
16h36 - 16h48	A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão praticada no Museu de História Natural do Araguaia Márcia Cristina Pascotto
16h48 - 17h00	Para um museu vivo: o processo de elaboração do plano museológico participativo do MAP/UFPI Vinicius Melquíades dos Santos; Renata Larissa Salles Quaresma Lage
17h00 - 17h12	Gestão inclusiva e acessibilidade digital nos museus universitários Ana Cecília Rocha Veiga
17h12 - 17h24	A coleção de história natural da Universidade Federal do Pará: moluscos fósseis e a nossa relação com a natureza Bruna Maria Araújo de Melo Maranhão; Barbara Alves Sepulveda

30 de agosto

Quarta-feira

Sessão I

Local: UNIRIO - Auditório Vera Janacopulus

Horário	Título/Autores
09h00 - 09h12	NUMMUS: contribuições, desafios e perspectivas de uma experiência de Metamuseologia Ivan Coelho de Sá
09h12 - 09h24	O audiovisual experimental na coleção Amazoniana: entre a obra do acervo e o documento de arquivo Orlando Franco Maneschky; Danilo Baraúna
09h24 - 09h36	Por dentro de um Museu Universitário: a atuação do Museu de Anatomia por dentro do corpo - UFRJ Ludmila Ribeiro de Carvalho
09h36 - 09h48	Museu da Casa do Sertão UEFS: espaço multirreferencial de aprendizagem no Portal do Sertão Baiano Cristiano Silva Cardoso
09h48 - 10h00	Professor protagonista no Museu de Ciências da Vida: formação continuada de professores subsidiada por coleções e museus universitários Marina Cadete da Penha; Prof. Dr. Athelson Stefanon Bittencourt
10h00 - 10h12	Fazer ecoar vozes tornadas inaudíveis, visibilizar corpos tornados invisíveis: os povos originários no Museu da UFAC. Gerson Rodrigues de Albuquerque
10h12 - 10h24	Museus Universitários de Arte no Brasil: perspectivas e atualizações Humberto Torres Gonzales

30 de agosto

Quarta-feira

Sessão I

Local: UNIRIO - Auditório Vera Janacopulus

Horário	Título/Autores
11h00 - 11h12	Patrimônio e os objetos dos laboratórios de física experimental da área básica II da Universidade Federal de Pernambuco Tiago Alexandre da Silva Valle, Marcus Granato
11h12 - 11h24	A visitação ao Museu Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia (NOAP/UFBA) Pós-Pandemia COVID-19 Wander Santana Prado Ribeiro; Rejâne Maria Lira da Silva
11h24 - 11h36	Desafios de implementação de processos sistemáticos de registro de Patrimônio Geoespeleológico de Cavidades em Formação Ferrífera Bandada, Serra dos Carajás Antônio Emídio de Araújo Santos Júnior
11h36 - 11h48	Potencial Turístico dos museus: um olhar sobre o Museu ao Ar Livre Princesa Isabel e Memorial da Balaiada Vânia Medeiros Ribeiro; Sara Regina Farias Pacheco
11h48 - 12h00	Educação Museal Online. Exposição Museal Educativa. Relações Pedagógicas Museais. Redes Sociais Digitais. Animais Peçonhentos Marglyn Anne Santana de Oliveira; Mariana Rodrigues Sebastião de Almeida
12h00 - 12h12	Patrimônio Universitário e a pesquisa científica: uma reflexão a partir de produções que versam sobre coleções da Universidade Federal de Ouro Preto Edson Fialho de Rezende; Leandro Benedini Brusadin
12h12 - 12h24	Entre vozes e memórias: a formação da coleção Coral Champagnat PUCPR Mariane Macagnan Pagio; Janaik Helcias Firmino Baum

30 de agosto

Quarta-feira

Sessão II

Local: UFRJ - Auditório Casa da Ciência

Horário	Título/Autores
09h00 - 09h12	A conservação preventiva como ação fundamental para a salvaguarda das fotografias da sala do Diretor do Instituto de Biofísica da UFRJ Gabriela Breda Guimarães
09h12 - 09h24	Gestão do Acervo Arqueológico do MAE-UFPR Sady Pereira do Carmo Júnior; Leonardo Correia Marcoccia
09h24 - 09h36	Experiências e expectativas na implementação de atividades lúdico-pedagógicas pelo Setor Educativo no Memorial da Medicina Brasileira (FMB-UFBA) Paula Campelo Barbosa
09h36 - 09h48	Análise do processo de colaboração entre a Coleção Universitária de História Natural do Curso de Museologia (UFPA) e a Coleção Didática Emília Snethlage (MPEG) Rayana Alexandra Souza da Silva; Neuza Araujo Fontes Freire
09h48 - 10h00	Desafios na documentação museológica e nas práticas de conservação em uma curadoria colaborativa: estudo de caso das novas coleções do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional - UFRJ Paula de Aguiar
10h00 - 10h12	Mulheres Cientistas nos Museus Camila de Macedo Soares Silveira; Daniel Mauricio Viana de Souza
10h12 - 10h24	Coleções em Coletivo: parceria institucional como fortalecimento de coleção universitária e coleção didática em Belém, PA Bianca Cristina Ribeiro Vicente; Doriene Monteiro Trindade

30 de agosto

Quarta-feira

Sessão II

Local: UFRJ - Auditório Casa da Ciência

Horário	Título/Autores
11h00 - 11h12	Aprendendo de forma didática: acervo de vertebrados fósseis da coleção de história natural da Universidade Federal do Pará Sônia Letícia Cordovil de Sousa; Erika Mourão
11h12 - 11h24	Extensão universitária para dentro e para fora da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG Cristofane da Silva Queiroz; Rúbia Fonseca
11h24 - 11h36	Mostra Virtual "Pesquisa e Extensão na Rede de Museus": diagnóstico e planejamento estratégico a partir de um portfólio de atividades de iniciação científica e extensão realizadas por museus e espaços de ciências e cultura da UFMG Marcus Marciano Gonçalves da Silveira
11h36 - 11h48	Gestão de Museus Universitários e gestão de riscos: construindo ferramentas de tomadas de decisão e implementação políticas Viviane Ribeiro Valença; Emanuela Sousa Ribeiro
11h48 - 12h00	Cinema no museu: diálogos entre a arte audiovisual e a divulgação científica para uma formação cultural Danielle Cristina Pereira; Antônio Fernandes Nascimento Junior
12h00 - 12h12	O uso de inclusão em resina e réplicas ósseas para divulgação científica na temática da evolução das nadadeiras dos cetáceos Ana Bernadete Lima Fragoso; Rysónely Maclay de Oliveira
12h12 - 12h24	Os Museus Universitários e os estágios do Curso de Museologia da UFOP Gilson Antonio Nunes

30 de agosto

Quarta-feira

Sessão III

Local: CBPF - Auditório - 6º Andar

Horário	Título/Autores
09h00 - 09h12	Para que(m) ainda serve o Museu de Geociências da USP? Reflexões - 1993-2023 Miriam Della Posta de Azevedo
09h12 - 09h24	Explorando a pluralidade de mundos indígenas: uma reflexão a partir da exposição "Mundos Indígenas" Karenina Vieira Andrade; Débora de Magalhães Lima
09h24 - 09h36	As coisas da química: os objetos de ciência e tecnologia da antiga Escola de Química de Pernambuco Vilckma Oliveira de Santana
09h36 - 09h48	Fundo Documental José Augusto de Araújo: condições de guarda e pesquisas sobre história política e Ditadura Civil-Militar no Acre Francisco Bento da Silva
09h48 - 10h00	Como queremos nosso museu: experiências de um projeto para criação de um museu para a UNIRIO Luiza Henriques Costa Pereira; Brunna Ellen de Almeida Santos
10h00 - 10h12	A condução de novas experiências museológicas no Planetário da UFG Michele Ferreira Martins
10h12 - 10h24	Notas, números e considerações sobre os museus universitários no nordeste brasileiro Marcilio Nóbrega Lisboa; Bruno Melo de Araújo

30 de agosto

Quarta-feira

Sessão III

Local: CBPF - Auditório - 6º Andar

Horário	Título/Autores
11h00 - 11h12	Museu como campo de estágio para cursos de licenciatura: nova metodologia em espaços não formais de ensino Renata Swany Soares do Nascimento; Maria Eduarda Lacerda Cavalcanti Denes
11h12 - 11h24	Objetos Sentidos: uma exposição pensada para o formato das redes sociais Pedro Emídio Felipe Lima; Guilherme Augusto da Cruz Costa
11h24 - 11h36	O Nó de uma Rede: o acervo de História Natural do Curso de Museologia da Universidade Federal do Pará Sue Anne Regina Ferreira da Costa
11h36 - 11h48	Acessibilidade Digital no Museu de Ciências Morfológicas Christina da Silva Camillo; Tayani Zaniol
11h48 - 12h00	Fortalecimento da relação entre o museu e o público: experiências do Museu Histórico e Pinacoteca da UFV Michele Micheleti de Mello; Chirle Aparecida Gomes
12h00 - 12h12	Como nasce um Museu Universitário nos sertões? Reflexões e estudo de caso a partir do Museu do Seridó (CERES/UFRN) Tiago Tavares e Silva; Vanessa Spinosa
12h12 - 12h24	Atuação do Museu de Arte Sacra da UFBA junto à comunidade do seu entorno Priscila Batista Rabelo; Jucilea de Cerqueira Santos
12h24 - 12h36	Prática decolonial no Museu de Artes Visuais da Unicamp: ações em destaque Ariane Heloise de Carvalho

VIFPMU

Rio de Janeiro

28.08 a 01.09

2023

www.fpmu.com.br